

A VERDADE SOBRE O 11 DE MARÇO

● RELATÓRIO OFICIAL EM SUPLEMENTO DL

JOC: SOCIEDADE SEM EXPLORAÇÃO

A Juventude Operária Católica, que já sob a ditadura fascista era a mais radicalizada e combativa das organizações de leigos católicos, emitiu um enérgico comunicado em que repudia «as orientações dadas por Rádio Vaticano e outras entidades da Igreja, que são entendidas no sentido de levar os católicos portugueses a votarem em partidos que representam os interesses daqueles que sempre os têm explorado».

A J. O. C. distinguiu-se pelas suas constantes atitudes de in-

dependência em relação à hierarquia da Igreja. Das suas fileiras vieram muitos dos «católicos progressistas» cujo combate foi decisivo nos últimos anos do regime fascista, não sendo poucos os que a P. I. D. E./D. G. S. torturou e prendeu. Denunciando as coacções e ingerências de entidades da Igreja no processo eleitoral (referem-se concretamente a Conferência Episcopal, o órgão da Diocese de Braga e a direcção do Conselho de Leigos do Porto, além da

estação oficial do Vaticano), a J. O. C. avança por seu lado uma proposta de actuação revolucionária:

«É aos trabalhadores que compete decidir o seu futuro», diz o documento da organização, para abrir a tese de que «a luta dos trabalhadores portugueses aponta para a construção de uma sociedade em que não haja explorados nem exploradores». Assim, «reconhecemos que uma sociedade deste tipo se aproxima da mensagem e da prática dos primei-

ros cristãos ao contrário de qualquer modelo capitalista ou neocapitalista. A Igreja de Jesus Cristo deve ser a Igreja dos pobres e oprimidos, sem estar ligada a qualquer partido ou regime político, competindo aos cristãos comprometerem-se em organizações revolucionárias de forma a que a luta contra a exploração e a criação de uma sociedade sem classes se realize, não à margem, mas em conjunto com todos os explorados».

VOTO EM BRANCO: «INDESCULPÁVEL»

Jogando com as conotações religiosas da «culpa irremissível», a que serão talvez sensíveis as camadas mais atrasadas do eleitorado católico, a «coordenação» da Comis-

Continua na pág. 20

POVO DA COMENDA SIM À COOPERATIVA



A Comissão Coordenadora encarregada do processo dos baldios das «costas» usurpados ao povo da Comenda, aldeia situada a 4 km. de Portalegre, mostra os terrenos onde vai nascer uma cooperativa de produção. (Ler na pág. 7)

IMPEDIDO UM COMÍCIO DO C.D.S.

NOVE FERIDOS EM BRAGA

BRAGA, 22 — Nove feridos, dois dos quais internados no Hospital de S. Marcos, e depreciações na sede local do C.D.S., apedrejamento durante largo tempo — eis o balanço de prolongados recontros que agitaram ontem esta cidade, impedindo na prática a realização de um comício do mencionado partido.

Hoje de manhã um informador do hospital escusou-se a revelar-nos a identidade dos dois internados, mas desmentiu que qualquer deles tivesse sido atingido com um tiro na cabeça, como constava. Outros sete homens passaram pelo banco, três feridos à pedrada, um à navalhada, um outro à paulada, um ainda a soco e um último à garrafada.

Rajadas espaçadas, disparadas por forças do Copcon do Porto, dissuadiram os manifestantes anti-C.D.S. (inicialmente activistas do Comité de Braga da Zona Ribeiro dos Santos do M.R.P.P., mais tarde acrescentados de gente de outras formações políticas) na sua tentativa de destruir a sede do partido visado. Aliás, somente cerca de duas horas e meia depois de os incidentes começarem, isto é, por volta da meia-noite, pôde restabelecer-se a calma (relativa) no centro da cidade.

Estas violências em Braga seguiram-se a um caso idênti-

co ocorrido anteontem em Guimarães e saldado com 20 feridos, como noticiámos em tempo. Concretamente o C.D.S. marcou um comício para o Teatro-Circo, mas logo os empregados da casa de espectáculos suspeitando que haveria boicote (circulava de facto um rumor nesse sentido), entraram em contacto com a direcção local do partido e puse-

ram-lhe o seguinte problema: quaisquer estragos no teatro significariam o seu encerramento por um período mais ou menos longo — e um «golpe» na bolsa dos trabalhadores. A comissão concelhia do C.D.S. desmarcou então a sessão e propôs-se fazê-la ao ar livre, na Avenida Central, diante da sede.

Continua na pág. 5

A DEMISSÃO DE THIEU CLASSIFICADA DE FARSA PELO VIETCONG

SAIGÃO, 2 — (R.) — A demissão do presidente Van Thieu foi hoje classificada pela Frente Nacional de Libertação como «uma farsa que não engana ninguém, um truque pouco hábil» preparado pelos Estados Unidos.

Esta foi a reacção do representante oficial do Vietcong às conversações de cessar-fogo em Saigão, que há muito se encontram paralisadas.

Apesar da forma categórica como o delegado comunista reagiu, alguns diplomatas em Saigão continuam convencidos de que o afastamento de Van Thieu poderá ter um efeito positivo, permitindo chegar a um acordo de cessar-fogo com as forças do Vietcong que apertam cada vez mais o cerco a esta capital, depois de terem conquistado mais de dois terços do país.

Segundo os mesmos observadores, tudo depende agora da natureza do Governo formado pelo novo presidente, Tran Van Huong, e o seu sincero desejo de pôr fim à guerra.

Por outro lado, as ásperas recriminações ontem feitas por Van Thieu contra os Estados Unidos no seu discurso de demissão parece terem provocado uma vaga de sentimentos antiamericanos entre a população do território ainda em poder do Governo.

«CRISTÃOS PELO SOCIALISMO» FALAM

«Pensamos que a opção a fazer-se é a opção por uma sociedade sem classes, por uma sociedade socialista, por uma sociedade comunista, e que a sua construção efectiva, dura e prolongada, exigirá o nosso total empenhamento», afirmaram esta manhã representantes dos «Cristãos pelo Socialismo» durante uma conferência de Imprensa.

No início da reunião com os jornalistas foi lido um documento em que os «Cristãos pelo Socialismo», depois de afirmarem que «apesar de serem muitos os partidos que se apresentam às eleições para a Assembleia Constituinte as suas posições podem ser reduzidas a duas — partidos burgueses e partidos dos trabalhadores» — concluem que os «trabalhadores cristãos deverão assumir a solidariedade da sua classe, condição indispensável e garantia da sua vitória sobre os exploradores».

Este grupo de cristãos que se constituiu em movimento em Setembro do ano passado, engloba cristãos militantes em vários partidos — desde o P.P.M. até grupos da extrema-esquerda — definiu depois a sua posição perante as eleições:

«Para nós o leque de opções que se oferece ao povo português nestas eleições deve ser perfeitamente demarcado: entre os partidos que defendem os interesses dos trabalhadores e os outros.



LENINE NASCEU HÁ 105 ANOS

Lenine nasceu há 105 anos, a 22 de Abril de 1870. Pela primeira vez, Portugal não é obrigado a esquecer ou ignorar a efeméride.

Teorizador marxista e homem de acção, a ele se deve a prática revolucionária que iniciou a grande viragem da História, conduzindo as massas trabalhadoras ao poder na União Soviética, eliminando a exploração do homem pelo homem e abrindo o caminho para a sociedade justa pela qual os homens desde sempre lutaram. Cabe a Vladimir Ilich Ulianov Lenine o mérito genial de transformar as teorias de Karl Marx numa prática política de importância decisiva para levar os trabalhadores ao poder.

Profeticamente, ele diria: «A

nossa luta é justa, porque todos os povos do Mundo seguirão o nosso exemplo». Prática internacionalista, o marxismo-leninismo, transformou-se na bandeira do proletariado internacional até à sua libertação. Hoje, mais de um terço da Humanidade vive em socialismo. Este objectivo orienta o enorme potencial de luta de todos os trabalhadores explorados.

Lenine está cada vez mais vivo, e nomeadamente, em Portugal, onde foi traçado o caminho irreversível para a sociedade socialista que, com toda a sua natural originalidade, irá necessariamente entroncar no pensamento e prática marxista-leninista.

Continua na pág. 20

estúdio
444

Sessões Cinex (Antestreias)
Organizadas por LUIS MACHADO
e pela Revista de CINEMA CINEX
As 19 horas

HOJE, DIA 22 INTERDITO A M/18 ANOS

TODA A NUDEZ SERÁ CASTIGADA

c/ PAULO POTO e DARLENE GLORIA



DIA 23 — ANA E OS LOBOS (GRUPO D - 18 ANOS)

SINDICATO DOS TRABALHADORES DO COMÉRCIO DO DISTRITO DE LISBOA

Sede: Av. da República, 29-27 — Telef. 574073
LISBOA

COMUNICADO RAMO AUTOMÓVEL

Convocam-se todos os trabalhadores deste ramo inscritos neste Sindicato para a reunião da próxima quarta-feira, dia 23, às 21.30 horas, com a seguinte ordem de trabalhos:

1. Resultado da reunião do passado dia 17, com Delegados das linhas de montagem e Indústrias subsidiárias (Reconversão do Sector);
2. Nomeação de 2 trabalhadores do Sector de Vendas para a Comissão Regional do Sul e, simultaneamente, nomeação de 1 trabalhador para a Comissão Nacional.

Não faltes! A reunião realiza-se na sede deste Sindicato — Av. da República, 29, LISBOA.

Pela COMISSÃO DIRECTIVA
(Ilegível)

Lisboa, 21 de Abril de 1975.

De ontem para hoje Paulo Quintela 40 anos depois

Muitos professores, alunos e funcionários da Universidade de Coimbra estiveram presentes no acto durante o qual o prof. Paulo Quintela foi, finalmente, empossado na cátedra de Filologia Germânica, da Faculdade de Letras. Paulo Quintela está, como se sabe, prestes a atingir o limite de idade.

Ao usar da palavra, o reitor da Universidade, prof. Teixeira Ribeiro sublinhou que o acto de posse se deveria ter registado há quatro décadas, em razão dos méritos, que, há muito, concorrem no conhecido professor. O regime deposto quis, porém, inutilmente obliterar esses méritos, em virtude de convicções políticas que não afinavam pelos dogmas salazaristas.

Nas palavras com que agradeceu a presença da numerosa assistência e as apreciações elogiosas do reitor, o prof. Paulo Quintela preferiu não falar no passado que lhe prejudicou a carreira docente, limitando-se a comentar, relativamente às circunstâncias de que foi vítima, que «basta o que basta».

LIVROS ESPANHÓIS

Quinhentos livros técnicos estão patentes, até ao próximo dia 28, na biblioteca da sede da Ordem dos Engenheiros, em Lisboa, numa mostra que constitui a continuação das actividades de promoção realizadas pelo Sector de Livros da Câmara de Comércio e Indústria Luso-Espanhola, que, posteriormente, apresentará estes volumes no Porto e em Coimbra. A inauguração assistiram o embaixador de Espanha, António Poch, o adido cultural italiano, prof. Ricardo Averini, o bastonário da Ordem dos Engenheiros, eng.º João Cunha Serra e outras individualidades, entre as quais livreiros portugueses e espanhóis.

«NEUES DEUTSCHLAND»

Para assinalar a inauguração da delegação permanente no nosso país do jornal «Neues Deutschland», o adido de Imprensa da República Democrática Alemã, Manfred Bleskin, apresentou aos jornais portugueses, num hotel de Lisboa, o dr. Klaus Steiniger, que entre nós representará aquele diário, o mais importante da R. D. A. Além de jornalistas portugueses, encontravam-se presentes os representantes da Tass e da Novosti, bem como o embaixador da R. D. A.

SAÚDE MENTAL

No Porto, o director-geral de Saúde, dr. Arnaldo Sampaio, tratou de vários problemas da assistência psiquiátrica da zona Norte, durante uma reunião no Hospital de Magalhães Lemos. Sobre a preparação dos

médicos, o dr. Arnaldo Sampaio referiu que, de uma vez por todas, se tem de acabar com a ideia de o médico aprender a tratar nos hospitais os pobres, para depois, livremente, curar os ricos. Ficou decidido levar a cabo, em data a fixar, o I Encontro de Saúde Mental da Zona Norte.

OS MORTOS

Já estão identificadas as duas vítimas mortais do acidente de viação ocorrido na Pondeiros e que ontem noticiámos. Trata-se de Eduardo Almeida Cardoso e Maria de Lurdes de Almeida Bessa Fuente Honrato, ao que parece, em Corroios.

Entretanto, perderam também a vida em acidentes de viação: perto de Ansião, Coimbra, D. Zulmira Conceição Alcobia, de 84 anos; viúva (despiste do automóvel em que seguia); perto de Cantanhede, o pedreiro Saul de Jesus Ferreira Dinis, de 20 anos, natural de Corticeira.

ro de Cima (colisão de motoreta com um monte de tijolos); e no lugar de Cavaleiros, Arcouço, Mealhada, o agricultor Herculano Marques Neves, de 35 anos, casado (desastre com tractor).

No Bombarral, foi trucidado por um comboio Arcelino dos Santos, de 54 anos, morador em Carvalhal. E, próximo de Santa Comba de Rossas (Bragança), quando pretendia apagar um fogo que lavrara em mato baixo, morreu carbonizado o agricultor Herminio Augusto Rodrigues, de 69 anos, casado.

Finalmente, em Bismula, Sabugal, quando procedia ao carregamento de estrume para um carro puxado por uma junta de bois, foi esmagado por um dos

rodados Manuel Francisco Leal, de 64 anos, casado.

SANEAMENTO

Nos termos da Lei de Saneamento, foi suspenso das suas funções o dr. João Manuel Pestelo de Deus Figueira, adjunto do secretário do Governo Civil do Distrito de Lisboa. Por força da mesma legislação, foram demitidos da função pública Eduardo Augusto Taveira Teixeira Leite, segundo oficial da Secretaria da Câmara Municipal de Amarante e António Rodrigues Amaro, zelador do Município de Carrizosa de Ansiães. Igualmente demitido da função pública, por despacho do ministro do Trabalho, o licenciado Alberto Moreira de Oliveira, delegado de 2.ª classe.

PELA "LIBERTAÇÃO IMEDIATA DE ANTIFASCISTAS PRESOS"

Promovida pela Associação das Famílias dos Antifascistas Presos, efectuou-se ao fim da tarde de ontem uma manifestação entre o Rossio e o Palácio de S. Bento, pela «libertação imediata dos antifascistas presos» e na qual se incorporaram alguns milhares de pessoas. No início e no final da manifestação houve pequenos comícios, em que usaram da palavra, designadamente, duas mães de presos, um ex-presos, dois soldados, assim como um dos 48 advogados que subscreveram um abaixo-assinado de protesto a apresentar ao Governo. Os oradores, na generalidade, insisti-

ram no carácter «arbitrário», «injusto» e «ilegal» das prisões.

A manifestação percorreu o seu itinerário sem incidentes e quando chegou a S. Bento já ali se encontravam uma companhia do R. A. L. 1 e alguns elementos da P. M. e da P. A., que cercavam por completo o recinto fronteiriço ao Palácio.

A pedido de elementos da comissão directiva da A. F. A. P., os oficiais deram ordem a que as fileiras da frente recuassem, a fim de permitir que os oradores falassem nos degraus da escadaria.

INTERSINDICAL NACIONAL

Reforço da organização dos trabalhadores nas empresas

«Combater as tendências «autogestionárias» ou «cogestionárias», cujas consequências são a divisão dos trabalhadores e o desvio das organizações sindicais dos seus objectivos fundamentais de luta, na defesa dos interesses dos trabalhadores pela consolidação da democracia económica do País e combater as objecções reacçãoárias que, apelidando as nacionalizações

de medidas de «capitalismo de Estado», mais não pretendem que lançar os trabalhadores contra a medida histórica tomada pelo Conselho de Revolução» — foram duas das propostas aprovadas por unanimidade no Plenário Extraordinário da Intersindical, na cantina dos Ferroviários, com a participação de representantes de mais de cem sindicatos.

Propõem também que seja

«estimulada, reforçada e corrigida a organização dos trabalhadores nas empresas, no sentido de consolidar a sua unidade, base indispensável para que os trabalhadores passem a controlar a vida económica das empresas, nomeadamente nos sectores da tesouraria e da contabilidade, dos stocks de matérias-primas e produtos acabados, das importações e exportações, dos preços de custo e de venda dos produtos e da qualidade e quantidade de produção».

Os trabalhadores pedem que «O Conselho da Revolução institucionalize o controlo económico das empresas pelos trabalhadores, através da via sindical, como medida essencial para impedir a sabotagem económica».

TERRAS EXPROPRIADAS: PATRIMÓNIO NACIONAL

Participaram em bloco num Plenário da Intersindical, pela primeira vez, os sindicatos agrícolas dos distritos de Beja, Évora, Portalegre, Santarém e Lisboa.

Aprovada por unanimidade e aclamação a seguinte proposta: «os solos a expropriar devem ser considerados património nacional e sem qualquer tipo de indemnização e que as expropriações não devem incidir apenas nos solos mas também sobre os bens existentes nas explorações».

Pretende-se ainda que a agricultura tenha prioridade nos investimentos e que seja criado um sistema de crédito agrícola canalizado para novas explorações.

Dicionário

russo-português

MOSCOVO, 22 — (ANI) — Foi editado pela primeira vez em Moscovo um dicionário técnico português-russo. Os seus autores, Vladimir Matceev e Konstantin Asriyants, incluem nele cerca de 36 000 vocábulos de muitos sectores da ciência e da técnica.

LAR DOS FILHOS DE OFICIAIS

Está anunciado para o dia 23 de Maio, às 13 horas, no Lar Académico dos Filhos de Oficiais, em Oeiras, um almoço de confraternização dos antigos alunos e professores.

As marcações fazem-se para a Avenida Duque de Loulé, 86, r/c, dt., Lisboa, ou pelos telefones 42202 ou 45959.

AS NEGOCIAÇÕES ANDARAM E OS PADEIROS NÃO PARARAM

Os progressos verificados nas negociações ao contrato colectivo de trabalho entre representantes da Indústria da

PROFISSIONAIS DE HOTELARIA

Os profissionais da Indústria Hoteleira que não disponham do cartão de aprendiz ou da carteira profissional deverão regularizar a sua situação, mediante uma certidão que a entidade patronal é obrigada a assinar, segundo um comunicado do Sindicato dos Profissionais da Indústria Hoteleira.

Panificação e do Sindicato respectivo levaram os trabalhadores a pôr de parte a hipótese de greve, à escala nacional, prevista para hoje.

Nas reuniões de ontem foram aprovadas as cláusulas relativas a férias (21 dias para os trabalhadores com 2 anos de serviço, 30 dias para os que tenham mais de dois anos, 30 dias para todos os menores de 18 anos), ao trabalho diurno, bem como a aspectos formais do próprio contrato e à definição das categorias. As negociações prosseguiram hoje no Ministério do Trabalho.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA E EDUCAÇÃO PERMANENTE DIRECÇÃO-GERAL DOS ASSUNTOS CULTURAIS TEATRO NACIONAL DE S. CARLOS

TEMPORADA DE ÓPERA E CONCERTO DE 1975
HOJE — (Dia 22) — AS 21.15 HORAS (GRUPO B - Maiores 10 anos)

A ÓPERA KATJA KABANOWA

de L. JANACEK
(Estreia em Portugal)

Distribuição:

Katja Kabanowa	HILDEGARD BEHRENS
Tichon Kabanow	WILLIAM COCHRAN
Kabanicha	SOMA CERVENA
Barbosa	PATRICIA PARKER
Boris	ALLEN CATHCART

e HEINZ HAGENAU, HEINZ MEYEN, TADAO YOSHIE, EUSIE MAURER, MARIA KOUBA
e MARGARETHE NEDELKO

Direcção Musical: EDWIN SCHOLZ Encenação: VOLKER SCHLÖNDORFF

Cenografia: EKKEHARD GRÜBLER

Produção da FRANKFURTER OPER ORQUESTRA FILARMÓNICA DE LISBOA

post scriptum

A CRISE DAS ARTES GRÁFICAS

Queixam-se os industriais gráficos, e com razão, de que cada vez recebem menos encomendas. Mas como é isso possível, se cada vez são precisos mais impressões? Porque os que não são encomendados nas tipografias com as portas legalmente abertas, são executados em gráficas ilegais. São ilegais e todos sabem da sua existência. Desde o Governo (este e o outro, pois o mal já vem de longe) ao último tipógrafo, passando por todos os proprietários de tipografias.

Depois, há uma série de bons clientes, como companhias de seguros bancos, laboratórios, etc, que verificavam ao fim do ano, que gastavam «demasiado dinheiro» em trabalhos tipográficos e, sem pedir licença a ninguém, na maioria dos casos, toca de comprar máquinas de pequeno e até já médio «Offset», passando a imprimir em casa. Daí resulta que:

1. — Um indivíduo ou indivíduos que queira abrir uma gráfica têm de cumprir mil condições burocráticas e monetárias, sob pena de passarem a «fora-de-lei». Entretanto, outros imprimem sem licença nenhuma, roubando assim o Estado;

2. — Um industrial gráfico, se quer um impressor para determinada máquina exige-lhe, por lei, a carteira profissional (tão difícil de conseguir, como oficial, após anos de porfiado esforço). Entretanto, outros arranjam um porteiro ou contínuo mais «jeitoso» e promovem-nos a «borra-papel»;

3. — Os ex-clientes, que nos obrigavam a trabalhar com a máxima perfeição, hoje já sabem dizer: «O que é preciso é que se leia, a qualidade não interessa».

Destas circunstâncias decorre a grave crise que a arte gráfica atravessa. Há a ameaça de fecho de oficinas, lançando-se no descrédito pessoas que sempre foram honestas e no desemprego artistas que sabem e querem trabalhar. Tudo por causa de alguns capitalistas sem escrúpulos nem moral, que inventam maneiras de aumentar ainda mais os seus lucros, não cumprindo a lei.

A crise é real todos a conhecem todos falam dela, todos criticam. Nunca vi um problema de trabalho que, tanto como este, afecte simultaneamente patrões e empregados. É a ocasião para, em conjunto, tanto a Associação das Indústrias Transformadoras de Papel como o sindicato pressionarem as entidades governativas, de modo a se encontrar uma solução. Exigir que só imprima quem para isso pague as contribuições de industrial gráfico. Que só imprima quem tenha carteira profissional.

Que não se diga que a classe gráfica, sempre na vanguarda da conquista das liberdades e da justiça, não tem agora «unhas» para defender o seu pão!

Ramiro da Silva Ramos — Cova da Piedade

DEMOCRACIA PLURALISTA

Se aceitarmos a divisão do povo em duas classes completamente opostas e economicamente inconciliáveis porque defendem metas totalmente distantes (exploradores e trabalhadores), teremos de concordar que a social-democracia jamais poderá atingir o socialismo, na medida em que, para o fazer, teria de destruir aquilo que não tem em vista, ou seja o regime capitalista, em que a exploração do homem pelo homem continuaria a substituir com todo o seu cortejo de injustiças, desemprego guerra, crises económicas, fome.

Para acreditarmos como possível, através da social-democracia, a implantação do socialismo, teríamos de admitir como possível também uma atitude humanista, voluntária e filantrópica, da classe dominante, uma renúncia total dos seus benefícios económico-sociais, que transcende as possibilidades dos detentores do capital, dos meios de produção e do poder económico. Seria uma atitude antinatural, isoladamente possível, mas colectivamente impossível. Seria uma atitude admissível na lenda do «pelicano», segundo a qual este rasgava o próprio peito para alimentar os filhos, mas infelizmente sem exemplo na vida real.

O «socialismo em liberdade» total — proque «a democracia não é de uma classe, mas de toda a gente», como defendem os sociais-democratas e certos socialistas «nem carne, nem peixe» — é pura demagogia eleitoral, que não resiste à mais pequena observação. Demagogia perigosa que, se não fora a vigilância do M.F.A., nos poderia levar à repetição do «utopismo» de Salvador Allende e, portanto, a uma nova carnificina, de que seriam vítimas não só os militares progressistas como também o próprio povo.

O socialismo em democracia pluralista só será possível quando a via socialista estiver devidamente defendida pelas armas e apoiada pelo povo trabalhador. Isto faz pressupor uma série de medidas limitativas, que condicionam a liberdade dos partidos ao fim a atingir: o socialismo.

A via original portuguesa oferece essa possibilidade através do seu garante — o M.F.A. — desde que as decisões deste sejam obtidas através de um órgão colectivo vigilante da doutrina e coordenador das linhas gerais da Revolução Socialista, constituído exclusivamente por elementos militares progressistas, rigorosamente seleccionados, para se evitar a intromissão de indivíduos interessados na sua destruição ou desvio.

Mas, quando se fala na via socialista, pretende-se, não uma implantação temporária, mas um processo irreversível para a sua implantação total e acelerada. Para um bom êxito da implantação do socialismo em liberdade, terá de manter-se, sem prazo de tempo, a institucionalização do M.F.A. e o pacto deste com os partidos progressistas.

M. Valente — Lisboa

ALGUNS PROBLEMAS DA NACIONALIZAÇÃO DA BANCA

Por RODRIGO DE MCTEZUMA

UM ASPECTO DO PAPEL DA BANCA

A nacionalização da Banca está realizada. É um facto que, neste momento, não interessa discutir. Se quisermos ser construtivos devemos discutir, sim, os termos em que essa nacionalização deve assentar.

E depressa. Depressa, porque os acontecimentos aceleraram a nacionalização, não se tendo assim tornado possível que, «a priori» se esquematizassem os seus termos, se regularizassem acordos, se clarificassem situações, se renegociassem compromissos, se definissem políticas... Há portanto que fazer tudo isso «a posteriori».

Foquem alguns aspectos.

Foi feita uma nacionalização. Mas o que certamente se pretendia, e pretende, fazer não é propriamente uma nacionalização, mas sim uma socialização. Por isso há que determinar a forma como devem ser preenchidos os quadros administrativos da banca, forma essa que deverá ser essencialmente democrática e não por nomeação arbitrária.

Em cada banco, ou em cada instituto bancário, se assim vierem a chamar-se, deverão ser as assembleias gerais dos trabalhadores a eleger os seus quadros administrativos, por votação secreta de propostas livremente apresentadas. Se assim não for, se o preenchimento dos quadros administrativos for deixado ao livre arbítrio de alguém ou de alguma entidade, não teremos socialização, mas, quanto muito, uma simples nacionalização, que entre outros aspectos, poderá vir a ter o de capitalismo de Estado.

Outro aspecto a focar é o do papel extremamente importante que a Banca deverá desempenhar no restabelecimento da economia nacional.

Mais do que nunca as nossas actividades económicas necessitam do apoio bancário para vencerem as suas dificuldades. Apoio que também mais do que nunca se reveste de extremo melindre, pois vai ser ariscado em empresas em crise, na maior das vezes para resolver encargos correntes e não de investimento. Por isso, a Banca nacionalizada — preferíamos poder dizer socializada — tem que estruturar a sua actividade em moldes totalmente diferentes.

Anteriormente, o apoio bancário era concedido por via de regra às «empresas do grupo» e aos amigos; muitas das vezes contra os famigerados avales pessoais. Quer dizer, o crédito industrial e comercial não passava nas suas linhas gerais de um crédito meramente pessoal.

Ora, com a Banca nacionalizada, (que pena, ainda não poderemos dizer socializada!) acabaram-se as «empresas do grupo». Com a nova ética acabaram-se os amigos e os avalistas pessoais. Estes, os avalistas pessoais, acabaram fisicamente, por defeito próprio; certamente não se encontram agora, nem desejamos encontrar, os potentados financeiros cujas assinaturas até serviam para justificar o financiamento de actividades falidas e sem

quaisquer possibilidades de recuperação.

A rápida nacionalização operada exige neste aspecto uma igualmente rápida estruturação dos serviços de apoio financeiro às actividades económicas. A Banca tem que se preparar urgentemente para poder conceder o seu apoio às actividades económicas e não às pessoas que as dirigem ou que por elas queiram comprometer-se. Tem pois que dispor de meios que lhe permitam avaliar rapidamente qual a viabilidade das empresas, acompanhar o seu futuro desenvolvimento, promover a sua prosperidade... Mas tudo em plena independência, sem se deixar cair na tentação de exercer o poder económico. Nem o poder, nem o paternalismo, nem o nepotismo. Se não, não...

A PEQUENA POUPANÇA

Um aspecto a regularizar com a maior urgência é sem dúvida o modo de compensação dos antigos accionistas. É um tema escaldante.

Porque numa primeira aproximação poderá parecer que se está querendo contrariar um princípio certamente tido por primordial: a anulação do poder económico, e consequentemente político, que representava a posse da Banca por grupos financeiros privados. No entanto, temos que encarar este problema friamente, sem paixões, atendendo a aspectos humanos e ao interesse do nosso País.

É quase certo que muitas das posições accionistas sejam representadas pela peque-

na poupança, cujos detentores, muito louvavelmente, preferiram investir as suas economias na actividade económica. Em vez de as esconder, debaixo do colchão ou no pé de meias velhas.

Não é justo que essa pequena poupança se sinta prejudicada pelo simples facto de ter praticado o louvável acto de investir as suas magras economias. É pois justo que estas situações sejam contempladas com urgência.

Para além destes aspectos, há ainda que considerar o interesse da economia nacional. É absolutamente indispensável a aplicação da pequena poupança no circuito produtivo.

Para isso, há que inspirar confiança nos pequenos aforradores. Mostrar-lhes que mesmo em caso de nacionalização os seus interesses serão devidamente acautelados.

Não esqueçamos: se em economia capitalista é necessária a aplicação da pequena poupança no circuito produtivo, ela ainda o é mais, em economia democratizada.

E porquê? Porque a democratização do capital, eliminando os grandes grupos financeiros, distribui a capacidade financeira pela grande maioria dos cidadãos, cujo investimento no circuito produtivo se torna por isso imprescindível. Reconhece-se que será difícil, senão impossível, encarar a hipótese de um rápido reembolso por valores justos.

Mas haverá que encontrar soluções dentro de um duplo critério de justiça social e interesse económico do País.

A HOMOSSEXUALIDADE NEM UM PECADO NEM UM VÍCIO

Por BRUNO FRAPPAT

A onda de «libertação» sexual, que caiu sobre a França há seis ou sete anos, foi útil, atrevo-me a dizê-lo, à homossexualidade. Dizer se a vida dos homossexuais foi concretamente transformada por isso, seria, no entanto, aventuroso.

Há várias maneiras de abordar a questão da homossexualidade. Nem todas visam o mesmo público. Desde o princípio do ano que pode encontrar-se nos quiosques uma revista mensal de nome «Homo», abundantemente ilustrada com fotografias de homens nus e com desenhos. Não se trata de uma publicação confidencial destinada a alguns amigos escolhidos. A tiragem dos dois primeiros números foi de cem mil exemplares, que, na sua maioria, foram vendidos.

«Homo», afirma a sua redacção num editorial, *existe para aqueles que praticam mas também para todos os que admitem e querem compreender*. Para nos ajudar, são-nos propostos testemunhos, um léxico, um encontro com Marc e Charles, casal de homossexuais, uma conversa com um «prostituto» do Palais-Royal, em Paris.

Não será o problema tratado com demasiada rapidez? É a impressão que nos dá a leitura desta revista que decerto possui um mérito: o de ser a primeira no género; e também um defeito: ser tão simplista como

as pseudorevistas de sexologia destinadas aos heterossexuais.

UM TRABALHO DE BENEDITINOS

Ao contrário da redacção de «Homo», é um trabalho de beneditinos aquele a que se dedicaram em 1971, dois investigadores, Michel Bon, sociólogo, e Antoine d'Arc, psicólogo.

Ambos realizaram um vasto inquérito junto dos sócios do clube Arcadie, único movimento homófilo que existe em França. Mais de mil homossexuais responderam a perguntas, muitas delas anodinas, outras íntimas. No fim de 1974 publicaram com tudo isso um enorme trabalho, tão austero e pesado como sólido e documentado, provavelmente o trabalho mais fino e completo realizado em França sobre o assunto.

Mesmo que a leitura das quinhentas e vinte páginas do *Relatório sobre a homossexualidade do homem* seja por vezes desagradável, temos de convir que ela é rica de ensinamentos inéditos e inesperados. Todos os aspectos da vida dos homossexuais foram analisados, codificados, postos em correlação, quer se trate da psicologia dos pais, quer da atitude da sociedade, da sua maior ou menor aceitação das práticas sexuais. Sabe-se, por exemplo, que 69 por cento tiveram uma infância feliz e uma mão afectuosa, que só um

quarto dos homossexuais brincaram em criança como as meninas, que a prática sexual preferida está ligada à idade. Sabe-se também, com certo espanto, que um homossexual em seis é ou foi casado, que muitos deles se divorciaram e um em dez teve filhos. Mais espantoso ainda, segundo os autores, é o facto de 4 por cento dos homófilos celibatários terem filhos. Saber-se-á, em todo o caso, que um homossexual casado aos vinte anos tem mais possibilidades de ter filhos do que o homossexual celibatário.

Há neste relatório um nunca acabar de notas curiosas, inéditas ou conhecidas. Trata-se de um trabalho de consulta a que talvez falte, da parte dos autores, um comentário que saísse do asfíxiante amontoado de números. Esse trabalho de reflexão e de síntese fá-lo o padre Marc Oraison, que também é médico, num livro, *O Problema Homossexual*. Marc Oraison, que há mais de vinte anos tem recebido no seu consultório de psicoterapeuta (e de padre) dezenas e dezenas de homossexuais, quis simplesmente dizer-nos o que pensa do caso.

AS PERGUNTAS DE MARC ORAISON

Num trabalho escrito por uma pena inteligente que mal

tem tempo de aprofundar uma ideia, logo outra já surgiu, Marc Oraison propõe uma interpretação média da homossexualidade. Média porque se situa a meio caminho entre a condenação e a exaltação. Não julga, não glorifica, analisa à luz da experiência terapêutica.

Não querendo deixar-se apanhar na armadilha das palavras, ele afirma que a homossexualidade não existe, o que existe são seres humanos que, a partir do momento em que adquiriram consciência da sexualidade, têm emoções ou atracções explicitamente sexuais por indivíduos do mesmo sexo. A partir da observação do real, que fez renunciar Marc Oraison aos seus antigos preconceitos, o autor dá a sua explicação do facto homossexual, facto individual que não pode pôr-se na conta de uma pretensa «sociedade» culpada.

Marc Oraison não se recusa a considerar o facto de ser homossexual como «anormal», mas não põe juízo moral nesse adjectivo. Toda e qualquer evolução afectiva e psicológica de um ser humano é condicionada de modo absolutamente central pela dualidade sexual constituída, isto é, pela diferença. Pode dizer-se que uma pessoa com tendências homos-

Continua na pág. 12

Nacional

O M.D.P./C.D.E. NO TEATRO ÁDÔQUE

"COM ACTOS E NÃO COM PALAVRAS"

«A partir de 11 de Março», admitiu ontem à noite Daniel Cabrita no Teatro Ádôque, «houve de facto em Portugal uma viragem à esquerda.» E acrescentou: «O M. D. P./C. D. E. regressou ao Governo Provisório e, como partido revolucionário que é, continuará, com actos e não com palavras, na sua linha política.»

A sessão, convocada especialmente para os bancários de Lisboa, tinha em princípio um outro orador: o prof. Francisco Pereira de Moura, ministro sem pasta. Mas afazeres de última hora no Ministério da Administração Interna impediram-no de comparecer.

O Teatro encheu-se. Aguardavam-se reflexões sobre a nacionalização do sector bancário e elas vieram. Disse Daniel Cabrita, antigo dirigente sindical, hoje membro do Gabinete do ministro do Trabalho e candidato por Lisboa do M. D. P./C. D. E.:

«Os empregados das empresas nacionalizadas são neste momento a vanguarda dos trabalhadores portugueses. Do que eles fizerem depende o êxito ou o malogro das medidas económicas tomadas. Se não se compreender que é fundamental pensar, não em reivindicações pessoais, mas no futuro, dar-se-á uma reversão do processo e a direcção da economia terá de ser devolvida aos antigos capitalistas.»

Palavras que temperou com outras de sentido esperançado:

«Estou porém confiante em que os trabalhadores são capazes de responder a este desafio e, conseguirão fazê-lo de forma revolucionária.»

«O PARTIDO do futuro»

A intervenção de fundo de Daniel Cabrita começou com uma nota acerca do papel dos trabalhadores bancários no apeamento do regime caetanista. Para o orador, «a luta reivindicativa travada pelos bancários durante a vigência do regime fascista foi um importante contributo para o movimento revolucionário que culminou no 25 de Abril». Aliás, essa mesma atitude de luta e vigilância explicaria o facto de o M. D. P./C. D. E. concorrer, só no círculo de Lisboa, com três bancários na lista.

Passou depois Cabrita a uma análise do que é o M. D. P./C. D. E.:

«Afirmando há alguns dias que o M. D. P./C. D. E. é um partido «saudosista». Na realidade, lembramos frequentemente o passado, mas isso não impede que sejamos o partido do futuro», disse neste passo, para acrescentar:

«Recordamos a acção do M. D. P./C. D. E. antes do 25 de Abril para que nos não confundam com «revolucionários» de 26. O nosso partido foi um dos motores principais da Revolução e um dos obreiros fundamentais na construção da democracia em que hoje vivemos.»

DEFENDER A DEMOCRACIA

Da sua experiência como dirigente sindical tirou Daniel Cabrita argumentos para comparar o que foi (antes do 25 de Abril) e o que deve ser (após o 11 de Março nomeadamente) a luta dos trabalhadores. Assim, se no anterior regime era preciso fazer sair os trabalhadores da geral apatia, urgindo-lhes ao combate das estruturas caducas, hoje o escopo é outro: trata-se de defender a demo-

cracia e garantir, consolidar, se se quiser, os direitos já conquistados.

«Só após o 11 de Março», sublinhou, «é que a democracia ficou garantida em Portugal.»

Veio então a explicação de como, até ao 11 de Março, a hesitação em atacar latifundiários e monopolistas redundou em repetidos actos de sabotagem económica, cuja perigosidade não oferecia dúvidas. Esses actos, porém, foram sempre denunciados pelo povo.

«No fundo», explicou Cabrita, «a reacção não contou com a capacidade de luta do povo.»

«A própria polémica estabelecida à volta da unicidade sindical», referiu ainda, «terá sido um risco ao esboçar a divisão da classe trabalhadora.»

A terminar a assistência pôs perguntas à mesa, representada em torno de Daniel Cabrita por elementos das bases socioprofissionais do M.D.P./C.D.E. nos Bancos da Agricultura, Espírito Santo e Comercial de Lisboa, Nacional Ultramarino, Totta e Açores, de Angola e Funchal e Burnay. Temas dominantes: a conjuntura política, o novo rumo da economia portuguesa, o futuro do sector bancário.

PROJECTO PARA CRIAÇÃO DE UMA EMPRESA ESTATAL NO RAMO DO TURISMO

Na sequência de uma reunião convocada pela Direcção-Geral do Turismo, na qual participaram todas as entidades ligadas ao sector turístico, constituiu-se um grupo de trabalho, encarregado de apresentar um projecto para o funcionamento e institucionalização de uma empresa estatal, que, intervindo no mercado, possa coordenar e dinamizar a actividade do mesmo sector.

Tendo em vista conseguir o máximo de eficácia, acordou-se em que, sem prejuízo da necessária colaboração de todos os ramos da actividade turística, o grupo de trabalho seria integrado por represen-

tantes das seguintes entidades:

- Federação dos Sindicatos dos Profissionais da Indústria Hoteleira.
 - União dos Grêmios do Sul
 - Sindicato dos Guias e Interpretes de Portugal.
 - Grémio Nacional das Agências de Viagens.
 - Sindicato dos Empregados dos Serviços Administrativos da Marinha Mercante, Aeronavegação e Pesca e
 - Companhia de Transportes Aéreos Portugueses.
- Coordenados pela Direcção-Geral do Turismo, estão já em curso os trabalhos tendentes à concretização do objectivo proposto.

SESSÕES E COMÍCIOS PARA HOJE

F.E.C. (M-L)

No Pavilhão dos Olivais, em Coimbra, às 21 horas; na Associação Desportiva da Covilhã, às 21 horas; no Clube «Os Fizes», em Queluz de Baixo, às 18 e 30; no Bairro Janeiro, na Amadora, às 21 e 30; na Escola de Cajados (Palmela), às 21 e 30; em Caminha, às 21 e 30; em Peniche, às 21 horas; em Altura (Mariani) e Junqueira, no distrito de Faro, às 21 horas; em S.Roque, S.Martinho e Funchal, na ilha da Madeira, às 19 e 30; e ainda na Faculdade de Medicina, no Porto, às 17 e 30; na Sonafri, em Matosinhos, às 18 e 30; na Efaced, na Maia (Porto), às 18 e 30; na Casa do Povo de Longra (Felgueiras), às 21 e 30; em Marco de Canaveses, às 21 e 30; em Baião, às 21 e 30; em Macieira de Lixa, às 21 e 30; nos Bombeiros de Coimbrões, Casa do Povo de Santa Marinha, do Zêzere, Canelas e Santo Tirso, também às 21 e 30.

F.S.P.

Nos Bombeiros Voluntários de Fanhões; na Sociedade Boa União, em Lisboa; no Casal de Mira; no cinema de Aveiras de Cima; em Tondela; Vilar Seco e Faial, no distrito de Viseu; em Picassinos (Marinha Grande); em Castelo de Vide (Portalegre); Cartaxo, Entroncamento, todas às 21 e 30; Tramagal e ainda Afife (Viana do Castelo) e Vila Viçosa, às 21 horas; e em Olhão e Sagres, às 22 horas.

L.C.I.

No Cinema Condes, em Lisboa, com Alain Krivine, às 21 e 30; e em Mara d' Aire, também às 21 e 30.

M.D.P./C.D.E.

As 21 e 30; no Porto, com José Tengarrinha; em Oliveira do Hospital, com Vitor Costa e Armando Gomes; na Chamusca, com Alberto Branco; em Abrantes; em Valpaços, com Marília Matos; em Campo de Ourique, em Lisboa, com Felicidade Alves, em Ovar, com Manuel Freire, Mário Vaz, Pompílio Souto, Fernando Telles e António Galhordas, e ainda no Funchal, Mértola, Vidigueira, Serra (Beja), Miranda do Douro, Obidos, Porto de Mós, todos às 21 horas; e também em Sendim (Miranda do Douro), às 16 horas; na Direcção-Geral de Edifícios, em Lisboa, às 17 horas; na Metalofábrica, em Odivelas, às 17 horas; na C.P.E. (Rua Mouzinho da Silveira), em Lisboa, com Ana Maria Alves, às 17 e 30; Sabugo (Carnide), com Joaquim José Dias, às 17 e 30; na Direcção-Geral dos Serviços de Urbanização, em Lisboa, às 17 e 30; na empresa J.J.Gonçalves, com Lino de Carvalho, às 18 horas; na Biblioteca Nacional, com Tavares da Cruz, às 18 horas; na Mesa (Cacém), com Graciete Baptista e Levy Baptista, às 18 horas; no refeitório da Carris, com Fernando Carvalho e Artur Jorge, às 18 horas, e ainda em Vila Franca do Rosário (Mafra), Póvoa de Santa Iria, no Clube de Teatro 1.º Acto em Algués; em Vila Franca de Xira, Penedos (Alenquer), Pocariça (Alenquer), Tires (Carcavelos), Murtal (Paredes), Caixaria (Torres Vedras), Jerumelo (Mafra), no Bairro da Estrada Militar, em Queluz; na Sociedade Filarmónica de Azambuja (Torres Vedras), no «Nacional» ao Beato (Lisboa), em Paço de Arcos, na Musgueira (Lumiar), na escola de Santo António dos Cavaleiros, em Vilar (Cadaval), e em Pero Negro (Sobral de Monte Agraço), todas às 21 e 30.

M.E.S.

Em Faro, às 21 e 30; na Academia Paço do Lumiar; na Cooperativa Sacavenense, em Sacavém; nos Bombeiros de Vila Franca de Xira; no Clube Arrudense, em Arruda dos Vinhos, e ainda na Nacional Rádio, em Cruz Quebrada.

P.C.P.

Na Figueira da Foz, para encerramento da campanha eleitoral, com a presença de Álvaro Cunhal, Benjamim Banha, Carlos Campolargo, S.José Cardoso, Carlos Figueira, António Henriques, Lousã Henriques, José agostinho Marques, Vital Moreira, Pires da Rocha, Isabel Sabrosa, Blaquim Teixeira e Alberto Vilaça, às 21 e 30; e ainda na Ericeira, com Mário Castrim, Mariana Rafael e José Pedro Soares, às 21 horas; no cinema de Sintra, às 21 e 30; em Elvas, com José Alberto Amarante, António Gervásio, Almeida Pires, Diogo Velez e Urbano Tavares Rodrigues, às 21 horas; em Setúbal, com António Santos, Dália Ferreira, Hélder Madeira, José Manuel Figueiredo e Dias Lourenço, às 21 e 30; em Trofa (Santo Tirso), às 21 e 30; em Maia (Porto), às 21 e 30; em Matosinhos, às 21 e 30; na Régua, com Virgílio Alves, Silva Costa, Maximino Cunha, Margarida Tengarrinha e Medeiros Ventura, às 21 e 30; na Gafanha da Nazaré (Ilhavo), às 21 e 30; em Mirandela, às 21 horas; em Tortozendo (Castelo Branco), às 21 e 30; em Castro Marim (Algarve), às 21 e 30; e em Portimão, às 21 e 30; na Ota (Alenquer), às 21 e 30; em Abrigada (Alenquer), às 21 e 30; em Santiago dos Velhos (Arruda dos Vinhos), às 21 horas; na Papelaria Fernandes, ao Rato, em Lisboa, às 18 e 30; na Direcção-Geral de

do Povo de Corroios, às 21 horas; no Atlético Clube de Arrandela (Seixal), às 21 horas; na Escola Paulo Gama, no Seixal, às 21 horas; e no Paio Pires Futebol Clube, às 21 horas.

P.P.D.

No Pavilhão dos Desportos, em Lisboa, com Magalhães Mota, Pinto Balsemão e Mário Pinto; em Campo Maior (Portalegre); em Almeirim, com Furtado Fernandes e Santos Oliveira; em Monforte da Beira, Malpica do Tejo (Castelo Branco), Marinha das Ondas (Figueira da Foz), Serpins (Lousã), Ribas (Poiarses), Ovar (Góis), Ponte de Sótão (Góis), Arazede (Montemor-o-Velho), Verri-de (Montemor-o-Velho), Grasfemes (Coimbra), Cernache do Bonjardim, Aldeia das Dez (Oliveira do Hospital), S.Paio de Gravanços (Oliveira do Hospital), Santo Amaro (Penela), Pihanços (Guarda), Aldeia Viçosa (Celorico da Beira), Valado de Frados, Pataias e Alpedriz, no concelho de Alcobaça; nos Bombeiros de Alcácer do Sal; Palhais (Barreiro), na Casa do Povo de Melides (Grândola), no Cine-Teatro do Montijo, em S.Somings da Serra (Santiago de Cacém), Sesimbra, Ponte de Lima, Lordosa (Viseu), e em Lapas (Santarém), todos com início às 21 e 30.

P.P.M.

No Teatro Vale Formoso, no Porto; nos Bombeiros Voluntários de Sobral de Monte Agraço e em Torres Novas, às 21 e 30; em Monforte da Beira, Vila Nova de Tazem (Guarda), Folgosinho (Guarda), Alegrete (Portalegre), S.Salvador (Beja) e Santar (Beja), às 21 horas, e ainda em Riachos (Torres Novas), às 18 e 30.

P.S.

Em Vila Nova de Gaia, Póvoa de Varzim, na Escola Clara de Resende, no Porto; nas empresas Alumina, Valentine Portuguesa, e Utic, no Porto; na firma Albano Moreira dos Santos, em Rebordosa (Paredes), em S.Mamede Infesta, em Aguiar (Gondomar), em Venda Nova (Rio Tinto), em Feteira (Soure), Gesteira (Soure), S.Sebastião (Penela), Basfemes (Coimbra), Figueira da Foz, Pessegueiro (Pampilhosa da Serra), Mourinho (Tábua), Antuzede (Coimbra), Anobra (Condeixa), Aljustrel, Covilhã, Conceição de Tavira, Odeaxere e Estoi, no distrito de Faro; Cunheira, Maranhão e Ponte de Sor, no distrito de Portalegre; e ainda em Vila Chã de Sá, Rio de Loba, Vila Nova do Campo e Canas de Senhorim, no distrito de Viseu. No Liceu de Bragança, às 21 e 30, haverá também uma sessão com a presença de Raúl Rego, Paulo Quintela, Afonso Machado e Carlos Morgado.

P.U.P.

Na Academia Almadense, em Almada; no Porto; na Sociedade Recreativa de Ferragudo; e no Estádio Municipal de Loulé, às 21 horas.

U.D.P.

No Imparcial, Casal Ventoso, em Lisboa, às 21 horas; na Sociedade Musical Alunos de Alves Rente, às 21 horas; na Colectividade de Pero Pinheiro, às 21 e 30; no cinema Ferroviários, no Barreiro, às 21 horas; no Centro Social Bem-Estar, no Laranjeiro, às 21 horas; nas Caldas da Rainha, às 21 e 30; na Moita da Barquinha (Entroncamento), às 21 horas; no Pavilhão do Académico, no Porto, às 21 horas; e na Escola do Magistério Primário, em Castelo Branco, às 21 e 30.

AVISO

AOS MEMBROS DAS MESAS DAS ASSEMBLEIAS OU SECÇÕES DE VOTO

O Secretariado Técnico dos Assuntos Políticos do Ministério da Administração Interna informa que nos próximos dias 23, cerca das 21,30 horas e ainda no dia 25 às 20 horas, a Rádio Televisão Portuguesa exibirá um filme onde se exemplificam as operações a cumprir pelos membros da mesa após o encerramento da votação no dia da Eleição.

CAMPANHA DE NORTE A SUL



"AS VERDADEIRAS LIBERDADES DO POVO"

«Nós queremos que, no futuro, fique expresso na Constituição a liberdade de expressão de pensamento, a liberdade de formação de partidos políticos, a liberdade de reunião, de manifestação, a liberdade sindical, a liberdade de greve, a liberdade religiosa» — afirmou, no grande comício efectuado no Porto, Carlos Costa, da comissão política do P.C.P., refutando os que afirmam ser este partido «contra a liberdade». O orador defendeu uma passagem pacífica para o socialismo e fez-o nos seguintes termos: «Nós não somos adeptos da violência pela violência. Nós desejamos que a revolução democrática passe à revolução socialista pela via pacífica com um mínimo de condições possíveis. E estão criadas as forças necessárias para conseguir este grande objectivo no nosso País».

Para o período de transição que se irá viver, o Partido Comunista Português defende uma constituição que «garanta a construção de um Estado democrático a caminho do socialismo em que já vigorem a democracia política, a democracia económica e a democracia social». «Neste Estado demo-

crático — afirmou mais adiante — os trabalhadores terão um papel cada vez mais importante na gestão de toda a vida económica nacional. E quanto maior for o seu papel na gestão das fábricas, na gestão de toda a vida económica nacional, maior será também o seu poder político, a sua participação no poder político. Isso é na verdade uma condição essencial do socialismo». Perante as muitas dezenas de milhares de pessoas que enchiam o Estádio das Antas o orador do P.C.P. disse também: «Os direitos que nós reclamamos são as verdadeiras liberdades do povo. É este o Estado democrático a caminho do socialismo que nós preconizamos. É certamente bem diferente do chamado «socialismo em liberdade» preconizado por Mário Soares, Galvão de Melo e Spínola. Com isto nunca ofendemos os socialistas do Partido Socialista. Esses homens querem de facto o socialismo eles querem-no e nós abrimos-lhes os braços. Nós fazemos um apelo a todos os socialistas para caminharem connosco, com o Partido Comunista, para a construção de facto, do socialismo em Portugal».

sário respeitar» lê-se num comunicado da Comissão Política do Conselho de Lisboa do P. P. D., em que se defende que a «nova vida política, económica e social, colocada ao serviço do povo português, não se pode concretizar sem uma ampla participação dos partidos que têm um efectivo apoio popular».

O comunicado é motivado pelo facto de, segundo o P. P. D., ter-se recorrido ultimamente «às mais diversas formas difamatórias quanto à orientação ideológica e à prática do Partido Popular Democrático».

Refere então o comunicado do P. P. D. que «durante a se-

mana que passou foi distribuído um pasquim em que se, por um lado, se aludia ao carácter democrático e progressista do P. P. D., por outro lado, se fazia um apelo e uma campanha contra a infiltração do comunismo e se pedia o seu derrube. A manobra é clara e a tentativa de envolvimento do P. P. D. numa campanha anticomunista não é original. O processo já foi tentado noutras regiões e a resposta terá que ser a mesma: — não pactuamos com a reacção! Repudiamos esta manobra fascista e exigimos a identificação dos seus responsáveis. Viva o socialismo democrático! Viva a liberdade!»

já». Isso não podia ser. Temos uma aliança com os movimentos de libertação e devemos lá continuar enquanto eles o

acharem necessário. Lutamos por um Portugal fora da N. A. T. O. e da N. A. T. O. fora de Portugal.»



FESTA NO PORTO

As comissões de Miragaia, S. Nicolau e Vitória, da Frente Eleitoral de Comunistas (F. E. C. (m-l)) promoveram, no Porto, uma festa popular durante a qual foi divulgado aos moradores destas zonas o programa da organização.

A festa começou com algumas canções interpretadas por Tino Flores, militante da F. E. C. (m-l). Fizeram intervenções de esclarecimento político vários oradores um dos quais deu esclarecimentos sobre os acontecimentos ocorridos, quando foi apreendido ao P. P. D. um conjunto de matracas,

algumas delas com inscrições (como «Aos queridos comunistas»), material de agressão que foi mostrado aos populares. Foi mais uma vez tornada pública a posição da F. E. C. (m-l) sobre as eleições e outros oradores manifestaram-se em defesa de uma política de independência nacional, contra os imperialismos. A exploração capitalista, a questão da habitação, o colonialismo e temas sindicais, constituíram os assuntos de outras intervenções. Terminando, voltaram a ser cantadas canções, por um grupo infantil da freguesia de Miragaia.



"CRIAR O PODER POPULAR"

«Neste momento abalado num dos seus pilares fundamentais, a máquina militar, o Poder do Estado acha-se entre nós dividido, mantendo-se nele a burguesia ainda com lugares importantes, por intermédio dos seus representantes — C. D.S., P.P.D., os socialistas-democratas que dirigem e outros». Afirmou o operário metalúrgico, António da Silva Santos ao referir-se, num comício do M. E. S. no Porto, às nacionalizações e ao atacar o poder económico dos grandes capitalistas.

Entretanto num comício em Portalegre, em que as palavras de ordem foram «lutar, criar e fortalecer o poder popular», Nuno Teotónio Pereira referiu-se ao apoio que o M. E.

S. dá ao M. F. A., na sua facção progressista («a que está ao lado do povo, das massas populares e não daqueles que se acoitam por detrás do M. F. A.») e considerou inaceitáveis as atitudes dos partidos «ditos de extrema-esquerda, que atacam directamente o M. F. A., não lhe deixando nenhuma alternativa».

Acerca da luta anticolonial este dirigente do M. E. S. frisou:

«O M. E. S. esteve sempre na luta anticolonial, em solidariedade revolucionária com o povo das colónias para derrubar o imperialismo. Mas, mesmo assim, não concordamos com alguns grupos da extrema-esquerda, que dizem: «Regresso dos soldados



"A QUINTA DINASTIA"

Para os monárquicos, do Partido Popular Monárquico, o 25 de Abril poderá ter sido o começo da quinta dinastia, segundo as declarações destes numa sessão na Casa do Povo da vila piscatória de Mira. O

processo desencadeado há um ano pelos capitães foi aí comparado à revolta de 1640. Foram oradores da sessão Paulo de Miranda Catarino, advogado, Margarida Passanha, professora, e Condes Gouveia, inspector.

Em S. Pedro de Abrantes, os candidatos por Santarém do P. P. M. fizeram o elogio do partido e analisando a presente situação política, disseram das razões pelas quais o partido não assinou o Pacto M. F. A. — partidos políticos. Entre os oradores contou-se o secretário de Estado do Ambiente, eng. Gonçalo Ribeiro Telles, que se debruçou sobre a modalidade de reforma agrária proposta pelo P. P. M. Em seguida, os candidatos dialogaram com a assistência.



"1.º DE MAIO DE UNIDADE"

«Alguns candidatos do P.S. à Constituinte, indo ao encontro do próprio sentir e pensar do Secretariado, e não querendo que os trabalhadores portugueses estejam divididos ao fim de um ano de Revolução consagrada pelo País e pelo Mundo, propuseram que o 1.º de Maio fosse uma data que a todos unisse», informou Mário Soares no comício do P.S. que teve lugar ontem à noite no Teatro Laura Alves, ao ser convidado pela mesa a usar da palavra, pois aparecera inesperadamente na sala.

«Estava pois ali — disse o dirigente do P.S. — para propor aos partidos democráticos, e em especial ao P.C.P. que

o 1.º de Maio seja uma grande jornada de unidade e reconciliação de todos os trabalhadores, empenhados no processo revolucionário em curso».

Noutro teatro, o Vasco Santana, trataram-se problemas de ensino. José Castelo, candidato por Lisboa falou do Serviço Cívico, tendo afirmado:

«Para nós, o serviço cívico não vai resolver absolutamente nada. O que é preciso é que haja uma ordem democrática nas escolas, pois sem isso não é possível resolver os problemas do ensino em Portugal.» Considerou, todavia, um ponto importante o facto de os exames escritos já poderem ser feitos em cada escola.

ROSA COUTINHO:

NÃO AO "SOCIALISMO DOS PAÍSES DO LESTE"

HAMBURGO, 22 — (U.P.I./A.N.I.) — O almirante Rosa Coutinho afirma, em entrevista publicada no semanário «Der Spiegel», de Hamburgo, que as eleições para a Assembleia Constituinte, não darão lugar à formação de um novo Governo.

«Há muitos partidos em Portugal e estas eleições terão apenas um significado limitado», afirmou o almirante, membro do Conselho da Revolução.

«Consideramos que os partidos são necessários e precisamos da sua colaboração construtiva... Temos de remodelar a nossa economia e devemos criar uma nova estrutura. Portanto, não nos podemos dar ao luxo de entrar em conflitos partidários, precisamos de cooperação», declarou o almirante.

Rosa Coutinho afirmou que estava a imaginar o Movimento das Forças Armadas a transformar-se num movimento político.

«O Movimento das Forças Armadas tem um espectro ideológico vasto, que aponta para o socialismo, mas não está bem claro qual o tipo de socialismo», considerou Rosa Coutinho, que disse não acreditar num socialismo de Estado do tipo do dos países do Leste europeu.

«Penso que este socialismo de carácter monolítico não é adequado ao nosso povo. Um sistema como o que existe na Jugoslávia, em Cuba, no Peru ou na Argélia é o que procuramos. No entanto, ainda não nos comprometemos», sublinhou o almirante.

RELAÇÕES COM A COREIA DO NORTE

Do Ministério dos Negócios Estrangeiros recebemos o texto do comunicado conjunto hoje divulgado simultaneamente em Pyongyang e em Lisboa pelos governos da República Popular Democrática da Coreia e da República Portuguesa:

«O Governo da República Portuguesa e o Governo da República Popular Democrática da Coreia, desejosos de normalizar e reforçar as relações entre os dois países e os dois povos, decidiram estabelecer relações diplomáticas entre si e trocar representantes diplo-

máticos ao nível de embaixador».

O estabelecimento de relações diplomáticas com mais um país socialista constitui um êxito da diplomacia Melo Antunes. Muito há a esperar da solidariedade do povo coreano para com o povo português. Na sua luta dura e prolongada contra a ingerência e a agressão imperialista, a nação coreana ganhou uma rica experiência que constitui para o povo português um exemplo e uma lição histórica.

NOVE FERIDOS EM BRAGA

Continuação da pág. 1

BANDEIRA QUEIMADA

As 21 e 30 um grupo então reduzido de manifestantes acerrou-se do edifício, em cujas imediações se concentravam já muitos aderentes do C.D.S., com emblemas na lapela e outras identificações partidárias, ouvindo marchas militares pela instalação sonora entretanto montada. Apossando-se de uma bandeira do C.D.S., os manifestantes queimaram-na em plena avenida, o que suscitou imediato recon-

tro. De ambos os lados, e em escassos minutos, as forças engrossaram, crescendo o embate de violência. A breve trecho fazia a sua aparição um destacamento do Copcon enviado do Porto, o qual procedeu ao isolamento do edifício com uma «cintura de protecção», única forma de os dirigentes e aderentes do C.D.S. poderem voltar a casa. O tentado comício malograra-se.

Anunciado como orador, o general Galvão de Melo, soube-se depois, retirara de Braga ainda antes do jantar.

UMA BRECHA NO CACIQUISMO

A realização, que parecia impenável, de um comício do P.C.P. na vila transmontana de Murça representa «o dobre a finados do caciquismo local», comenta o gabinete eleitoral de Imprensa daquele partido, exultando com o facto de ter

sido a primeira formação de esquerda a ousar tal gesto numa terra onde a direita fez sentir a sua força muito para além do 25 de Abril.

Murça é a terra natal de Militão Ribeiro, mas em termos práticos de dominação política tem constituído um feudo «do Torres» (Ferreira Torres), como ali se diz, apontando-se o nome do antigo presidente da Câmara, residente em Amarante mas com largas temporadas nesta vila ao longo do ano.

UM ASSALTO E MAIS AGRESSÕES

Comunicados do mesmo P.C.P. dão conta de um assalto («por aderentes do C.D.S.») ao Centro de Trabalho de Família, ocorrido anteontem, e de agressões a militantes do partido («por indivíduos afectos ou pagos pelo C.D.S. e P.P.D.») em Riba d'Ave. Estes últimos incidentes não se ficaram pelo desforço físico: houve também tiros.

Entretanto uma caravana autómovel do P.C.P. foi atacada em Anadia por opositores identificados com o C.D.S. A tentativa de arrebatar uma bandeira a elementos da caravana originou um recontro durante o qual três militantes do partido visado ficaram feridos: uma senhora à paulada (com o cabo de uma enxada), um homem com extenso corte nas costas e um outro socado num maxilar. Os agressores desapareceram para o interior de «um palacete amarelo», acabando por eclipsar-se de todo.



"UNIDADE E VIGILANCIA POPULAR"

Em comunicado intitulado «Em Defesa da Revolução, Unidade e Vigilância Popular», e no qual faz o balanço do que tem sido a campanha eleitoral em curso o M.D.P./C.D.E. chama a atenção para a necessidade imperiosa de unidade e vigilância popular face a uma eventual tentativa contra-revolucionária.

Afirma-se no comunicado: «A actuação revolucionária, na direcção da economia, a vigilância e o controlo da produção são hoje tarefas importantes das classes trabalhadoras. Mas, igualmente, a atenção às manobras reacçãoárias, às conspirações fascistas, às tentativas de inversão do processo revolucionário deverão estar hoje na primeira

linha das nossas preocupações».

«A reacção não conseguirá, jamais, avançar, se a unidade atenta do nosso povo não o permitir. Os últimos dias da campanha eleitoral podem propiciar manobras contra o processo democrático.

«Estamos certos de que a atenção e a vigilância popular dirão, mais uma vez, não a quaisquer tentativas de fazer recuar as conquistas democráticas do nosso País».

Por outro lado, num comício em Castro Daire, o candidato José Lopes Ribeiro criticou o P.P.D. e o P.S., e, referindo-se à reacção, sublinhou que ela se acoitava à esquerda, porque à direita «as areias são movediças».



"RESPEITAR APOIO POPULAR DO P.C.P."

«Se estamos na coligação com o P. C. P. é porque acredi-

tamos terem os comunistas um apoio popular que é neces-

Nacional

NUMA SESSÃO DO M.F.A. NO A.C.P.

ACONSELHADO AOS INDECISOS O VOTO EM BRANCO

«A única consequência que poderá advir das próximas eleições é o aceleramento do processo revolucionário em curso e nunca o seu retrocesso» foi afirmado ontem à noite nas instalações do Automóvel Clube de Portugal.

Mais adiante, um oficial da Escola Prática de Transmissões lembrou que o Programa das Forças Armadas é para ser cumprido e que, enquanto isso não acontecer, o M.F.A. continuará fora dos quartéis, pugnando pela defesa das liberdades e interesses das classes mais desfavorecidas. Salientou ainda que a Assembleia Constituinte não pode dispensar o forte apoio que as Forças Armadas constituem.

O mesmo oficial historiou depois os golpes e tentativas

reaccionárias que se desenvolveram de Setembro a Março, explicando todos os acontecimentos desde a célebre reunião de Spínola na Manutenção Militar, ainda no tempo de Palma Carlos, em que foram oradores Vasco Vieira de Almeida e Francisco Sá Carneiro, até ao recente 11 de Março. Em relação a todos estes acontecimentos, foi salientado que, embora com algumas diferenças «um encadear de factos bastante significativo».

Em relação ao Plano Económico, que ficou muito aquém do que poderia ter ficado, a intenciona de 11 de Março «clarificou a situação e, com as nacionalizações e outras medidas tomadas, já é possível vislumbrar outros horizontes que o Plano Económico, por si só, não conseguia perspectivar».

Outro elemento da mesa referiu-se às nacionalizações e à reforma agrária consideran-

do-as como imprescindíveis no caminho para o socialismo.

Outro oficial afirmou que a social-democracia não interessava ao M. F. A. por constituir «uma manobra capitalista para recuperar posições perdidas». Um assistente estrangeiro que um partido que defende uma tal linha de acção esteja representado no Governo Provisório. O oficial explicou que o Governo Provisório não era o M.F.A. mas sim «uma resultante de uma coligação de forças, não surpreendendo, por isso, que uma tal situação se registasse».

A terminar foi abordado o grave problema da falta de informação de muita gente o que, no processo eleitoral leva a situações bastante melindrosas. Os militares aconselharam o voto em branco a todos aqueles que estivessem indecisos ou não suficientemente informados.

MÁRIO MURTEIRA:

"Destruído o essencial do antigo esquema económico português"

«Chegou-se ao termo de um processo em que o essencial do antigo esquema económico já foi destruído e, nesta fase, o que interessa é reconstruir, agora com um sinal positivo, um sinal mais; reconstruir a economia nitidamente com um caminho apontado pela instância política» — Assim concluiu o ministro do Planeamento e Coordenação Económica a breve retrospectiva com que iniciou a conferência de imprensa ontem à tarde concedida aos representantes dos órgãos de Informação nacionais e estrangeiros, nas instalações da Fundação Gulbenkian.

Mário Murteira, que estava acompanhado pelo ministro da Comunicação Social e pelo director-geral da Informação, dividiu em três pontos a sua resenha histórica introdutória: o que era a economia portuguesa antes do 25 de Abril; como evoluiu a economia depois dessa data; significado das recentes medidas de nacionalização. Considerou que o último período do fascismo, nomeadamente, se caracterizou por um desequilíbrio cada vez mais fortemente acentuado, por uma larga dependência do estrangeiro e por uma galopante taxa de inflação: 30 por cento, com referência ao período de Maio de 73 a Maio de 74. Os trabalhadores por conta de outrem — sublinhou — constituíam 75 por cento da população e recebiam metade do rendimento nacional. O desequilíbrio assumia os seus aspectos mais graves no contraste entre os meios urbanos e os rurais, estes votados à desolação e ao aban-

dono pela emigração.

Com o 25 de Abril — continuou o ministro do Planeamento — tornou-se evidente um avanço da classe trabalhadora, com o desencadear de um processo espontâneo, de uma «explosão», resultante por um lado do facto de terem sido abolidos os sistemas repressivos do anterior poder político, enquadrada, por outro lado, com a sua dinâmica própria, na feição antimonopolista e socializante do Programa do M.F.A.. Os salários foram aumentados numa média de 30 por cento, factor também a ter em conta, embora — acrescentou Mário Murteira a pressão inflacionista — se reduzisse substancialmente no seu valor real. Lembrou o ministro ter o Primeiro Governo Provisório (de que fez parte) estabelecido, um conjunto de medidas que possibilitaram, por algum tempo, uma certa estabilização dos preços e explicou as subidas registadas no fim do ano como sendo correspondentes à necessidade de um reajustamento imposto pela conjuntura nacional e internacional. Ainda assim, «de uma inflação que atirava para os trinta por cento passámos para os 20 por cento». — disse.

Desemprego (seis a sete por cento da população activa), redução (de quatro a cinco por cento) nos investimentos de capital e agravamento da situação da balança de pagamentos foram os principais factores negativos apontados por Mário Murteira que citou, como exemplo mais grave, o aumento das importações: estas, em 1974 foram superiores em 50 por cento às do ano transacto.

Passando a referir-se ao alcance da recente nacionalização da banca, dos seguros e dos outros sectores-chaves da economia, considerou Mário Murteira que o processo se realizou «com a sua lógica interna. Foi um avanço extremamente positivo numa direcção claramente socialista», embora tenha «necessariamente as suas contrapartidas nos termos de custo de uma transição».

O ministro afirmou, ainda a este propósito, que a capacidade produtiva da economia, quer em recursos materiais quer humanos esta a ser subutilizada e que as medidas já tomadas e outras que estão para breve tendem a ultrapassar tal subutilização. Foram anunciados esquemas de apoio a pequenos e médios empresários e agricultores, disposições com vista à contenção dos preços dos bens alimentares essenciais, e programas de política de rendimentos e salários, habitação, protecção à produção industrial e ao comércio exterior, finalmente um programa de medidas de austeridade. «Na situação de transição em que nos encontramos, a economia tem que ser muito operativa» — concluiu Mário Murteira.

Passando ao período de perguntas e respostas, foi notória a participação (quase exclusiva) da imprensa estrangeira. Muitas das perguntas incidiram sobre números concretos. As respostas possibilitaram-nos fornecer os dados seguintes:

— Na década que terminou em 74, um terço da nossa indústria era financiado por capital estrangeiro.

— A produção industrial aumentou em 7 por cento no final do ano passado; este aumento é inferior ao verificado no ano anterior.

— O défice da balança comercial, era, no fim de 74, de 17 milhões de contos.

— As actuais reservas em ouro e divisas do Banco de Portugal ultrapassam os 40 milhões de contos.

Para além destes dados concretos, Mário Murteira, nas suas respostas, forneceu outros elementos de notícia como seja a da criação de um órgão dependente do Ministério do Planeamento — o Instituto das Participações Estatais — que terá por missão estudar os aspectos gerais de funcionamento das empresas nacionalizadas, com ressalva das eventuais formas de controlo da produção pelos trabalhadores. Aquele Instituto — cuja direcção será nomeada ainda esta semana — terá ainda como tarefa a formação técnica-económica de quadros. O ministro confirmou as carências existentes neste campo, atribuindo-as, em boa parte às deficiências do ensino. Confirmou também a existência de uma recessão ao nível do comércio externo, considerando serem normais certas hesitações e frisando a urgência em definir uma estratégia de cooperação económica a nível internacional. Neste ponto, tal como o fizera no início da sua exposição invocou a rigorosa salvaguarda da independência nacional. Depois de referir as perspectivas que se mantêm abertas na Europa, referenciou a abertura dos mercados dos países de Leste e os propósitos de estabelecimento de contactos mais directos com o Terceiro Mundo, nomeadamente com as ex-colónias portuguesas. Em todo o caso, adiantou: «precisamos é de ofertas e de exemplos; não precisamos de conselhos».

Mário Murteira teve ainda oportunidade de anunciar que vai ser definido um «código de investimentos estrangeiros» para pôr fim às hesitações existentes. Não ficará vedado — acrescentou — o investimento às multinacionais, tudo dependendo de acordos justos. Sublinhou, porém que não interessam «as que são como pragas de gafanhotos: caem aqui e além, comem o que têm a comer e vão para outro lado».

Interrogado sobre a data de abertura da Bolsa, o ministro do Planeamento informou que ela não está prevista para o imediato, pois é necessário dar atenção ao sector privado que deverá subsistir no País. Acrescentou a este propósito: «A Bolsa apenas servia para habilitar finanças que na da tinham a ver com a capacidade produtiva».

Assim decorreu a conferência de imprensa — a primeira — dada pelo ministro do Planeamento. Mário Murteira citou, a certo passo, Somerset Maugham: «Os romancistas têm o direito de serem apreciados pelas suas melhores obras». A citação referia-se ao que há de bom e mau na prática histórica portuguesa. Essa prática, segundo o ministro, constitui um capital, em certa perspectiva, mais importante «do que as próprias reservas em ouro e divisas que apesar de tudo e felizmente, o Banco de Portugal continua a ter».

DUAS HORAS DE PARALISAÇÃO NA ASSISTÊNCIA SOCIAL

«Os trabalhadores não desejam a paralisação total dos serviços, mas ver-se-ão forçados a essa acção se o Governo não atender até amanhã às 17 horas as suas reivindicações relativas à reclassificação», afirmou-nos um dos elementos da comissão coordenadora dos trabalhadores da Direcção-Geral da Assistência Social e do Instituto da Família e Acção Social, que, desde ontem, praticam a paralisação de 2 horas diárias, das 10 ao meio-dia.

Esta paragem na sua actividade normal não põe em risco o pagamento de vencimentos, subsídios e a devida assis-

tência aos casos de urgência, bem como a todos os utentes internos dos estabelecimentos que dependem daqueles serviços. Por outro lado, trabalhadores destes estabelecimentos, embora solidarizando-se intimamente, em muitos casos, com a tomada de posição dos seus colegas dos serviços centrais não suspenderam a sua actividade, uma vez que isso prejudicava directamente os utentes. É o caso dos estabelecimentos de assistência ou de recolhimento de diminuídos, idosos ou deficientes.

Os 400 trabalhadores pretendem a substituição de um

quadro que vem de 1973 por outro, cujo projecto projecto apresentaram em Fevereiro ao Governo sem que entretanto tenham sido atendidos.

CONTRA O TRABALHO AOS SÁBADOS

Os trabalhadores da Reparação de Finanças do Fundão decidiram lutar no próprio local de trabalho para levar o Governo a modificar situações que consideram injustas, entre as quais a distribuição de um subsídio de férias e o trabalho aos sábados.

PERGUNTA O M.E.S.

"A QUEM SERVEM AS ELEIÇÕES?"

PORTO, 22 — «Desde 25 de Abril que o centro principal do poder político tem estado no M. F. A., cuja institucionalização os partidos burgueses sempre quiseram torpedear, combatendo-a, aliados à reacção fascista em momentos decisivos para a luta dos trabalhadores, como o 28 de Setembro e o 11 de Março. É certo que esse poder político não é exercido, como no regime fascista, de forma discricionária e terrorista, mas o seu respei-

to pela liberdade e por formas superiores de democracia não pode continuar a ser argumentado usado pelos partidos burgueses (CDS, PPD e PS, ou pelo menos a direcção deste último) para reclamarem liberdades democráticas para o reforço das estruturas de exploração capitalista, que são também as formas de dependência do imperialismo internacional» — afirmaram alguns candidatos do MES durante uma conferência de imprensa realizada

na sede do Secretariado do Porto daquela organização.

E afirmou-se ainda: «Por ter a clara consciência de a quem servem estas eleições, de quem as quer e de quem apostam nelas para conseguir o que a impaciência de algumas fracções da burguesia não conseguiu nas acções desesperadas de 28 de Setembro e de 11 de Março, é que o MES sempre se pronunciou contra as eleições».

Sobre a economia, o «Plano» e os poderes populares na transição para o socialismo, os candidatos do MES declaram em dado passo da conferência de imprensa: «As recentes nacionalizações, que exprimem e concretizam, no plano de legalidade revolucionária, algumas propostas avançadas pelo MES no início deste ano ao criticar o chamado «Plano Melo Antunes», criaram um instrumento que pode vir a ser utilizado pelas massas trabalhadoras em ordem à sua emancipação e à construção do socialismo. Todavia, estas medidas, se bem que necessárias, não respondem ainda a muitos dos problemas sentidos pelos trabalhadores e que são gerados pela irracionalidade de um sistema que se debate, nacional e internacionalmente, numa das mais profundas crises da sua história».

Mais adiante declararam: «Não podemos escamotear a

necessidade de um Plano Central imperativo, dividido eventualmente por sectores e regiões, englobando não só as empresas nacionalizadas mas também as excrecências capitalistas das empresas privadas, num modelo de transição com carências bem acusadas, como é o caso da portuguesa».

Os candidatos do MES, na sequência deste processo, apontaram o que denominam «Metas tácticas a submeter ao País», que deverão responder, a curto ou a médio prazo, à superação de nove contradições fundamentais, contradições que enumeraram assim: contradição capital-trabalho, agricultura-indústria, cidade-campo, trabalho manual, trabalho intelectual, tecnologia-natureza, dependência-independência, autocratismo-democracia de base, nacionalismo-internacionalismo e ideologia proletária-ideologia burguesa.

No actual momento político os candidatos do MES apontam como metas imediatas a nacionalização do comércio externo e interno grossista de produtos essenciais, integrando a rede de supermercados e a rede de frio, por outro lado a luta contra o desemprego e degradação do poder de compra dos trabalhadores, e ainda política de rendimentos e salários e eliminação de consumos supérfluos.

Comissões administrativas para as casas do povo

As normas que regulam a composição e o modo de eleição das comissões directivas das Casas do Povo, em vigor desde Outubro último, revelaram-se, em alguns casos, insuficientes como processo capaz de enfrentar manobras reaccionárias, sobretudo em zonas onde aqueles organismos não estão ainda fortemente implantados na comunidade, ou quando o domínio dos caciques locais, conjugado com o atraso das populações, as impede de tomar uma iniciativa consciente no sentido de traçarem o seu próprio destino.

Assim, um decreto-lei hoje publicado determina que, quando se verifique a incapacidade de iniciativa dos sócios das Casas do Povo para promover eleições, designadamente pelo acentuado domínio dos seus dirigentes, ou quando, desencadeados um processo eleitoral, este seja viciado por efeito da influência dos mesmos dirigentes, poderá o ministro dos Assuntos Sociais demitir os corpos gerentes em exercício e nomear, em sua substituição, comissões administrativas.

UMA COPERATIVA

O POVO DA COMENDA É QUEM MAIS ORDENA

Num terreno selvagem povoado de sobreiros enleados por um mato cerrado onde se escondem coelhos e raposas vai, possivelmente, nascer uma cooperativa de produção. São 1200 hectares de terra que outrora tinham pertencido ao povo da Comenda, aldeia encravada no distrito de Portalegre. Os baldios das Costas, como lhe chamam os habitantes da zona, foram objecto de vários processos judiciais resolvidos sempre em proveito dos exploradores dos camponeses. Ainda não se apagou da memória dos velhos da Comenda os trágicos acontecimentos de 1 e 2 de Janeiro de 1938 quando a G.N.R. reprimiu os trabalhadores que apascentavam os gados e tratavam das sementeiras nos baldios. Expulsos pela violência das armas apontadas e massacrados pela pancada os camponeses nunca mais esqueceram aquela injustiça.

Depois da intervenção da G.N.R., o povo foi avisado de que nunca mais poderia voltar às Costas pois se o fizesse seria considerado «comunista». Por outro lado (talvez para se redimir do pecado de reivindicar aquilo que por direito lhes pertencia) as autoridades e os latifundiários unidos pela ideologia fascista, aconselham a população a frequentar a igreja para mostrar «às forças da ordem» que era «gente».

Os camponeses, ignorantes e amedrontados, cederam às pressões da firma inglesa que se apossara dos terrenos. Mais tarde, em 1958, os baldios das Costas foram vendidos aos Barreiras e Irmãos, grandes latifundiários que possuem propriedades por todo o Alentejo.

Arrastou-se um processo pelos tribunais como muitos outros quando envolviam os interesses dos capitalistas. Ficou tudo sem efeito. Finalmente após o 25 de Abril formou-se uma comissão com o encargo de tentar que os baldios voltassem novamente para as mãos do povo. Com a lei dos baldios que se espera sair de um momento para o outro a povoação da Comenda começou a fazer projectos para a criação de uma cooperativa.

PROPRIEDADE PRIVADA NÃO

Todavia a Comissão Coordenadora tem encontrado uma certa resistência de um sector da população que alienada pelo conceito de propriedade privada, prefere dividir a terra em pequenas parcelas à sua colectivação. Por isso se procedeu à votação no plenário de sábado. No salão paroquial umas centenas de pessoas participaram na sessão. Estavam presentes o Governador Civil de Portalegre, um representante das Forças Armadas, três engenheiros do Instituto de Reorganização Agrária.

O Plenário teve início com um discurso do Governador Civil que acentuou a Reforma Agrária como uma realidade próxima.

Referiu-se também aos pro-

Texto de LURDES FÉRIA
Fotos de RUI PACHECO

Barreiras como exemplo de uma determinada atitude dos senhores da terra. A luta pelos baldios das «Costas» só não conseguiu ter êxito devido às grandes pressões do fascismo que escamoteou dados que vocês sabiam existir. Quanto à possibilidade da criação da cooperativa, o porta-voz do Governo Provisório declarou: A restituição ao povo da Comenda dos seus baldios tem de ser feita mas não se deve subs-



O povo votou pela cooperativa. Em cima — as giestas quase tapam os sobreiros



blemas criados pelos latifundiários citando o nome dos títulos um explorador por 20 ou 30 exploradores. Não é para isso que lutamos pela Reforma Agrária. Temos de superar a noção de propriedade privada. Os baldios devem ser explorados pelo povo em cooperação. Só assim se poderá fazer justiça económica e social. É preciso que mostrem aos grandes latifundiários que o povo unido jamais será vencido.

Os técnicos do I.R.A. exibiram um filme sobre 16 anos de Reforma Agrária na R.D.A. Vimos o abandono dos campos pelos burgueses. A entrega das terras aos camponeses pobres e aos assalariados rurais. O progresso na agricultura e o aumento da produção crescendo de ano para ano. Porém o eng.º Carlos Cabral, do I.R.A. salientou as diferenças entre Portugal e a Alemanha Democrática dizendo que a Reforma Agrária terá de corresponder às condições de cada país. O público, apesar do filme ser falado em russo entendia perfeitamente o significado das imagens. E tecia comentários. Reconhecendo (reconhecendo-se) uma situação por eles vivida.

Seguiu-se um debate em que participaram sempre as mesmas pessoas. A esmagadora maioria dos assistentes limitava-se a ouvir. E a aplaudir uma ou outra intervenção que lhes agradava. Em certa altura, Jorge Branco, estudante de medicina, natural da Comenda, per-

O povo da Comenda reuniu-se em plenário no sábado, no salão paroquial da aldeia. Discutiu-se a hipótese de uma cooperativa pela qual uma Comissão Coordenadora, constituída em Maio de 1974, anda batalhando. Uns manifestaram-se entusiasmados. Outros permaneceram na apatia do «tanto-lhe faz». E havia alguns que queriam a terra em questão, ou seja os baldios das Costas, dividida. Ainda se esboçou lá fora uns arremedos de pancada após uma discussão acesa entre dois indivíduos cujas ideias divergiam.

Depois votou-se. Pela cooperativa.

24 HORAS
BASTAM
PARA RESOLVER
O PROBLEMA...!

CARTAZES
"POSTERS"
PUBLICAÇÕES
JORNAIS
REVISTAS

A preto e branco ou com cores

FAZEMOS:

Composição, revisão, grafismo, montagem, peliculagem, impressão e distribuição

OFFSET

PEÇA ORÇAMENTO

RENASCENÇA GRÁFICA

Rua Luz Soriano, 44 Tel. 320271/2/3 e 321154/5

guntou se o povo e a direcção estava de acordo com a entrada na cooperativa de pessoas que nos tribunais depuseram contra o povo. Um elemento da Comissão respondeu de uma maneira um tanto ou quanto confusa. E houve alguém da mesma comissão que afirmou levianamente no meio de uma intervenção que o médico e o padre também podiam fazer parte da cooperativa. Então a eng.ª Ana Gonçalves pediu a palavra e fez aquilo que se costuma chamar «pôr os pontos nos is». Com clareza ideológica expôs a sua posição: As cooperativas antes do 25 de Abril metiam dentro delas uma caldeirada de classes. Nós não nos podíamos vincular a uns estatutos (resposta ao mesmo senhor que falou nos estatutos como se fossem lei a ser imposta aos cooperadores). Uma cooperativa de produção deve estar ligada aos interesses dos camponeses pobres e assalariados rurais. Tem de ser uma cooperativa de classe.

À ESPERA DE QUÊ?

Em certa altura José Dinis delegado sindical dos trabalhadores rurais falou pouco mas disse muito. Com a simplicidade daqueles que conhecem a terra porque a trabalham criticou já perdemos a cultura do arroz, estamos a perder a sementeira do milho e a plantação do tomate. Devíamos ter avançado para a frente. Os baldios ainda estão por cultivar. O que é que estão à espera?

Ouvimos ainda a opinião do Joaquim Bispo, presidente do Sindicato, sobre o assunto. Quanto a mim a cooperativa não devia ser só de produção mas também de consumo. E preferia que fosse organizada no estilo de comuna. Autogerida pelos trabalhadores com a ajuda técnica do Estado.

Joaquim Bispo, homem politicamente bem demarcado, lutou ferozmente contra o desemprego na região colocando os trabalhadores nos locais onde havia trabalho. Conhece a mecânica da exploração que durante longos anos amarrou os camponeses alentejanos aos salários de miséria. Sabia das maquinações dos latifundiários e dos seus capatazes. Conheceu a fome e o sofrimento. Como tantos outros aceitava em silêncio as migalhas de um trabalho concedido por condescendência dos senhores. Sujitou-se a ser apreciado como «bom ou mau» segundo as

referências dos capatazes que escolhiam no mercado do trabalho aqueles que tinham fama de produzir mais.

Até ao 25 de Abril emigrávamos dentro do próprio país. Iamos para Trás-os-Montes, Minho e outros lugares longe da nossa terra. Não podíamos contar com os latifundiários que classificavam os trabalhadores como faziam aos animais de carga. E tínhamos de estar calados porque de contrário chamavam-nos revolucionários e nunca mais nos davam trabalho.

Quebrou-se o silêncio. Outras perspectivas se colocam no mundo dos explorados. A força do campesinato expande-se pelo Alentejo inteiro. O grito de libertação soou na charneca. A terra será entregue a quem a trabalha.

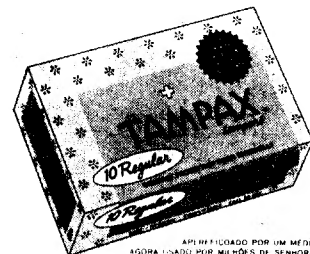
COMO É QUE OS OUTROS AVÊEM?

As pessoas vêem o carinho e a cordialidade do seu sorriso? Sentem-se à vontade consigo? Todos nós nos perguntamos isto, uma e outra vez. Porém, se os seus dias difíceis a tornam por demais ansiosa ou inibida, deixe que os tampões Tampax a ajudem.



De uso interno, os tampões Tampax não causam desconforto, não escorregam e não se notam. A aplicação é fácil, mesmo para principiantes. Não há chumacos, nem irritação, nem cheiros. E pode ser você própria todos os dias, sem as restrições dos pensos antiquados. Você própria, alegre, graciosa, é o que as pessoas verão — todos os dias do mês — graças à segurança dos tampões Tampax.

A protecção interna em que mais mulheres confiam



PEÇA UMA AMOSTRA A:
ANTONIO PACHECO AGOSTINHO, LDA.
R. RODRIGUES SAMPAIO, 15-2 - LISBOA

À CLASSE MÉDICA

Somos especializados em BATAS profissionais

TINTURARIA GUANABARA

DEPART. DE CONFECÇÕES

Av. João XXI, 5-D—R. Infância 16, 55-C—LISBOA

Nacional

NA BIBLIOTECA NACIONAL

Constituintes e constituintes

BANCO NACIONAL
«A sessenta e quatro anos das constituintes de 1911 — 1911 distava de 1837 setenta e quatro anos — valerá bem a pena analisar quais as diferenças e quais as semelhanças, na lei eleitoral, nos recenseados, nos votantes, nos eleitores, e, depois, no texto constitucional que o novo parlamento irá ter. Num País como o nosso, tão falho em estudos de história permeável a todas as classes populacionais, cremos de utilidade, a bem de uma consciência cívica ampliada, a apresentação de problemáticas deste tipo.» Dentro

dos objectivos demarcados por estas palavras assinadas pelo professor Oliveira Marques se enquadra a exposição sobre as eleições para assembleias constituintes realizadas em Portugal em 1820, 1836 e 1911. Oliveira Marques, em breve conversa com o repórter do «D.L.», referiu a sua intenção de ampliar a acção educadora da Biblioteca Nacional — de que é director — Biblioteca onde está patente ao público toda uma documentação sobre eleições e geografia eleitoral de eminente valor pedagógico, no momento histórico que o País vive. O director da Biblio-

teca Nacional não se escusou a admitir as limitações ainda existentes para trabalhos deste tipo. Frisou as dificuldades financeiras do organismo que dirige, salientando porém as inovações já introduzidas. Assim, relativamente à exposição sobre as eleições para assembleias constituintes, deu conta do esforço de divulgação nos estabelecimentos de ensino, esforço do qual resultou apreciável comparência, nas instalações da Biblioteca, de excursões de estudantes e professores. Por outro lado, está em estudo a possibilidade de levar a exposição, para já, a Coim-

bra e ao Porto, procurando-se, deste modo, converter a Biblioteca Nacional, «a pouco e pouco, num verdadeiro centro de expansão cultural.»

AS TRÊS REVOLUÇÕES

Relativamente à exposição que estará patente ao público, até ao fim do mês, nas instalações da Biblioteca Nacional, ao Campo Grande, são bem elucidativas, quanto ao rigoroso critério seguido, as seguintes afirmações, constantes da Introdução ao Catálogo, e assinadas ainda por Oliveira Marques: «As três revoluções, organizadas e dirigidas pela

1. 1. 1820	2. 1. 1820	3. 1. 1820	4. 1. 1820
5. 1. 1820	6. 1. 1820	7. 1. 1820	8. 1. 1820
9. 1. 1820	10. 1. 1820	11. 1. 1820	12. 1. 1820
13. 1. 1820	14. 1. 1820	15. 1. 1820	16. 1. 1820
17. 1. 1820	18. 1. 1820	19. 1. 1820	20. 1. 1820
21. 1. 1820	22. 1. 1820	23. 1. 1820	24. 1. 1820
25. 1. 1820	26. 1. 1820	27. 1. 1820	28. 1. 1820
29. 1. 1820	30. 1. 1820	31. 1. 1820	32. 1. 1820
33. 1. 1820	34. 1. 1820	35. 1. 1820	36. 1. 1820
37. 1. 1820	38. 1. 1820	39. 1. 1820	40. 1. 1820
41. 1. 1820	42. 1. 1820	43. 1. 1820	44. 1. 1820
45. 1. 1820	46. 1. 1820	47. 1. 1820	48. 1. 1820
49. 1. 1820	50. 1. 1820	51. 1. 1820	52. 1. 1820
53. 1. 1820	54. 1. 1820	55. 1. 1820	56. 1. 1820
57. 1. 1820	58. 1. 1820	59. 1. 1820	60. 1. 1820
61. 1. 1820	62. 1. 1820	63. 1. 1820	64. 1. 1820
65. 1. 1820	66. 1. 1820	67. 1. 1820	68. 1. 1820
69. 1. 1820	70. 1. 1820	71. 1. 1820	72. 1. 1820
73. 1. 1820	74. 1. 1820	75. 1. 1820	76. 1. 1820
77. 1. 1820	78. 1. 1820	79. 1. 1820	80. 1. 1820
81. 1. 1820	82. 1. 1820	83. 1. 1820	84. 1. 1820
85. 1. 1820	86. 1. 1820	87. 1. 1820	88. 1. 1820
89. 1. 1820	90. 1. 1820	91. 1. 1820	92. 1. 1820
93. 1. 1820	94. 1. 1820	95. 1. 1820	96. 1. 1820
97. 1. 1820	98. 1. 1820	99. 1. 1820	100. 1. 1820

Do recenseamento geral de eleitores para a Assembleia Constituinte de 1911, Bairro Ocidental do concelho do Porto. De notar o leque de profissões: tipógrafos, trabalhadores, guardas fiscais, um músico, um funileiro, um remador, um sapateiro, um alfaiate, um policia civil, um alfaiate, um remador, um rolheiro, um empregado, um capataz. Houve também quem desse como profissão a de patrão e a de sacristão...



O «Zé» perante a enorme interrogação das Constituintes de 1911. Terá o «Zé» motivos, em 1975, para tão grande perplexidade?

do Oliveira Marques, o primeiro lugar passou a caber às profissões liberais, «sobretudo aos médicos, ligados ao surto da ciência e do positivismo. Com 21 por cento dos lugares, a mais elevada percentagem, os médicos iam acaso tentar impor uma mentalidade de raiz científica na nova assembleia. O seu sucesso junto do eleitorado revelava o predomínio que tinham adquirido por todo o País, junto das clientelas populares, cuja participação ao nível do voto se acentuava. Menor se mostrava já o papel dos homens de leis e do professorado, em posição de equilíbrio com os funcionários públicos. Pelo contrário, a tropa extremamente popular pelo papel revolucionário que desempenhara, viu o seu lugar realçado como nunca anteriormente.»

MIL CATÁLOGOS NUMA SEMANA

O objectivo de servir de esclarecimento e informação simultaneamente ao grande público e ao investigador é patente no vasto mostruário de obras impressas e manuscritas e na iconografia respeitante ao ambiente político que caracterizou as campanhas para as constituintes de 1820, 1836 e 1911. Segundo nos afirmou o director da Biblioteca Nacional, o público tem correspondido. A demonstrar o interesse das pessoas está o facto de terem já «desaparecido» mil catálogos dos três mil inicialmente impressos. Isto no prazo de uma semana. Acrescente-se que a circunstância de o catálogo ser gratuito não deixa de assumir também o seu valor pedagógico...

O PREÇO DO FRANGO

O preço da carne de frango ficará sujeita ao regime de preços máximos.

Tendo sido comunicado ao país que o preço da carne de frango se encontra congelado até ao fim deste ano, esclarece-se o público que, embora este bem alimentar de primeira necessidade não tenha ainda o preço máximo, o seu preço não pode ser agravado, conforme o disposto pela resolução do Conselho de Ministros de 15 de Abril.

Caso a população detecte agravamento de preços nos seus fornecedores habituais, deve comunicar imediatamente à Fiscalização Económica, de modo a esta poder obstar à especulação — (abaixo se discriminam os locais para onde o público deve contactar).

Com vista à harmonização dos preços da carne de frango em todo o País, a Direcção-Geral de Preços está a realizar o estudo do preço máximo da carne de frango e respectivas margens de comercialização, esclarecendo-se ainda o público que o seu preço não sofrerá aumento, tal como foi superiormente decidido.

Números de telefone e morada:

das da Direcção Geral da Fiscalização Económica: Lisboa — Av. Duque de Avila, n.º 139, telef. 560101/7; Aveiro — Rua José Rabunha, 3-2, telef. 24294; Beja — Rua Padre António Vieira, 6-A, telef. 22179; Braga — Rua Abade da Loureira, 198-1.º Esq. telef. 23872; Bragança — Rua da Estacada, telef. 580; Castelo Branco — Av. 1 de Maio, 59-1.º Dt.º, telef. 353; Coimbra — Av. Sá da Bandeira, 91, 1.º telef. 24709; Évora — Rua das Armadas do Cardal, 2-1.º telef. 23377; Faro — Rua Reitor Teixeira Gomes, 31, telef. 24001; Guarda — Rua Nuno Álvares, 60, telef. 219; Leiria — Av. Marquês de Pombal, 14, telef. 23257; Portalegre — Largo Cristóvão Falcão, 16-2.º telef. 860; Porto — Rua Fonseca Cardoso, n.º 20, telef. 27761/26942; Santarém — Rua Miguel Bombarda, 34-1.º, telef. 23101; Setúbal — Av. 5 de Outubro, 41 R/C Dt.º telef. 22303; Viana do Castelo — Av. dos Combatentes da Grande Guerra, 244-3.º telef. 22284; Vila Real — Rua General Alves Roçadas, 2 R/C Dt.º telef. 23093; Viseu — Rua Conselheiro de Macedo, 37, telefone. 22676.

«DIÁRIO DE LISBOA» VENDE-SE NO PORTO

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosã, Ronda da Boavista, Carvalhido, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras.

os tecidos assinados conhecem-se à distância...

para os seus fatos procure no seu fornecedor e exija no seu alfaiate

tecidos fred carlin-woolmark o máximo!



Fred Carlin



classe média — apesar da participação das chamadas «classes inferiores», que foi em aumento durante o século XIX — resultaram em assembleia de classe média, em quem as camadas mais esclarecidas dos «inferiores» delegaram a sua representação. Em termos actuais, semelhante facto poderia interpretar-se como conservantismo ou mesmo reacçãonismo das constituintes. Em termos das épocas respectivas, pelo contrário, ele só traduziu uma força revolucionária e progressiva em marcha.» Quanto ao período de 1821 a 1837, observa Oliveira Marques ter havido modificações de interesse: «o abatimento da representação do clero, por um lado; o aumento no número dos proprietários e dos burgueses do comércio e indústria, pelo outro. A «lei», a «inteligência», predominavam claramente em 1820. Os interesses económicos inofensivos, se não predominavam, pelo menos tinham a segunda força em 1837. Da idade das ilusões, passara-se para o domínio das realidades.» Já quanto às «realidades» de 1911, ainda se segun-

Teatro Maria Matos

A RTP APRESENTA Todas as noites às 21.45 e aos domingos também às 16 horas

A peça de Manuel da Fonseca «SEARA DE VENTO» Descanso da Companhia às Segundas-Feiras Não aconselhável a menores de 13 anos Bilheteira — Tel. 89 70 17 Bilhetes à venda também na A. B. E. P. — 32 88 23

ANGOLA EM ABRIL - QUE INDEPENDÊNCIA ? (3)

QUEREMOS UM PAÍS SEM ESCRAVOS

NITO ALVES

Nós não queremos melhoria da situação de escravos; nós não queremos ser escravos numa outra situação, nós exigimos a abolição da situação de escravos afirmando Nito Alves, comandante do M. P. L. A., durante a sua intervenção num grandioso comício realizado em Bula Atumba. Com as suas palavras, Nito Alves apontava definitivamente a recusa do neocolonialismo, e o sentido que deveria assumir a independência de Angola. É desse discurso que hoje publicamos os extractos mais significativos, os quais nos indicam o carácter da independência de Angola.

«Camaradas, compatriotas: «Muito especialmente aos heróicos militantes do M. P. L. A. aqui presentes.

«Muito especialmente à população de Bula Atumba:

«Em nome do nosso Movimento, em nome da Comissão Directiva da 1.ª Região, vou dirigir a primeira saudação de luta a todos os camaradas aqui

migo principal do nosso Povo. Nós temos pois um outro inimigo: o imperialismo — e contra ele devemos de utilizar todas as nossas possibilidades, o melhor da nossa energia para podermos melhor organizar-nos porque o combate será mesmo difícil, o combate será mesmo decisivo, será um combate de vida ou de morte.

«Mas falar às massas populares em imperialismo não é suficiente. Nós vamos explicar muito em pormenor, muito devagar o que quer dizer imperialismo, o inimigo principal do nosso povo.

«Quando uma nação como a nossa fica independente, quando um povo como o nosso tem que ficar livre da exploração colonialista, levanta-se ainda um problema e esse problema é o seguinte: como será a independência de Angola, e como será que os angolanos numa Angola independente, hão-de viver? Esta é uma pergunta principal. Para respon-

só é possível fazer-se no colonialismo? Não!» (...)

CONTRA O NEOCOLONIALISMO

«Nesta África em que vivemos já muitos países se tornaram independentes; mas os povos de muitos desses países continuam na miséria. Aconteceu que o colonialismo se foi embora, ou melhor, que os colonialistas de certa maneira deixaram de ser eles os dirigentes políticos de determinada nação. Mas quando eles deixaram de ser os chefes políticos de nações colonizadas, apareceu um outro tipo de dirigente: o próprio natural da terra. Este apareceu a dirigir a nação, mas dirigindo-a querendo que o seu próprio irmão continue, na fome, na doença, na miséria, no analfabetismo. A isso é que se chama neocolonialismo. Quer dizer: nós podemos ficar independentes daqui a poucos dias, independen-

gola.» (...)

UNIDADE ARMA DO POVO

«Agora vamos falar sobre o tema da unidade. Este é o segundo ponto que é importante focar porque a hora é de unidade. Nós vamos explicar o que é isso, o que quer dizer unidade.

«É preciso que o povo deixe de pensar em tribalismo, é preciso que o povo abandone o regionalismo, o espírito de sanzala. Nós temos que saber que Angola é uma única nação, que vai de Cabinda até ao Cunene. Portanto o tribalismo é uma arma que nos divide, é uma arma que nos enfraquece e quem estiver a dar lugar ao tribalismo está a ajudar os inimigos do povo de Angola.» (...)

«O nosso Movimento sempre quis cumprir com aquilo que está determinado no seu programa de acção. Nesse programa de acção o M. P. L. A. fazia ver, desde o seu início, que era preciso uma plataforma, uma aliança, uma frente de combate contra o colonialismo. Portanto o M. P. L. A. não assume diante do povo de Angola, diante da nossa História a responsabilidade da falta desta unidade. Ela há-de surgir e todos nós temos posto aí todas as nossas forças. Mas esta aliança que terá de ser feita é uma aliança que só pode ser válida se o M. P. L. A., se a U. N. I. T. A. e a F. N. L. A. estiverem autenticamente determinados a que seja o povo, a que sejam as massas populares de Angola e só elas próprias a dirigir a nação.

«Quando o M. P. L. A., quando o nosso Movimento, fala da unidade está a falar da necessidade, da importância, de serem as massas populares a decidir o seu futuro. Quando o M. P. L. A. fala da unidade, quando o M. P. L. A. fala de alianças, fala de frentes é porque está a pensar no sofrimento das massas. O M. P. L. A. não quer o neocolonialismo. Esta unidade há-de ser conseguida, esta aliança, este entendimento, há-de ser conseguido: mas o povo de Angola deve exigir que quando os Movimentos estiverem unificados, todos eles deixem o povo escolher os seus desígnios.

«O povo de Angola, as massas populares, os camponeses de Angola, os operários de Angola, os intelectuais revolucionários de Angola devem exigir, unidos na base, que «lá em cima» deixem o povo decidir a sua vontade, deixem o povo dizer não! Nós queremos uma independência completa, nós queremos uma independência real, nós não queremos neocolonialismo!» (...)

VALOROSOS TRABALHADORES PORTUGUESES

«Sempre dissemos que o povo de Angola era semelhante, em situação económica, ao Povo Português. O povo de Angola, sofreu dos mesmos crimes, o povo angolano sofreu a mesma humilhação que sofreram alguns brancos em Portugal, que pertencem a valorosa classe dos trabalhadores portugueses. Sempre dissemos, que entre o Povo Português, entre as massas camponesas portuguesas, entre os operários de Portugal e o povo de Angola não há diferenças fundamentais, porque em termos políticos são dois povos vítimas do mesmo



Os musseques em Luanda e a cidade do cimento. Um contraste que é também um símbolo do colonialismo

patrão, vítimas do mesmo racismo, vítimas da mesma política de exploração do homem pelo homem.

«É por isso que a «comunidade branca» devia ter fé, devia compreender que o M. P. L. A. não pregou a sua doutrina no deserto depois do 25 de Abril. Esta doutrina é resultante, é uma doutrina que foi conseguida ao longo dos anos de guerra. E presentemente como disse o camarada presidente Agostinho Neto, a descolonização do nosso povo, a descolonização de Angola continua a ser um factor importante para a própria democratização em Portugal. É por isso que, até certo ponto, não há diferenças fundamentais entre esses dois povos.

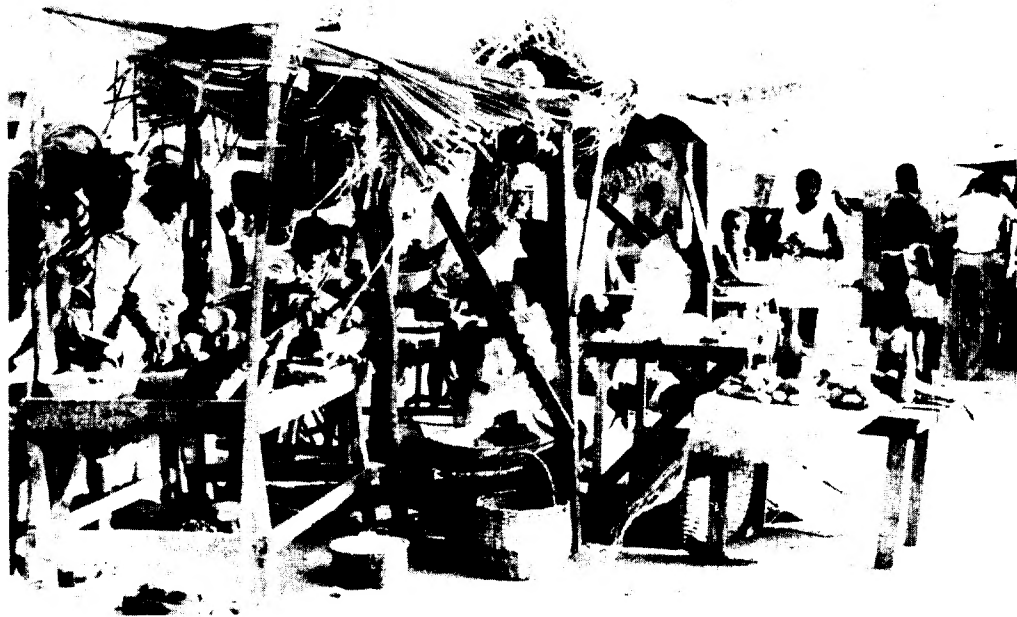
«Repetidas vezes nós fizemos ver que o próprio soldado europeu vinha para Angola como simples objecto dos grandes poderes económicos e que não era ele, de facto, o nosso inimigo. O nosso inimigo era o colonialismo e hoje o imperialismo. Por conseguinte todas as dúvidas que restam, todas as inquietações que restam só se podem explicar a partir de interesses económicos porque o M. P. L. A. não

é racial, o M.P.L.A. não é racista, e quem vê em nós estas características tem interesses económicos em muitos sectores de Angola.»

ABOLIÇÃO DA SITUAÇÃO DE ESCRAVOS

«Nenuma nação livre, digna de si própria, realiza uma política racial. Nós também já declaramos muitas vezes que até os próprios europeus vindos de Portugal poderão ficar, desde que respeitem a nossa soberania, respeitem os direitos de uma nação independente, respeitem a vontade livre das massas em Angola, desde que a sua presença não seja uma ameaça à vontade livre das massas populares.

«Portanto voltamos a repetir: o povo de Angola deve dizer: nós não queremos melhoria da situação de escravos; nós não queremos ser escravos numa outra situação, nós exigimos a abolição da situação de escravos. E o povo de Angola deve ficar vigilante contra aqueles angolanos que querem que o povo de Angola continue na miséria, que querem que em Angola haja conflito racial.»



Não à exploração do homem pelo homem.

presentes às valorosas massas populares aqui presentes.

«A data do dia de hoje é muito significativa, é muito histórica. Significativa, porque pela primeira vez nos foi possível aqui, em Bula Atumba, reunir num só local, reunir debaixo do mesmo tecto político todos quantos em Bula, e decididamente, combatem o colonialismo português e que hoje devem ficar preparados para o combate contra o neocolonialismo. É histórica, esta data porque, exactamente, também durante os anos de guerra nunca nos foi possível estarmos aqui politicamente organizados, militarmente ocupando posições, porque, na verdade, o colonialismo, (...), não nos permitiu durante todo esse tempo de guerra, como disse, estarmos aqui presentes. Estar em terras de Bula Atumba é estar a pensar num passado de guerra sangrenta. É estar a pensar num presente, este presente que há-de dizer-nos bastante em relação aos dias que se aproximam.» (...)

INDEPENDÊNCIA REAL

«O povo de Angola, todos os combatentes pela liberdade do nosso Povo devem saber que presentemente o colonialismo português já não é o ini-

dé-la vamos explicar primeiro às massas populares aqui presentes, que esta guerra não foi dirigida contra a raça, esta guerra foi dirigida contra um regime — o regime do colonialismo, contra a exploração do homem angolano, contra a ocupação das nossas terras, contra a usurpação das nossas riquezas. Foi a prisão, a tortura e a humilhação da raça que, de certa maneira, provocou esta mesma luta contra os fascistas, contra os reaccionários, contra o regime colonialista.

«Agora nós vamos perguntar: combatemos mas qual foi o sentido principal do nosso combate? O sentido principal do nosso combate foi, inegavelmente, para dizermos não! Não à exploração do homem pelo homem! Isto é que é principal. Mas o que é que quer dizer exploração do homem pelo homem? Isto significa que numa determinada nação como é Angola, muitas vezes acontece, (quando há um regime de exploração), que um pequeno grupo de homens é, praticamente, quem detém todas as riquezas, que tem direito a falar, que tem o direito de viver.

Mas, camaradas, a exploração, o roubo das riquezas feito por um grupo de homens a uma nação inteira, a um povo inteiro, este tipo de exploração

tes politicamente. Mas se essa independência não for uma independência principalmente económica, ela não será completa. São os próprios angolanos que terão de decidir se realmente Angola será verdadeiramente independente, isto é, uma independência onde o povo viva em paz; uma independência onde o povo esteja no Poder; uma independência onde as riquezas pertencem ao povo de Angola.» (...)

(...) «Nós, o nosso Movimento, o M. P. L. A., desde sempre dissemos que combatemos não só o colonialismo, mas também e principalmente o neocolonialismo. Mas quem é que faz o neocolonialismo? O neocolonialismo já não é feito, em política, pelo antigo colonizador. Quem faz o neocolonialismo é o filho da terra, laço do imperialismo, quando ele não está de acordo com as ideias do povo. É o filho da terra que quer expulsar os colonialistas só para ser ele a ficar no palácio a governar, a viver bem, a sua família a viver bem, os seus amigos a viverem bem. O neocolonialismo é o perigo que ameaça Angola. Por isso o povo deve ficar vigilante: vigilância contra as manobras da reacção, vigilância contra o perigo da instalação do neocolonialismo em An-

VITÓRIA ELEITORAL

PARA UM JOVEM DE 24 ANOS
MAX FROST É ELEITO
PRESIDENTE DOS U. S. A.
UM TEMA ARROJADO!

O GRITO DA LIBERDADE

O CÉLEBRE «WILD IN THE STREETS»
DE BARRY SHEAR QUE PROVOCOU
POLÊMICA EM VENEZA E CANNES

com

CHRISTOPHER JONES
(o jovem intérprete da Filha de Ryan)
SHELLEY WINTERS



Não aconselhável M/ 18 anos

HOJE ESTREIA
NO

EUROPA



Em ALBUFEIRA, o DIÁRIO DE LISBOA encontra-se à venda no Largo Eng.º Duarte Pacheco (António Santos Labisa)

Nacional

Gráficos do Porto denunciam comunicados anónimos

Os trabalhadores gráficos do Porto denunciam o aparecimento de comunicados anónimos ou assinados por «grupo

de trabalhadores» ou «gráficos doridos» e que só servem para criar a confusão e a divisão no seio dos trabalhadores.

«Alertamos todos os trabalhadores gráficos — salientam num comunicado — para o facto de terem sido distribuídos nas empresas outros comunicados, quer convocando os trabalhadores para uma reunião no Sindicato quer marcando uma greve para o próximo dia 9 de Maio. Ambos tentam, consciente ou inconscientemente, atropelar a organização sindical dos trabalhadores, quer marcando uma reunião sem discutir e criar condições para tal, com a direcção, quer marcando uma greve, sem serem todos os trabalhadores a decidir-lo».

Prosseguem, entretanto, as negociações do caderno reivindicativo, tendo sido solicitada a intervenção do Ministério do Trabalho, que garantiu as negociações em relação à Associação das Indústrias Gráficas e Transformadoras de Papel. As conversações em relação à Imprensa Gráfica também já estão a decorrer, tendo sido solicitado um representante por parte do Governo, atendendo à nacionalização da maior parte dos jornais.

AS DESIGUALDADES NA FUNÇÃO PÚBLICA

Deficiências em algumas notícias sobre a recente visita do secretário de Estado da Administração Pública a Matosinhos, Porto e Coimbra motivaram um esclarecimento do Ministério da Administração Interna, que hoje recebemos. O esclarecimento diz respeito, essencialmente, a palavras do secretário de Estado, em alguns casos reproduzidas de modo a provocar confusão.

Segundo o referido esclarecimento, «o que se afirmou e se reafirma é que dentro de dias virão a público algumas das medidas ora em estudo, e que se enquadram, algumas

delas, numa política que visa a eliminação, por atenuação progressiva, das desigualdades salariais verificadas na função pública.

Acrescenta: «Carece, assim, de fundamento toda a informação prestada no sentido de que tenha sido anunciado o nivelamento ou uniformização dos salários dos trabalhadores da função pública. Trata-se, com efeito, de um objectivo fundamental a prazo indeterminável que será tanto mais curto quanto mais rápida for a evolução da situação económica e financeira do País, a qual determinará um maior ou menor ritmo de aproximação das situações de desfavor em cada categoria ou função».

Encontro da canção popular em Ilhavo

ILHAVO — Reuniu-se o júri do I Encontro da Canção Popular, organizado pela secção cultural do Iliabum Clube e que se efectua no próximo dia 1 de Maio, na sede daquela agremiação, tendo seleccionado as canções destinadas ao espectáculo. Das 56 produções, foram apuradas oito, a saber:

«Menino Descalço», letra de Prazeres Quintas, música de Arnaldo de Carvalho; «Povo do Meu País», letra de Prazeres Quintas, música de Arnaldo de Carvalho; «Com um pé em dois Mundos», letra de Geraldo Eduardo Alves, música de Horácio Labrinha Baptista; «Canção Gritada», letra de João Esteves da Silva, música de José Maria Vaz d'Almeida; «A Cegada», letra do Grupo teatral «A Comuna», música de José Maria Vaz d'Almeida; «Necessário Construção», letra de A. Degois Pereira, música de Narciso Costa; «Os Lobos», letra e música de José Simões; e «Crianças Abandonadas», letra de Cecília Morais e música de José Simões.

Este encontro visa incentivar a produção de canções que falem dos problemas reais do povo, que vive na esperança de uma autêntica libertação.

FOI A ESPANHA QUEIXAR-SE DOS PORTUGUESES

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO, 22 — Um cidadão suíço, hospedado num bloco de apartamentos em Monte Gordo, a quem tinham retalhado os pneus e inutilizado a pintura do automóvel, e a quem a Polícia local já prometera reparar os danos, o que não aceitou, deslocou-se à vizinha Espanha e fez fotografar o carro pela Imprensa espanhola, afirmando que aquilo tinha sido feito pelos «selvagens portugueses».

A denúncia foi feita por uma sua compatriota, que soube do sucedido e protestou, por não concordar com tal manipulação.

É estranho que aquele turista não tenha seguido a via normal, contactando a Embaixada do seu próprio país.

REPÚBLICA FEDERAL ALEMÃ

Os emigrantes portugueses e o abono de família

A nova lei sobre o abono de família adoptada na República Federal Alemã, e que entrou em vigor no princípio deste ano, também é válida para os portugueses — recorda o boletim «A Emigração Mês a Mês», da Secretaria de Estado da Emigração.

Das conversações entre o Governo Alemão e o Governo Português para rectificação do Acordo sobre Segurança Social entre os dois países, concluíram-se os seguintes benefícios: o direito ao abono de

pois dos 18 anos e até aos 25, no caso de os descendentes residirem em Portugal e se encontrarem em períodos de formação profissional ou escolar; o pagamento de abono de família será feito directamente aos familiares em Portugal, caso o trabalhador, com direito ao mesmo, não cuidar do sustento da família; o trabalhador português que recebe abono de família não perde o direito ao mesmo, durante o tempo em que lhe é concedido subsídio de desemprego ou de doença.

Trabalhadores das pescas não abandonam as suas instituições

Os trabalhadores dos Institutos de Biologia Marítima, Instituto das Técnicas de Pescas, Instituto Hidrográfico (sector ligado às Pescas) e pessoal ligado à «Acção COST 64-B da Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica», reunidos em plenário decidiram por unanimidade não sair do âmbito dos actuais Quadros das Instituições a que pertencem, enquanto não estiverem realizadas as condições mínimas indispensáveis para a salvaguarda dos seus interesses e actividades.

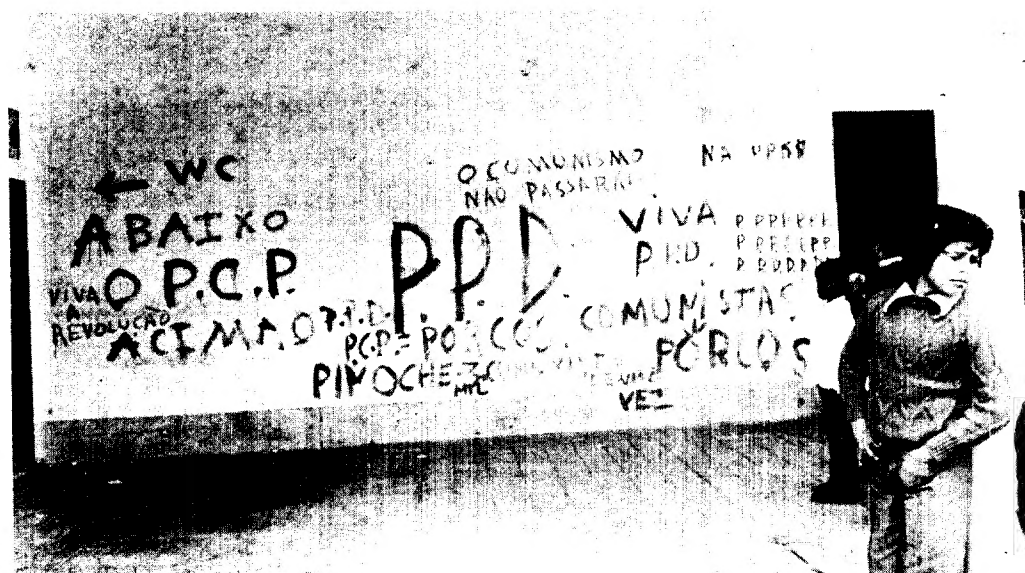
A reintegração das referidas instituições nos departamentos de Estudo das Pescas, dada a situação de incerteza em que as mesmas se encontram desde Maio de 74 (quase há um ano, portanto), fora proposta por uma comissão eleita pelos trabalhadores, mas tem sido estudada, segundo o comunicado daqueles trabalhadores por comissões nomeadas, nas costas dos trabalhadores, numa atitude altamente autocrática, que tem vindo a ser denunciada sem qualquer resultado.

A agravar o descontentamento destes trabalhadores, os cinco pontos reivindicativos aprovados num plenário no passado dia 1, apresentados

ao secretário de Estado das Pescas e por este aprovados oralmente, têm sido desrespeitados, pelo que o plenário do dia 15 decidiu a medida já referida, bem como a divulgação da respectiva situação.

Alterações toponímicas no Barreiro

Na vila do Barreiro foram alteradas ou criadas novas denominações toponímicas. Deste modo: ao arruamento de ligação das Ruas Maria Lalande e dos Mártires da Guerra Colonial, foi dado o nome de Travessa António Aleixo; Parque Infantil M. F. A., passa a ser a denominação do parque situado entre as Ruas Maria Lalande e dos Mártires da Guerra Colonial; ao arruamento a sul da ligação das ruas antes referidas foi dado o nome de Praceta da Democracia; ao arruamento a norte das mesmas artérias passará a designar-se por Praceta Saeiro Pereira Gomes; Parque Infantil Professora Maria Machado será o parque situado a sul da ligação das Ruas Maria Lalande e dos Mártires da Guerra Colonial.



ERRO PARTIDÁRIO

A falta de respeito pelo jogo democrático que um mínimo de civilidade aconselharia a respeitar, durante, pelo menos, a campanha eleitoral, exerce-se, muitas vezes, nos lugares menos aconselhados. Foi o que aconteceu em Porto Salvo (Paço de Arcos), na parede de uma escola onde alguém fizera inscrições de apoio ao Partido Comunista Português. Numa noite (ao que se supõe), mãos pouco limpas não só apagaram essas inscrições, como disseminaram insultos ao P.C.P. num acto contrário às normas que deveriam presidir à propaganda eleitoral dos vários partidos. E logo numa parede de escola... Enfim — talvez para deseducação dos alunos, inculcando-lhes assim uma triste imagem da campanha em curso. Eis mais uma contradição do momento histórico que estamos a viver: não ao diálogo, e sim ao insulto e à calúnia... Não se trata certamente de uma directriz da cúpula do P.P.D., outro como em tantos outros casos, de obra de energúmenos reaccionários que querem agravar as relações entre os partidos da coligação

Porto: confronto de alunos do Liceu Rodrigues de Freitas

PORTO, 22 — Um confronto entre estudantes do Liceu Rodrigues de Freitas deu origem à intervenção, na tarde de ontem, de elementos da P.M. da P.S.P., que se deslocaram àquele liceu. Ao que parece, alunos de partidos esquerdistas tentaram impedir a entrada no liceu de colegas afectos a partidos considerados das direitas. Durante o confronto andaram paus pelo ar e houve algumas cabeças partidas.

Com a intervenção da P.M. e da P.S.P., a ordem voltou àquele liceu.

NOVO PROGRAMA DA TELESOLA

A dr.ª Manuela Silva, presidente da Direcção do Instituto de Tecnologia Educativa, deslocou-se ontem às instalações da Telescola, em Gaia, a fim de discutir com o respectivo pessoal as bases de uma reforma daquele meio audiovisual que carece de uma melhor qualidade de ensino. Não só os monitores precisam de dispor de melhores meios de formação pedagógica, como também as crianças frequentadoras da Telescola carecem de material escolar gratuito e outras facilidades. Foi ainda focado que, apesar do seu elevadíssimo custo (só no último ano económico gastaram-se mais de 70 mil contos, o que corresponde a 83 por cento das despesas do Instituto de Tecnologia Educativa) os benefícios colhidos não correspondem a semelhantes gastos. Daí a necessidade de serem tomadas medidas que modifiquem profundamente o actual sistema de funcionamento da Telescola.

Um dos pontos abordados foi a possibilidade de introduzir futuramente lições gravadas, em substituição, portanto, das directas, o que permitirá uma maior flexibilidade no que se refere a eventuais modificações dos programas e uma economia anual superior a 20 mil contos.

A dr.ª Manuela Silva revelou ainda que no final do presente ano lectivo deverão cessar as

comissões de serviço de todos os professores actualmente em serviço na Telescola.

OS BOATOS CONTINUAM

A direcção do Sindicato dos Bancários do Distrito do Porto, através de uma circular dirigida aos trabalhadores bancários e ao público em geral, chama a atenção para um boato que ontem, dia 21, se tentou lançar na Póvoa do Varzim (e possivelmente noutras localidades) de que «o Governo teria ordenado a todos os depositantes o levantamento de depósitos a prazo e mais, que no Porto, já existiam editais com tal orientação».

A circular acentua, ainda: «Tais boatos inserem-se num boicote reaccionário ao processo socializante em curso. Apelamos a todos os trabalhadores e, particularmente, aos trabalhadores bancários para se manterem vigilantes e desmascarem todas as manobras fascistas».

357 ACIDENTES EM MARÇO

No passado mês de Março, foram registados na cidade do Porto e áreas policiadas dos concelhos vizinhos, 357 acidentes, havendo a lamentar 3 mortos 38 feridos graves e 203 feridos ligeiros.

O número total de acidentes foi bastante inferior ao verificado nos primeiros meses do ano, salientando-se como locais mais perigosos: Av. da República, em V.N. de Gaia (19 acidentes), Av. Boavista (14 acidentes), Estrada Interior da Circunvalação (13), Rua S. Roque da Lameira (9), Praça Mouzinho de Albuquerque (6), cruzamento da Circunvalação com a R. do Amial (5) e Rua da Constituição (5 acidentes).

O excesso de velocidade e a falta de prioridade foram as causas mais frequentes destes acidentes.

Foram detectadas pelo radar 282 transgressões por excesso de velocidade. Também no mês de Março foram furtados 168 veículos, sendo recuperados 143 números ligeiramente superiores aos habituais.

Curso para inspectores do ensino primário

Por aviso da Direcção-Geral do Ensino Básico, já enviado para o Diário do Governo, decorrerá até 15 de Maio próximo a inscrição para admissão a um curso de especialização para inspectores-orientadores do ensino primário, cujas futuras nomeações se destinam ao preenchimento das vagas então existentes no respectivo quadro.

Os interessados poderão candidatar-se entregando, até aquela data, nas delegações escolares ou secretarias da zona a que pertencem um requerimento, cuja norma estará afixada nestas repartições, e uma ficha de inscrição por elas também fornecida. A 25 de Junho será publicada a lista definitiva dos candidatos admitidos, com indicação do local, dia e hora a que apresentar-se para a

prestação das provas de admissão.

Para conhecimento do regulamento de admissão ao curso em epígrafe devem, os interessados dirigir-se ao Centro de Informação e Relações Públicas (Cirep) no M. E. C. à Av. 5 de Outubro, 107.

ARTÉRIA VEDADA AO TRÁNSITO

Segundo informa a Junta Autónoma de Estradas, por não estarem concluídos os trabalhos a cargo da C. P., da passagem inferior do Charuto, é prolongada até depois de amanhã a interrupção do trânsito ao quilómetro 46,200 da E. N. 125, entre Portimão e Estombar.

ALENTEJO

CUNHAL
EM TRÊS COMÍCIOS

Hoje os grandes agrários lamentam-se e dizem que os 500 hectares em terras de sequeiro e os 50 de regadio são pouco. Pois nós pensamos que ainda são muito para uma família só. Mas se não lhes interessa então deixem-nos porque haverá quem os ponha ao serviço do povo. Afirmou Álvaro Cunhal em comício realizado em Beja, no Estádio Municipal. É difícil calcular o número de pessoas comprimidas no recinto. Mas eram muitos (mesmo muitos milhares). Houve alegria, festa, convívio. Um clima fortemente emocional envolvia a assistência. Até aconteceram desmaios provocados pelo calor e pelos nervos. Veio gente, camponeses, de todas as freguesias do distrito. Transportavam-se em galeras puxadas por tractores e em camionetas de carreira alugadas. Bandeiras do P. C. P. e grinaldas de flores ornamentavam os veículos. Cantaram ranchos de ceifeiros. Vitoriou-se a Reforma Agrária.

Aliás foi este o tema central dos discursos de Álvaro Cunhal nos três comícios onde esteve presente. Primeiro em Portalegre, uns minutos antes das 13 horas, onde disse perante as representações dos trabalhadores rurais de Campo Maior, Castelo de Vide, Alter do Chão, Elvas Gavião, Reguengo, Crato, Urra e outras freguesias do distrito, que *muito antes do 25 de Abril o Parti-*

do Comunista assumira um compromisso para com a classe operária e os camponeses de não poupar esforços até ao dia em que fosse abolido o poder dos monopólios e dos latifúndios. Até ao dia em que as riquezas criadas pelo trabalho sejam postas ao serviço do povo. Referindo-se à reacção como algo de muito concreto ainda no nosso País, o secretário geral do P. C. P. salientou: Se eles conspiram e procuram travar o caminho da democracia será o nosso povo com os comunistas e o M.F.A. que acabará por os destruir para sempre. Tal como ontem, nós, os comunistas, estamos dispostos hoje a enfrentar todos os perigos e a dar a vida se preciso for para a construção de uma sociedade democrática a caminho do socialismo. Depois da sua intervenção Álvaro Cunhal seguiu para Évora onde estava a decorrer outro comício.

No trajeto de Portalegre para Beja, uma paisagem de verdes e castanhos intercalados, encontrámos grupos de camponeses à beira da estrada com bandeiras vermelhas saudando os carros que passavam de punho erguido. O Alentejo estava em festa. Porém, foi em Beja o grande espectáculo. A cidade invadida por uma multidão (dizem que para cima de 60 mil) de trabalhadores rurais vestidos com os seus fatos de domingo cobertos de emble-

mas e tarjetas.

O slogan mais repetido era: Assim se vê a força do P. C. Álvaro Cunhal numa passagem do seu discurso, pegando nestas palavras afirmou: *Falaís, camaradas, na força do P. C. É bom que se saiba de onde ela vem. Sois vós que dais a força ao Partido, que engrossam a nossa grande família e que lutam por uma sociedade que ponha fim à exploração do homem pelo homem. O Partido Comunista sem vocês, sem a classe operária, não era nada. Referiu-se também às dificuldades, aos vexames, ao desemprego, à exploração sofridos pelos trabalhadores rurais alentejanos. Passaram os anos. Muitos de vocês estiveram nas prisões, muitos foram assassinados mas a terra vai ser entregue a quem a trabalha.*

Vitória. Vitória. Gritava a multidão. Ali no estádio municipal de Beja todos ficaram convencidos que tinha chegado o dia em que iam ser liquidados os latifúndios. Já ninguém consegue convencer os camponeses do Alentejo que a marcha da história pode ser outra. Até porque eles não co- peremitem.

No rescaldo da festa, quando as galeras e as camionetas iniciavam a marcha de retorno ao ponto de partida, Maria Adelaide, camponesa da Salvada, diz se o P. C. P. não tiver o Poder vamos para a porrada.

O SANEAMENTO NO MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

ESCLARECIMENTO DOS TRABALHADORES
JUDICIAIS DO DISTRITO DO PORTO

Relativamente a uma notícia publicada pelo «DL» no passado dia 11, sob o título «O Ministério da Justiça entrava o processo de saneamento», recebemos da Comissão Pró-Sindicato dos Trabalhadores Judiciais do Distrito Judicial do Porto uma carta-esclarecimento.

Reportando-se a uma afirmação contida na notícia de 11 de Abril («Referiram, ainda a propósito, os fracos ordenados que paralelamente lhe são pagos (9 035\$00) em contrapartida com os auferidos pelos escrivães do civil que atingem os 13 000\$00), a carta defende o seguinte.

«Como esta afirmação não corresponde à verdade, solicita a Comissão Pró-Sindicato dos Trabalhadores Judiciais do Distrito Judicial do Porto, que esta carta seja publicada na sua íntegra, a qual tem por fim esclarecer aqueles que não estão ao par do assunto.

A comparação acima referida diz respeito aos vencimentos auferidos nas comarcas de Lisboa e Porto.

Podemos afirmar, sem receio de desmentido, que, na do Porto, um delegado recebe, ilíquido, de vencimento, subsídio de renda de casa e de emolumentos - 14 112\$00 - e um escrivão de direito - 12649\$00.

Como ressalta, é bem diferente do afirmado.

Mesmo que verdade fosse, lamentamos que a comparação partisse de uma classe que tem por dever não menosprezar a função dos escrivães, pois é do seu conhecimento os imensos sacrifícios a que a

profissão obriga, merecendo bem o ordenado que auferem e que de forma alguma se pode considerar elevado, se se atender a que, presentemente, só a renda de casa absorve, na maioria dos casos, 1/3 dos seus proventos, que não incluem qualquer subsídio para este fim e a que os funcionários de Justiça se julgam também com direito, pois, é o seu cofre, que suporta os encargos do subsídio da renda de casa e emolumentos pagos aos delegados, que recebem o vencimento, propriamente dito, pelo Orçamento-Geral do Estado.

O montante que se indica, corresponde ao máximo, que por lei, o escrivão pode receber nas comarcas referidas, sujeito a redução, se diminuir o rendimento da comarca, o que é verificado, obrigatoriamente, de dois em dois anos, pela Direcção de Serviços dos Cofres.

Não contestamos se os ordenados dos delegados são «fracos» e não correspondem às altas funções que desempenham e ao grau de habilitações literárias que possuem.

Têm todo o direito de pugnar pela melhoria da sua situação económica, lutando por uma justa remuneração, aspiração extensiva ao funcionalismo em geral, mas não o têm para realçar o que recebem os seus mais directos e leais colaboradores, sabendo muito bem que estes, quando conseguem a sua colaboração nas comarcas de Lisboa e Porto, já gastaram ao serviço da Justiça os melhores anos da sua vida e só nestas comarcas, têm direito àquela remuneração, onde terminará a sua longa carreira, inicia-

da na categoria de escriturário, à qual corresponde, actualmente, o vencimento ilíquido de 4 100\$00, ao passo que os delegados a estão praticamente a iniciar, pois, desta categoria, se processa a sua ascensão aos lugares cimeiros: juizes, desembargadores e conselheiros.

Que nos desculpe a grande maioria dos delegados as considerações que fomos obrigados a trazer a público, pois sabemos que nutre pelos funcionários o maior respeito e consideração, no que são largamente correspondidos.

Com a publicação desta carta-esclarecimento, não se pretende estabelecer polémica, pois como necessário se torna a união Povo/M.F.A. para consolidar a nossa jovem democracia e assegurar a independência da nossa querida pátria, também a união magistrados/funccionários é imprescindível para prestigiar a Justiça e, consequentemente, os tribunais, seus magistrados e funcionários».

"O PODER
POPULAR
EM CUBA"

Dentro da campanha de dinamização cultural que está a promover, a Junta Distrital de Setúbal apresenta a exposição «O poder popular em Cuba», na Casa da Cultura da Juventude, na Avenida Luísa Todi (antiga fábrica do gás).

A exposição pode ser visitada diariamente até 28 de Abril, das 15 às 18 e das 21 às 23 horas.



Uma mulher conduzindo um cilindro compressor, no sábado passado, em Moscovo, durante o dia especial de trabalho, o «subbotnik vermelho», que serviu para assinalar o aniversário do nascimento de Vladimir Lênine. (Telefoto UPI-Telimprensa)

ALARGAMENTO DO DIREITO
AO ABONO DE FAMÍLIA

As disposições legais em vigor estabelecem que conferem direito ao abono de família, até aos 14, 18, 21 e 24 anos de idade, os descendentes que se encontrem sujeitos, respectivamente, ao regime de escolaridade obrigatória, ensino secundário, médio e superior.

No tocante a diminuídos físicos, o direito ao abono é reconhecido, no caso de incapacidade total para o trabalho, sem qualquer limite de idade. Considerando os casos em que a diminuição não implica a referida inaptidão mas determina certo retardamento na obtenção de aproveitamento escolar ou aprendizagem profissional adequada, foram determinadas medidas especiais no sentido de conceder o abono de família não só aos descendentes internados em estabelecimentos de ensino de surdos-mudos, invisuais e outros deficientes sensoriais e men-

tais mas também de elevar para 16 anos a idade limite para frequência do ensino primário elementar ou aprendizagem de profissão, independentemente de matrícula e frequência em escolas de reeducação para anormais.

Considerando que não se encontram abrangidos por este regime os deficientes, nomeadamente os invisuais, que frequentem, em regime de não internato, estabelecimentos de ensino secundário, médio ou superior em condições que, podendo considerar-se satisfatórias para o seu estado físico ou psíquico, todavia excedem as idades limites fixadas para o efeito de concessão de abono de família, o que se traduz numa situação de injustiça, foi agora determinado, por despacho do secretário de Estado da Segurança Social, que passam a ter também o direito ao abono de família os descen-

dentos ou equiparados, diminuídos físicos ou que sofram de atraso mental, que, não se encontrando nas condições legalmente previstas, frequentam estabelecimentos de reeducação ou de ensino secundário, médio ou superior, para além das idades limites legalmente fixadas.

O mesmo despacho determina também que a verificação do direito será efectuada por médico a designar pela Caixa e deverá ser suficientemente rigorosa para contrariar qualquer tendência para uma atribuição sistemática das faltas de aproveitamento escolar a deficiências físicas ou psíquicas e que os limites de idade legalmente fixados, para efeito de concessão de abono de família, referentes aos ensinos secundário, médio e superior, poderão ser alargados no máximo de 3 anos.

BOA VIAGEM :
PEDIDA A INTERVENÇÃO DO GOVERNO

Os trabalhadores do grupo Boa Viagem pretendem a intervenção do Governo, seja pela nacionalização, seja pela nomeação de um delegado para o conselho de administração. Decidiram afastar os actuais administradores, sem qualquer indemnização e eleger delegados para fazerem parte da administração.

Do grupo fazem parte as empresas Boa Viagem, Lopes e Matos, Ld.ª, empresa de camionetas Silmar, Ld.ª. Transportadora Progresso da Costa do

Sol, Ld.ª. Sotes, Ld.ª e Vasco Painho, Ld.ª, cujos trabalhadores, reunidos num plenário em Sacavém, chegaram à conclusão que, a não se verificar uma alteração nos processos de gestão, em breve se entrará numa situação de caos. As medidas sugeridas destinam-se não só a assegurar os interesses dos trabalhadores, mas também os dos fornecedores e público em geral.

SABOTAGEM
PROVOCA OCUPAÇÃO

Os trabalhadores dos trans-

portes de Sacavém, Ld.ª, decidiram por unanimidade ocupar as instalações da firma e assumir a sua gestão. Esta decisão deve-se ao facto de a empresa estar a desviar receitas para a constituição de uma nova firma — Focal — cujos patrões, empregados, instalações e máquinas são os mesmos dos transportes de Sacavém, constituindo, portanto, um encargo destes.

Os trabalhadores consideram esta acção como sabotagem económica.

NOVOS CORPOS GERENTES NA ASSOCIAÇÃO
DOS DEFICIENTES DAS FORÇAS ARMADAS

No Lar Militar da Cruz Vermelha, decorreu uma assembleia geral ordinária da Associação dos Deficientes das Forças Armadas. A ordem de trabalhos foi a seguinte: apreciação e aprovação do relatório e contas de 1974; eleição dos órgãos administrativos para o biênio 1975-1976; e discussão de quaisquer outros assuntos que porventura viessem a surgir.

No relatório da direcção da A.D.F.A. apresentado à assembleia geral podia ler-se: «Em 22 de Junho de 1974, no Pavilhão dos Desportos, teve lugar a assembleia geral que credenciou esta direcção para orien-

tar os trabalhos com vista a obter numa sociedade justa, um lugar digno para os deficientes das Forças Armadas». Depois de salientar que a Associação apenas conta como aliado o povo trabalhador, o relatório afirma: «Não foram os grandes capitalistas Champalimaud, Melos, Borges, Quinas, etc. Esses transformaram o nosso sangue e o dos camaradas que morreram, em capital. Esses continuam ainda a sugar o suor dos trabalhadores».

O relatório refere-se mais à frente à ocupação do Palácio da Independência, salientando o interesse de certas forças em aniquilar a A.D.F.A., entre elas a Liga dos Combatentes. O

Conselho Fiscal emitiria depois o seu parecer sobre o relatório e contas da direcção.

Foram indicados para os cargos directivos, como lista única, os seguintes elementos da direcção: presidente, Jorge M. Pardo Maurício; 1.º secretário, António J. Lavouras Lopes; 2.º secretário, Hugo António L. Guerra; tesoureiro, José Albino A. Gabriel. Assembleia geral: presidente, António G. Godinho (até aqui presidente da direcção); 1.º secretário, Alcino Pinto Santos; 2.º secretário, Vítor Manuel Leal Mendes. Conselho fiscal: presidente, Luciano Dias; 1.º vogal, João Filipe Ascensão; e 2.º vogal, Ludgero dos Santos Sequeira.

A história de uma clínica, onde as enfermeiras são para todo o serviço.

ONDE É QUE DÓI?



COM: **PETER SELLERS**, JO ANN PFLUG

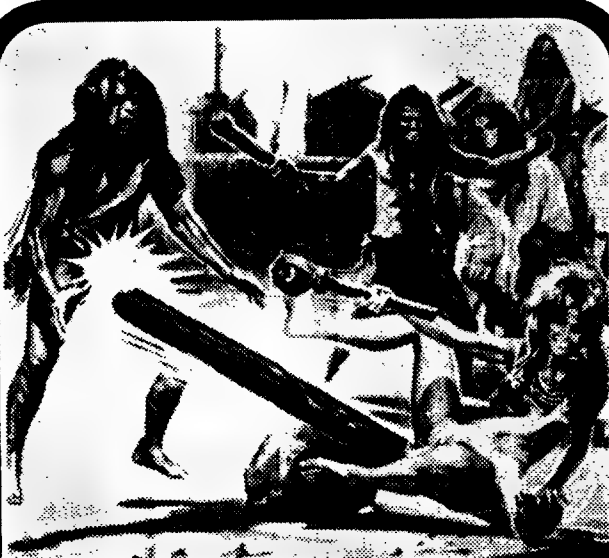
EASTMANCOLOR

GRUPO D (18 anos)

scimes

HOJE ÀS 21,15 NO

IMPERIO
RUARUARUARU



Quando as mulheres jogavam Ding Dong

When women played Ding Dong

impuseram a mais remota greve: nem carícias, nem amor enquanto houver guerras... Se elas não tivessem cedido em que mundo viveríamos hoje?

com **ANTONIO SABATO-VITTORIO CAPRIOLI**
Realização de **BRUNO CORBUCCI** **ALDO GIUFFRÉ-NADIA CASSINI**
Technicolor Techniscope Não aconselhável a menores de 13 anos

HOJE — ESTREIA no **COLISEU**
As 21.30 h.

RIPE

REPRESENTAÇÕES INDUSTRIAIS PORTUGUESAS e ESTRANGEIRAS, L.DA

Participa a todos os seus clientes que se encontra encerrada amanhã, dia 23, por virtude do falecimento da mãe do seu sócio-gerente Senhor Filipe de Jesus Rocha.

SINDICATO DOS TRABALHADORES DOS TÊXTEIS DE LISBOA, LANIFÍCIOS E VESTUÁRIO DO SUL

CONVOCATÓRIA

REUNIÃO GERAL DE DELEGADOS

Dia 22 de Abril — Terça-feira — Pelas 21 horas

COM A SEGUINTE ORDEM DE TRABALHOS:

- Contratos Colectivos de Trabalho
- Informações

Esta reunião terá lugar no Teatro Vasco Santana, Av. da República (junto à Feira Popular).

NOTA Esta reunião abrange todos os sectores deste Sindicato, devendo estar presentes todos os delegados do mesmo.

A DIRECÇÃO

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES (S. A. R. L.)

AVISO

CONCURSO

Até às 16 horas do dia 7 de Maio de 1975, esta Companhia aceita propostas para a adaptação e exploração de uma dependência no apeadeiro de Entrecampos, para venda de jornais, artigos de tabacaria, livraria, regionais, fotográficos, brinquedos, bebidas, café, bolos e sanduíches, ficando todas as despesas a cargo do interessado.

A anuidade mínima a oferecer pela ocupação da dependência é de 8000\$00 e as respectivas propostas deverão ser feitas com base no programa do concurso e condições contratuais, que os interessados poderão consultar nas seguintes estações e locais:

Entrecampos
Lisboa (Rossio)

Braço de Prata

Campolide

Sector Comercial
da Região Centro
Lisboa (Santa Apolónia)
Serviço Comercial de
Passageiros da Companhia
Rua Victor Cordon, 45
Lisboa-2

Esta Companhia reserva-se o direito de rejeitar todas as propostas, ou algumas delas, se assim o julgar conveniente. A propostas deverão ser feitas em carta fechada dirigida ao Serviço Comercial de Passageiros da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, Rua Victor Cordon, 45 — Lisboa-2, acrescentando-se àquele endereço, no invólucro, o seguinte:

«Proposta para exploração de uma dependência, no apeadeiro de Entrecampos».

SILENCIOSOS E TUBOS DE ESCAPE B O R T E X



Substituições em menos de 60 minutos!...
na Rua do Arco do Carvalho, 75-A — Telef. 65 07 63
e Rua de Entrecampos, 10-A — Telef. 76 90 84



MARIANA DA CONCEIÇÃO ROCHA

FALECEU

Filipe de Jesus Rocha, esposa e filhos, Aurélia Rocha dos Santos, filha, genro e netos, cumprem o doloroso dever de participar o falecimento da sua muito querida mãe, sogra, avó e bisavó e que o seu funeral se realiza amanhã às 10 horas, da Igreja dos Jerónimos para o cemitério da Ajuda.

AGÊNCIA GONÇALVES, LDA., Telfs. 532379 - 533206

Nacional A homossexualidade

Continuação da pág 3

sexuais exprime desse modo que se passou, na sua história singular, algo que lhe impediu a ascensão plena à diferença como lugar de prazer. Esta é uma interpretação que, tal como a afirmação que dela se depreende, a de que a realização do canal homossexual é por si só possível, valeria ao autor as censuras dos zeladores da plurinormalidade em matéria sexual.

Tão severo para as elucubrações de Reich como para os antigos moralistas católicos, Marc Oraison passa em revista vários aspectos do problema homossexual, o que lhe permite afirmar a sua originalidade: um olhar lúcido mas simpático sobre os indivíduos e não sobre a ideia que deles se faz. O facto de se ser homossexual não é de ordem moral, não é uma 'falta', nem um 'pecado', nem um vício: é um facto, escreve ele. Sim, dir-se-á, mas São Paulo? A acre-

ditar em Marc Oraison, o pensamento de São Paulo merece ser visto à luz do que se conhece dele e do célebre espírito na carne, obra de um anjo de Satanás para que a superabundância das revelações não me exalte.

Não é de excluir, escreve Marc Oraison, que o sofrimento pessoal de Paulo, causa do seu encontro com Cristo, tenha tido ligação directa com a homossexualidade. Daí a dizer que São Paulo era homossexual há um simples passo que os inimigos de Marc Oraison — são numerosos — o acusarão de ter dado. Enganar-se-iam, porque Marc Oraison não faz tal afirmação. O que ele sabe é que Cristo situa a verdadeira moral no oposto do farisaísmo e do legalismo: a verdadeira moral é a do coração. Embora imperfeitas, diz o autor, há relações homossexuais que podem exprimir da parte de indivíduos concretos uma atitude positiva do coração.

NO DIA 25, SE NECESSÁRIO

HORÁRIOS "EXTRA" PARA AS CAMIONETAS

Na próxima sexta-feira, para facilitar o acesso das populações às assembleias de voto, as empresas concessionárias de transportes rodoviários poderão fazer horários «extra» decidiu o secretário de Estado dos Transportes Terrestres e Aéreos, eng. Machado Rodrigues. O seu despacho vem transcrito no relato da sessão de ontem da Comissão Nacional das Eleições, que passamos a transcrever:

«Teve hoje, dia 21, a C. N. E. uma sessão ordinária, na qual apreciou vários assuntos correntes do seu expediente. A C.N.E. examinou a resposta de dois jornais a uma queixa formulada por um partido político, tendo considerado esta improcedente.

A C. N. E. decidiu, face a outras comunicações recebidas, mais uma vez chamar atenção das publicações periódicas, nomeadamente dos jornais diários, para a obrigatoriedade legal de dar um tratamento jornalístico não discriminatório às diversas candidaturas, em termos de as mesmas serem colocadas em condições de igualdade, e para o facto de que a violação desse preceito, pode ser objecto de reclamação para a comissão por parte dos representantes das candidaturas que se sintam eventualmente prejudicadas.

Considera a C. N. E. que o objectivo da Lei Eleitoral é garantir a participação activa da maioria dos portugueses nas eleições e por isso, se referiu, no Decreto-Lei n.º 188 A/75, de 8 de Abril, o exercício do direito de voto por intermédio de representantes em relação a eleitores impedidos de compa-

recer na assembleia ou sessão de voto por imperativos do exercício de funções públicas.

No propósito de não dificultar esta representação, entende a C.N.E. que a mesma poderá ser feita através de documento que ofereça aos presidentes das mesas eleitorais suficiente garantia de autenticidade do mandato conferido.

Será nomeadamente o caso da representação em que os Comandos Militares certificam a veracidade da assinatura do representado.

Tomou também a C. N. E. conhecimento de um despacho de 17 do corrente do secretário de Estado dos Transportes Terrestres e Aéreos, nos seguintes termos:

«Com vista a facilitar-se o acesso das populações às assembleias de voto quando, no próximo dia 25 de Abril, forem cumprir os seus deveres de eleitores, são os concessionários de transportes colectivos rodoviários autorizados:

— A praticar os horários extraordinários que julguem convenientes nas carreiras que já exploram;

— A efectuar transportes eventuais, se necessário, devendo praticar os preços habituais nesta modalidade de transporte, não necessitando, para o efeito, de formular quaisquer pedidos para a sua efectivação».

A Comissão Nacional das Eleições decidiu que no próximo dia 25 reunirá no Centro de Informação para a Imprensa, instalado na Fundação Gulbenkian.

A próxima sessão ordinária da C. N. E. terá lugar amanhã, às 15 horas.»

Necrologia

D.ª MARIANA DA CONCEIÇÃO ROCHA

Faleceu a sr.ª D. Mariana da Conceição Rocha de 80 anos, natural de Ventosa — Alenquer. O funeral a cargo da Agência Gonçalves, Lda., realiza-se amanhã, às 10 horas, da Igreja dos Jerónimos para o cemitério da Ajuda.

Em ARMAÇÃO DE PÉRA o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na TABACARIA LAMI

TOTOBOLA

Apostas com «treze», 7.

Os titulares das matrizes são: Manuel José de Araújo Carvalhosa, José Maria Martinho Ferreira e António Rodrigues Nunes, todos de Lisboa; António Amaral da Silva, do Porto; e «anónimos», do Porto (2) e Lisboa.

Valor provisório de cada «treze», 480 127\$50.

Apostas com «doze», 181 (161 de Portugal, 16 de Angola e 4 de Moçambique). Valor provisório de cada «doze», 18 568\$40.

Estrangeiro

Ford diz que poderá enviar uma força para o Vietname

WASHINGTON, 22 — (A.N.I.) — O presidente Geral Ford afirmou a noite passada que os Estados Unidos buscam uma abertura para conversações tendentes ao estabelecimento do cessar-fogo no Vietname do Sul, após a demissão do presidente Nguyen Van Thieu.

Na entrevista televisada de uma hora, realizada na Casa Branca, o presidente revelou ainda que uma força militar norte-americana poderia ser enviada para o Vietname do Sul para proceder a operações de evacuação de vietnamitas que estiveram aliados aos Estados Unidos.

No entanto, confirmando notícias de que grande número de «marines» está a sair do Hawaii de avião, Ford afirmou que os grupos de «marines» norte-americanos no Pacífico estavam a ser «concentrados» mas não para intervir em Saigão.

O chefe do executivo norte-americano afirmou que se os norte-vietnamitas continuarem o seu avanço militar ou se os sul-vietnamitas se voltarem contra os norte-americanos que se encontram no seu

país «será virtualmente impossível» evacuar civis sul-vietnamitas «sem envolvimento militar considerável — embora a curto prazo, dos Estados Unidos».

Ford disse que o seu país estava a «explorar em conjunto com outros Governos» as «oportunidades de negociação» para pôr fim a 26 anos de estado de guerra, no Vietname, antes que em Saigão se assista a um final doloroso.

Entretanto, a Câmara dos Representantes dos Estados Unidos aprovou uma verba de 330 milhões de dólares para assistência militar ao Vietname do Sul, depois do secretário de Estado norte-americano, Henry Kissinger, ter declarado que tal quantia era necessária para negociar «uma solução humana» para a guerra do Vietname.

Depois do testemunho de Kissinger e do chefe do Estado-Maior do Exército, general Frederick Weyand, a comissão aprovou por 36 contra 15 votos um orçamento de 165 milhões de dólares para assistência ao Vietname do Sul.

Weyand disse que o Vietname do Sul não era militarmente

defensável, mas que neste momento uma ajuda militar poderia ainda impedir o colapso abrupto das autoridades sul-vietnamitas proporcionando negociações.

LUTA NO LAOS

VIENTIANE, 22 — (R.) — Forças de Pathet Lao pró-comunista tomaram um importante cruzamento rodoviário, a nordeste desta capital, após violenta luta com forças direitistas de Vientiane, segundo revelou hoje um funcionário do Ministério da Defesa.

As forças regulares perderam ontem o cruzamento em Salá Phoukhoun, a 147 quilómetros desta cidade, após o Pathet Lao ter bombardeado, durante 24 horas, essa importante posição na estrada 13, ligando Vientiane à capital real de Luang Prabang.

Simulacro de unidade entre o "Labour" e a Intersindical

LONDRES, 22 — (FP) — O Governo trabalhista e o T.U.C., a Intersindical britânica, conseguiram na segunda-feira preservar um simulacro de unidade, mas o fosso cavado entre os dois aliados pelo recente orçamento continua mais profundo do que nunca.

Reunida numa atmosfera tensa para examinar as implicações, para os trabalhadores, da lei de meios austeros apresentada na terça-feira passada ao país, a comissão de ligação Partido Trabalhista-T.U.C. reafirmou energicamente o seu apego ao «contrato social».

Este acordo entre o Labour e a Intersindical prevê que a subida dos salários não deve ultrapassar a do custo de vida e mantém-se sem alteração. Não se pensa tornar a redigi-lo, conforme desejam alguns sindicatos, indignados por causa de um orçamento que coloca a luta contra a inflação à frente da defesa do emprego e faz crescer a pressão fiscal sobre todas as camadas da sociedade, incluindo os seus aderentes.

Tais decisões da comissão de ligação constituem, na opinião

de Harold Wilson, que assistia à reunião, o primeiro-ministro venceu as últimas eleições com o «contrato social» e pretende que os seus parceiros sindicais mantenham as suas promessas de moderação... Aceitar um «contrato social» de novo estilo poria aos seus olhos em perigo o futuro da sua política económica ao mesmo tempo que seria uma delcaração de malogro da acção governamental nos últimos seis meses.

A VISITA DE MITTERRAND COMENTADA PELA "PRAVDA"

MOSCOVO, 22 — (FP) — Nas vésperas da chegada à U.R.S.S. de François Mitterrand e de uma delegação do Partido Socialista Francês, a Imprensa soviética continua a considerar favoravelmente o papel deste partido na esquerda francesa, lembrando que o Partido Comunista Francês está pronto a cooperar com a «social-democracia».

Assim, para a «Pravda» de hoje, a «união das forças da esquerda exerce enorme influência na evolução da situação em França».

A visita à U.R.S.S. do primeiro-secretário do Partido Socialista Francês — escreve aquele jornal soviético — demonstra o desejo sentido «pelas diferentes formações

políticas da união da esquerda em particular do Partido Socialista, de alargar e reforçar as suas relações com os partidos comunistas e operários dos outros países, e nomeadamente dos países socialistas da Europa».

Por fim, a «Pravda» recorda as palavras do secretário-geral do P.C. soviético, Leonid Brejnev, no vigésimo congresso do partido: «O Partido Comunista da União Soviética está pronto a desenvolver a cooperação com a social-democracia tanto na luta pela paz e pela democracia como na luta pelo socialismo, sem renunciar bem entendido à sua ideologia e aos seus princípios revolucionários».

ASSOCIAÇÃO FALANGISTA NÃO AUTORIZADA

MADRID, 22 — (ANI) — Pela primeira vez desde que foi autorizada a constituição de associações políticas na Espanha, as autoridades recusaram permissão para a formação de uma delas.

A comissão permanente do conselho nacional do Movimento indeferiu o pedido para a constituição da comissão organizadora da associação Aliança Popular de Esquerdas, apresentado por um grupo de falangistas da Catalunha.

Segundo um informador da comissão, os documentos apresentados «não expõem, com a clareza que se exige as razões pelas quais se deseja promover a associação».

Ao que parece, no programa desta projectada associação existiam «contradições com disposições das leis fundamentais (Constituição) espanholas».

A Aliança Popular de Esquerdas, que apresentou a sua petição no passado dia 7 de Abril, definiu o seu programa

como «falangista» dirigido à classe operária e à classe média.

Um dos seus promotores, Ignacio Rubio, advogado de Barcelona, declarou ao entregar o requerimento para a formação da comissão contar já com 25 mil assinaturas em diferentes províncias, exigidas para a aprovação definitiva como grupo político.

POLÍCIA ABATIDO

BILBAU, 22 — (FP) — Foi esta manhã abatido a tiro, quando saía de sua casa em Guecho, perto de Bilbao, o agente de polícia José Manuel Moran Gonzalez, de 33 anos, segundo foi anunciado de fonte oficial.

Alvejado por dois indivíduos, que rapidamente se puseram em fuga, o corpo ficou crivado de balas.

Recorda-se que o último atentado contra um membro da política política data de 29 de Março, dia da pátria basca, tendo ocorrido em San Sebastian.

Embaixada em Atenas pintada de vermelho

ATENAS, 22 — (R.) — A Embaixada dos Estados Unidos nesta capital acha-se hoje fortemente guardada, após as manifestações anti-americanas de ontem, à noite, que deixaram 52 pessoas feridas.

Um informador das autoridades disse hoje que 26 dos feridos eram polícias.

As manifestações seguiram-se a uma marcha de protesto assinalando o aniversário do golpe de Estado dos coronéis, em 1967, e contra o apoio dado pelos Estados Unidos à junta militar, agora deposta.

O desfile foi oedeiro, mas, pouco depois, um grupo de jovens identificados como maoístas e empunhando cartazes com estribilhos comunistas, assaltou a Embaixada, lançando bombas incendiárias, estilhaçando e partindo mobiliário. Hoje, o edifício de mármore continuava pintado a tinta vermelha e viam-se estilhaços de vidro espalhados por toda a parte, defronte da missão.

A Polícia retaliou com bombas de gás lacrimogénico e cargas de bastão. Alguns manifestantes ergueram barricadas no centro da cidade, mas foram dispersos à meia-noite.

Greve geral em Itália de protesto contra a violência fascista

ROMA, 22 — (R.) — Espera-se que cerca de 12 milhões de trabalhadores italianos participem hoje numa greve geral organizada para protestar contra a «violência e provocações» fascistas e para insistir em reivindicações de carácter económico.

Uma greve fora já pedida para reclamar reformas na política do trabalho e dos investimentos, mas transformou-se, depois, numa manifestação antifascista a seguir aos violentos recontros e à violência nas ruas, desde a semana passada, em que perderam a vida três pessoas.

Três dias de desordens em grande escala, que deixaram mais de 200 pessoas feridas, começaram após um estudante da esquerda, de 17 anos, ter sido morto a tiro em Milão, na quarta-feira, à noite, segundo se supõe por um fascista procurado agora pela Polícia.

Ontem, continuou a onda de violência quando mais duas outras vítimas dos motins, um professor de educação física, de 26 anos, esmagado por um camião da Polícia, na quinta-feira, e um comunista, de 26 anos, morto a tiro, na sexta-feira, à noite, foram enterradas em Milão e Florença.

Um indivíduo, de 26 anos, que se crê ser um direitista, ficou gravemente ferido na cabeça quando foi espancado com barras de ferro e pesadas chaves de fenda por cerca de 20 jovens em Milão, e dois elementos da esquerda foram alvejados a tiro por dois homens que seguiam numa motocicleta. Anunciou-se posteriormente não ser grave o seu estado.

Aguardam-se nas cidades de toda a Itália grandes comícios e manifestações de protesto nas ruas para assinalar a greve

geral. Na área de Milão, a paralisação durará oito horas em muitos sectores. Em alguns, como na indústria, agricultura, panificação, repartições governamentais e postos de correios, cessará o trabalho durante quatro horas.

Noutros sectores da economia a duração da greve varia-

rá, dependendo das decisões das comissões de trabalhadores.

Comboios e aviões paralisarão somente por meia hora, segundo revelaram funcionários sindicais, e não se espera que outros trabalhadores dos transportes públicos estejam em greve durante as quatro horas previstas.

24 horas no Mundo

Num momento em que as forças de libertação se aproximam de Saigão, o presidente sul-vietnamita, Van Thieu, apresentou a sua demissão, acusando violentamente os E. U. A. pelo colapso militar do seu regime. Anuncia-se, entretanto, que as tropas governamentais abandonaram a cidade de Xuan Loc.

Segundo um comunicado governamental tanzaniano, «um país vizinho estaria a preparar-se para invadir a Tanzânia. Os observadores pensam que o país posto em causa pelo comunicado é o Uganda».

O secretário de Estado norte-americano, Henry Kissinger, adiou a visita que devia fazer na próxima semana à América Latina.

Cinquenta mil militantes da extrema-esquerda italiana incorporaram-se no funeral do estudante morto em Milão em recontros com neofascistas.

O presidente alemão ocidental, Walter Scheel, iniciou uma visita oficial a França, a fim de definir com o presidente Giscard d'Estaing um «programa de acção» para a Europa.

No âmbito das celebrações do Ano Internacional da Mulher, a organização Amnistia Internacional publicou uma lista de 252 mulheres presas, em 25 países, por motivos políticos, religiosos ou étnicos.

Karl Czernetz, socialista da Áustria, foi eleito por aclamação presidente da Assembleia do Conselho da Europa.

Entraram em greve três mil operários das linhas de montagem da Fasa Renault de Valladolid (Espanha). Registraram-se, entretanto, três explosões em Pamplona, que, nos últimos meses, tem sido cenário de conflitos laborais. Por outro lado, com 84 anos, morreu um secretário de Franco e seu primo, Francisco Franco Salgado Araujo.

O ministro egípcio dos Negócios Estrangeiros, Ismail Fahmi, foi recebido em Moscovo pelo secretário-geral do P. C. da U. R. S. S., Leonid Brejnev. Um comunicado oficial publicado a seguir diz que os dois estadistas reafirmaram o desejo dos seus países de expandirem em profundidade as suas relações de amizade.



O funeral em Milão de uma das vítimas da crescente vaga de violência em Itália. (Telefoto UPI-Telimprensa)

Nacional

O M.F.A. E O PROCESSO REVOLUCIONÁRIO

"NINGUÉM PODE FICAR PASSIVO"

«Nesta fase revolucionária, que aponta já ao socialismo, ninguém pode ficar passivo, a esperar que as soluções lhe caiam nas mãos como benesse divina» — lê-se no n.º 15 de **Movimento** — Boletim Informativo das Forças Armadas, em distribuição a partir de hoje.

E o texto sublinha de seguida: «Temos de nos convencer que os dois ou três próximos

anos serão anos de luta e de privações, até que a Revolução fique consolidada».

Trata-se de um artigo intitulado **Reflexões sobre o Processo Revolucionário**, cujo aparecimento, praticamente no fecho da campanha eleitoral, tem um peso específico. Esta a razão por que o transcrevemos na íntegra:

«depois do golpe contra-re-

volucionário de 11 de Março findo, de que saiu vencedor o Movimento das Forças Armadas em conjugação com o Povo, a Revolução entrou em nova fase, consubstanciada por medidas radicais nascidas da Assembleia Revolucionária da noite de 11/12 e caracterizada pela definição da via socialista como norte de todo o processo.

«Quase um ano depois do 25 de Abril de 1974, os contornos políticos da Revolução começam a tornar-se bem marcados. De um salto qualitativo, surgiram o Conselho da Revolução e a Assembleia do M. F. A. como órgãos supremos, vigilantes e motores da vida política portuguesa.

Como reforço do movimento revolucionário, impõe-se que se exijam todas as consequências da vitória sobre o golpe contra-revolucionário e se apliquem em todos os sectores do Executivo. O Povo Português tem de se convencer que é ele próprio quem tem de defender as conquistas democráticas alcançadas com a Revolução; e se às Forças Armadas cabe a defesa militar contra o inimigo armado, interno ou externo, a todo o Português

democrático e patriota cabe a defesa psicológica em todos os outros sectores. Nesta fase revolucionária, que aponta já ao socialismo, ninguém pode ficar passivo, a esperar que as soluções lhe caiam nas mãos como benesse divina. Temos de nos convencer que os dois ou três próximos anos serão anos de luta e de privações, até que a Revolução fique consolidada.»

REVOLUÇÃO DEVORA CHEFES

«A Revolução exige de todos nós — e em especial dos responsáveis pelo Poder — uma dedicação sem limites, uma dádiva enorme, uma abdicção total da «suave e doce existência burguesa». Paradoxalmente, as decisões terão de ser tomadas colectivamente... mas num ritmo muitíssimo mais veloz do que na vida normal. As bases terão de ser consultadas mas as decisões não podem demorar para não serem ultrapassadas pelas próprias bases. Daqui a necessidade premente de encontrar dirigentes à altura, decididos e progressistas. Missão difícil, quase impossível e desesperante. Cada cidadão em lugar de lata cheia tem de se habituar a pensar que os períodos revolucionários são devorados de alta chefia tem de se habituar a ter de sair da cena política logo que se sinta incapaz de acompanhar o ritmo revolucionário imposto. Em Revolução não há pessoas insubstituíveis, não há lugares eternos, não há privilégios. Nestas fases, o civismo tem de ser cultivado como se cultivava uma flor rara. Cada cidadão que ascender a um alto posto — pelo impeto vertical da Revolução — tem de mentalizar-se a regressar ao ponto de partida logo que a mesma Revolução lho imponha.

«Ponhamos de lado, pois, a eternização dos cargos, fruto

de longos anos (ou séculos) de culto inquisitorial do poder. Tornemo-nos, na nossa impetuosidade revolucionária, humildes servos da própria Revolução.»

INVENTAR UM PROCESSO

Congratulemo-nos com alguns resultados já conseguidos pela democratização interna das Forças Armadas. É encorajante e exemplar verificar que no Conselho da Revolução, a par de generais e almirantes, se sentam capitães (e até um tenente). Mais surpreendente ainda é o facto de na Assembleia do M. F. A. se verem, lado a lado, oficiais gerais, sargentos e soldados. Tudo isto era inconcebível um ano atrás — e é-o ainda hoje para grande parte das Forças Armadas estrangeiras. No entanto, como frisámos, estas magníficas conquistas exigem homens altamente dotados, tanto no que respeita a qualidades técnicas, como humanas e revolucionárias.

«Sobre a plataforma do M. F. A. com os partidos, havemos de concluir que ela é essencial para prossecução do caminho traçado. E note-se que, embora limite a liberdade política total, deixa ainda muito campo para movimento da actividade partidária. É claro que seria pueril pensar-se que o M. F. A. iria abdicar de todas as conquistas feitas em comunhão com o Povo Português. Se a cena política lusitana voltasse ao 24 de Abril de 1974, a História julgaria inexoravelmente o M. F. A. pela sua inépcia. Temos de continuar a inventar um processo democrático e socialista para Portugal. Ele aproveitará as experiências alheias enquanto essas experiências servirem o caso português. Temos de acreditar nas nossas próprias possibilidades: a construção de um Portugal moderno, desalienado e feliz está ao nosso alcance.



MARIA VITÓRIA TODOS OS DIAS ÀS 20.45 E 23 H.

(Não aconselhável a menores de 18 anos)

O MAIOR ÊXITO DE SEMPRE!

a sensacional REVISTA

ATÉ PARECE MENTIRA!...

com um extraordinário elenco e um grande corpo de baile

AOS DOMINGOS: «MATINÉE», ÀS 16 H.

Às 2.ªs feiras: DESCANSO



MANIFESTAÇÕES NO 1.º DE MAIO

A Intersindical Nacional está a organizar várias realizações para comemorar o 1.º de Maio dia internacionalmente consagrado como Dia do Trabalhador.

Dando cumprimento a uma proposta aprovada no plenário da Intersindical Nacional, realizado em 8 e 9 de Março, a comissão nacional encarregada das comemorações procura pôr de pé, de acordo com o significado deste dia, um conjunto de manifestações populares por todo o País, que marquem, com o devido relevo, o sentido altamente patriótico e unitário da luta dos trabalhadores e do povo português na

construção da sociedade sem exploradores nem explorados.

Em Lisboa, as comemorações do 1.º de Maio estão a ser objecto de especial cuidado. Para além de uma grandiosa manifestação popular e de um comício a realizar no Estádio 1.º de Maio, «estão a ser preparadas outras manifestações que correspondam às exigências que tantos dos nossos camaradas nos impõem ao darem anos de liberdade e a própria vida pela libertação do povo português» — lê-se num comunicado da Intersindical.

Morreu Luís França

Morreu no passado dia 16, o barítono Luís França, um dos mais destacados elementos da Companhia Portuguesa de Ópera.

Luís França iniciou os seus estudos de canto com o professor italiano Codivilla com a idade de 16 anos, tendo logo revelado notáveis recursos vocais. Possuidor de um timbre pouco vulgar, cedo ascendeu aos primeiros lugares da cena lírica nacional interpretando

primeiro no Teatro Nacional de S. Carlos e mais tarde no Teatro da Trindade algumas óperas mais difíceis do repertório tradicional.

Foi particularmente no Teatro da Trindade que Luís França teve algumas das suas mais notáveis criações, tais como: Rigoletto (protagonista); D. Quixote (Sancho); Barbeiro de Sevilha (Bartolo), assim como numerosas óperas portuguesas.

Em LAGOS o DIÁRIO DE LISBOA vende-se no QUIOSQUE de LAGOS

- SINDICATO DOS METALÚRGICOS DO DISTRITO DE LISBOA
- SINDICATO DOS ELECTRICISTAS DO SUL
- SINDICATO DOS TÉCNICOS DE DESENHO
- SINDICATO DOS EMPREGADOS DE ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE LISBOA

CONTRATO COLECTIVO VERTICAL DA INDÚSTRIA METALÚRGICA

No seguimento dos Plenários Verticais já realizados em 5 zonas do Distrito (Vila Franca, Amadora, Torres Vedras, Cacém e Alhandra) para a Discussão do C. T. T. da Indústria Metalúrgica; convocamos os **trabalhadores Metalúrgicos, Electricistas, Técnicos de Desenho e Empregados de Escritório**, para os seguintes Plenários, a realizar:

— **SACAVÉM**
Na Terça-Feira, dia 22 de Abril, às 20.30 horas
No Pavilhão Gimnodesportivo do Sacavenense
SACAVÉM

— **OEIRAS**
Na Quinta-Feira, dia 24 de Abril, às 20.30 horas
Bombeiros de Oeiras
R. Cordeiro Castanheira — OEIRAS

A Ordem de Trabalhos é a seguinte:

- 1.º — Discussão do Anteprojecto do Contrato Colectivo de Trabalho
- 2.º — Verticalização

Participam nestes Plenários representantes dos quatro Sindicatos acima mencionados, e elementos da Federação dos Metalúrgicos.

NOTA: É indispensável a apresentação do cartão de sócio dos respectivos Sindicatos.

— PARTICIPA!
— EM FRENTE PELO CONTRATO COLECTIVO DE TRABALHO VERTICAL!

Lisboa, 18 de Abril de 1975

AS DIRECÇÕES DOS SINDICATOS

Caminhos de Ferro Portugueses

ALUGUER DE ÁREAS PARA ACTIVIDADES COMERCIAIS NO EDIFÍCIO DA ESTACÃO DO ROSSIO

área de 3.200 m², distribuída por 5 pisos a alugar no todo ou em parte

aceitam-se propostas até 31 de Maio

informações, aquisição de plantas, aceitação de propostas:

Direcção de Equipamento, Calçada da Glória n.º 12 de Segunda a Sexta, das 11 às 13 horas LISBOA

NO TEATRO LAURA ALVES

R. da Palma/Tel. 864756

MÁRIO SANTIAGO e LUIS CORREIA apresentam

HOJE E TODAS AS NOITES às 20.30 e 22.45

DOMINGOS às 16 — 20.30 — 22.45 h.

com

MARIEMA ÓSCAR ACÚRSIO LUIS HORTA SPINA MANUELA CASSOLA

Atracção internacional SÉRGIO e MADY

Atracção nacional ZÉLIA LOPES

Ballet

SANTIAGO DANCERS

A REVISTA POPULAR! UM SUCESSO!

Orig. de Spina, Xavier de Magalhães, Raúl Dubini, Mário Clemente e Mário Santiago — Dir. musical: Hilário Sanches e TOZÉ BRITO

Espectáculos

Crítica de Cinema

LAURO ANTÓNIO

Título original: (The Last Train from Gun Hill)
Realização: John Sturges, 1967 (EUA)
Argumento: James Poe, segundo novela de Les Crutchfield
Música: Dimitri Tiomkin
Interpretes: Kirk Douglas, Anthony Quinn, Carolyn Jones, Earl Holliman, Brad Dexter
Distribuição: Sif
Estreia: Cinema Borna (10/4/1975) (cópia nova).

Na década de 50, enquanto John Ford era considerado o patrono do western americano, a crítica europeia, nomeadamente a francesa (e dentro desta os Cahiers du Cinema) destacavam como principais continuadores da obra do mestre alguns cineastas, entre eles William Wyler (que muitos procuraram até

AS VELHAS "AVENTURAS" E AS NOVAS "OBSESSÕES"

filme funciona num perfeito mecanismo de tragédia helénica. Unidade de local, de tempo e de personagens centrais, com utilização de cores e presságios. Assim, a mulher índia do sheriff de Gun Hill é morta, depois de violada por dois desconhecidos. O filho presencia a cena, rouba um dos cavalos dos assaltantes e procura o auxílio do pai. Depois de descoberto o crime, o sheriff irá investigar quem foi o autor do mesmo, partindo de dois únicos indícios, mas seguros: a cela do cavalo e uma cicatriz no rosto. Tudo indica que será alguém de um rancho próximo, proprietário do maior amigo do sheriff de Gun Hill. Sabe-se então que o autor do atentado fora o próprio filho do rancheiro. O que define um quadro de linhas de acção de resolução angustiante: por um lado, o sheriff procurando fazer justiça e vingar a morte da mulher; por outro, o rancheiro, tentando salvar o filho, utilizando para esse fim mesmo a velha

espírito de aventura. Mesmo em 1960, quando já se descortinavam as nuvens pesadas da decadência do género.

O COMANDO ANTI-DROGA
Título original: GORDON'S WAR
Realização: Ossie Davis, 1974 (EUA)
Interpretes: Paul Winfield, Car Lee, David Downing, Tony King, Gilbert Lewis, etc.
Distribuição: Filmes Castello Lopes
Estreia: Cinema Alvalade (10/4/1975)

A limpeza de que atrás se falou, está totalmente ausente de um filme como este O Comando Anti-Droga. Aqui procura-se especular unicamente com alguns temas em moda: a violência, a negritude, a pornografia (não a pornografia somente sexual, entendamo-nos; mas a «pornografia» como intenção) a droga, os grupos mafiosos, etc. Jun-

Distribuição: Doperfilme
Estreia: Cinema Avis (15/4/1975).

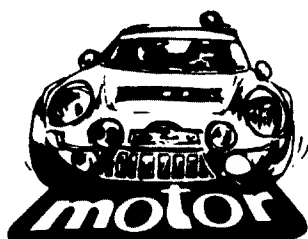
O cinema holandês é quase inteiramente desconhecido do público português e mereceria já uma atenção mais cuidada. Tirando o caso de Bert Hastrand (de quem recentemente se viu uma bela longa metragem documental A Floresta Maravilhosa, nada mais se conhece do cinema holandês. Obsessões é assim um dos primeiros filmes a ser introduzido no nosso mercado comercial. Não se poderá dizer que seja a apresentação ideal, se bem que traga a assinatura de um dos mais controversos realizadores daquele país. Pim de la Parra é, na verdade, um nome de certas ressonâncias e Obsessões, se bem que não sendo uma obra importante, é, todavia, um filme curioso, um policial que se estrutura em bases algo hitcheckianas, tendo até o argumento alguns pontos de contacto com uma obra célebre de Hitch, A Janela Indiscreta.

Obsessões: um jovem estudante de medicina, depois de alugar um novo apartamento em Amsterdão, descobre que numa das paredes existe um orifício donde se vê o que se passa no quarto do vizinho. A curiosidade (intromissão algo pidesca, acrescente-se: tal como no filme de Hitch) do jovem leva-o a espreitar continuamente as actividades eróticas (e outras) do vizinho, acabando por se encontrar na pista de um crime, de impedir a concretização de outros e por entregar à justiça um perigoso mediante foragido. A maior novidade da película é, todavia, a presença simultânea de dois investigadores «particulares» (o jovem estudante e a sua namorada, uma jornalista de uma revista feminina) que, cada um pelo seu lado, tentam descobrir crimes diferentes, sem saberem afinal que as investigações se cruzam e coincidem num mesmo ponto. O que vem a acontecer, com sorte macabra para o casal de detectives amadores.

A interpretação (onde surge a bela Alexandra Stewart) é confrangedora de mediocridade. Unicamente ao nível do tratamento do argumento e da realização existem algumas ideias, mesmo assim sem grande invenção. Enfim, Obsessões não é verdadeiramente uma revelação que se impunha do cinema holandês. Filmes como Angela de Nicolai Van der Heyde; Frutos Turcos, de Paul Verhoeven ou Frank e Eve de Wim Verstappen e Pim de la Parra (três títulos vistos por nós ultimamente) mereceriam, esses sim, uma apresentação ao público português. Estes, entre muitos outros possíveis, segundo indicação que nos chegam de várias fontes.

Como conservar Dentes Postiços

com mais firmeza no seu lugar
A sua dentadura postiça causa-lhe aborrecimentos movendo-se, caindo ou abanando quando come, ri ou fala? Polvilhe apenas as suas placas com um pouco de DENTOFIX. Este pó fixa os dentes postiços com maior firmeza e maior conforto. DENTOFIX evita aquela sensação gomosa e pastosa tão desagradável. Não magoa. Elimina o mau hálito das dentaduras. Peça DENTOFIX hoje mesmo em qualquer farmácia, drogaria ou perfumaria.



PARA REPARAÇÃO DO SEU TV
CLÍNICA DE TELEVISÃO E ASTRONAUTA
COM RÁDIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
Deslocação e orçamento grátis
Telefs. 72 27 86 - 83 42 71
Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

SERVIÇOS TÉCNICOS



ESPECIALIZADOS EM REPARAÇÕES DE RÁDIO E TV
SERVIÇO DOMICILIÁRIO RÁPIDO
Largo D. Estefânia, 12-D
Telefs. 48856/534536 - Ext. 4
LISBOA

Televisão

Hoje

I PROGRAMA

- 18.40 TV Infantil — «Volta ao Mundo em 80 Dias»
- 19.00 Ensaio — vendedores ambulantes. Programa por João Martins.
- 20.00 Telejornal — 2.ª edição — noticiário do País e do estrangeiro.
- 20.30 Propaganda Eleitoral — Partido Socialista (P.S.), Movimento de Esquerda Socialista (M.E.S.) e Partido Comunista Português (P.C.P.).
- 21.00 Grupo de Danças e Cantares «Maramuresul» (Roménia) — 1.ª parte — gravação no Teatro ABC. Direcção de TV de Pedro Martins.
- 22.00 Esclarecimento Eleitoral
- 22.15 A Gente que Nós Somos — O homem de Tavarede: José Ribeiro. Uma vida, uma obra, para quem quiser ouvir. Realização de Jorge Listopad.
- 23.15 Telejornal — 3.ª edição
- 23.30 Fecho

II PROGRAMA

- 20.00 Abertura e a série filmada «Dominic» — 12.º episódio
- 20.25 Desenhos Animados
- 20.40 Documentário
- 21.00 Telejornal — em diferido a edição transmitida no I Programa às 20 horas.
- 21.30 Noite de Cinema — «Os 7 Samurais» («Shinchinin no Samurais»). Ano de produção: 1954. Realizador: Akira Kurosawa. Interpretes: Toshiro Mifune, Takashi Shimura, Keiko Trushima, Yukiko Shimazaki.
- 00.00 Fecho

DESTAQUES

I PROGRAMA

Ensaio (19.00)

A Gente que Nós Somos (22.15)

II PROGRAMA

Noite de Cinema (21.30)

SIEMENS

ESTORIL Robert

Amanhã

I PROGRAMA

... 12.45: Abertura e desenhos animados, «Bozo, o Palhaço»; 13.00: Encontro — entrevista com Armando de Castro; 13.20: Propaganda eleitoral — Centro Democrático Social (C.D.S.) e Movimento Democrático Português (M.D.P.); 13.30: Telejornal — 1.ª edição; 13.45: «O Mundo Secreto de John Monroe» — série filmada com William Windom, Joan Harkiss, Lisa Garritsen e Halari Stone; 14.10: Logo à noite — cartaz dos programas da noite; 18.40: TV Juvenil — «Os Homens, os Livros e as Coisas»: Nuno Judice; 19.00: Da saúde e da vida — Instituto Português de Reumatologia; 19.15: Vamos jogar no Totobola — prognósticos para o próximo concurso; 19.25: TV Rural — um programa pelo eng. Sousa Veloso; 20.00: Telejornal — 2.ª edição; 20.35: Propaganda eleitoral — Partido Popular Monárquico (P.P.M.), Partido de Unidade Popular (P.U.P.) e Centro Democrático Social (C.D.S.); 21.05: «José Balsemão» — série baseada no romance de Alexandre Dumas. Realização de Andre Hunebelle, com Jean Marais no protagonista; 21.30: Esclarecimento eleitoral; 21.50: Grupo de Danças e Cantares «Maramuresul» (Roménia) — 2.ª parte — gravação no Teatro ABC. Direcção de TV de Pedro Martins; 22.55: Telejornal — 3.ª edição; 23.10: Fecho.

II PROGRAMA

... 20.00: Abertura e um episódio da série «O Mundo Secreto de John Monroe»; 20.25: Desenhos animados; 20.40: Encontro — entrevista com Armando de Castro; 21.00: Telejornal — em diferido a edição das 20 horas, transmitida no I Programa; 21.30: Concerto; 22.00: Série «O Mágico» — episódio com Bill Bixby; 23.00: Fecho.

RELANCE PELA SEMANA

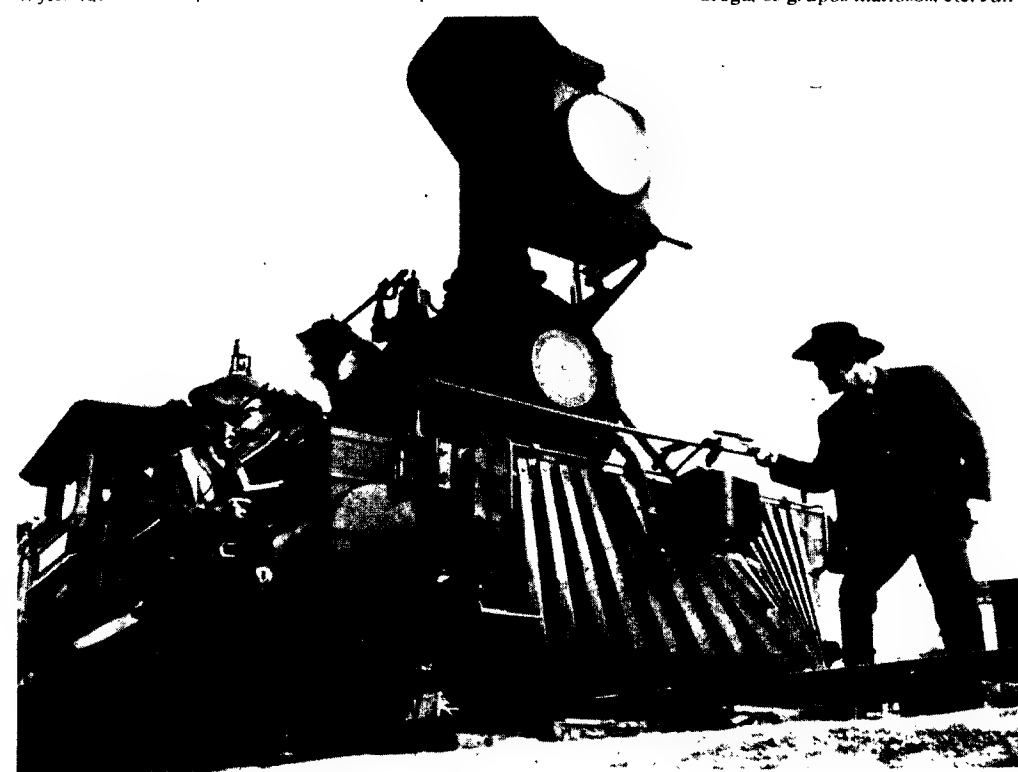
Hoje no espaço que a RTP dedica aos seus espectadores mais jovens (das 18 e 40 às 19), será apresentado um novo episódio de «Volta ao Mundo em 80 Dias», uma série que divulga lugares célebres do nosso planeta e o seu pitoresco. Parafraseando a conhecida obra de Júlio Verne, com o mesmo nome, os desenhos animados articulam as mais variadas situações, que por vezes se resolvem do modo mais inesperado e sempre com grande dose de humor.

«Os Homens, os Livros e as Coisas», é outra rubrica da responsabilidade do Departamento de Programas Infantis e Juvenis da RTP. Será apresentada amanhã, 4.ª-feira, por Joaquim Manuel Magalhães, que se ocupará da obra poética de Nuno Judice. Colaboração de Helena Domingos, para declamar alguns dos poemas mais significativos de um autor cujo conhecimento é indispensável reforçar junto das camadas juvenis. Emissão a partir das 18 e 40.

Um filme de origem belga, «Trabalhos em Papel», que se aconselha a crianças em idade escolar, preencherá o habitual horário de 5.ª-feira. Trata-se de um filme que mostra como as mãos são capazes de realizar o que a imaginação idealiza; fonte de sugestões, portanto, e bem fértil e variada para a execução de trabalhos simples, mas úteis e decorativos.

A 25 de Abril — dia grande da Pátria portuguesa — os programas juvenis apresentam um documento comemorativo: «Ano 1». Através dele, na força das imagens e das palavras, se procura evocar o movimento em que a partir desta data o povo se empenhou, faz um ano. Um programa inserido na necessária linha de consciencialização da juventude no que a ela compete — e tanto é — no irreversível processo político que se desenvolve no nosso País.

Finalmente, no sábado, os espectadores mais novos terão um novo episódio de «As Aventuras do Urso Mucos» — o que significa que, durante largos minutos, a boa disposição irá reinar entre a gente miúda que estiver em casa durante a tarde.



«O último comboio de Gun Hill» — um fôlego trágico

ver ensombrar a figura tutelar de Ford), Anthony Mann, Delmer Daves ou John Sturges. Ficamos hoje por este último, dado que se repôs em ecrãs nacionais um dos seus títulos mais célebres, precisamente O Último Comboio de Gun Hill.

Sturges é sobretudo um técnico competente, por vezes inspirado, por vezes rotineiro, não muito pessoal na marca que deixa em películas por si assinadas. Estas valem usualmente, o que valem os seus argumentos. Trabalhou todos os géneros do dramático ao policial, da ficção científica ao Western. Foi curiosamente neste último que mais feliz se mostrou a sua contribuição. Forte Bravo (53), A Conspiração do Silêncio (55), Duelo de Fogo (57), Duelo na Cidade Fantasma (58), O Último Comboio de Gun Hill (59), Os Sete Magníficos (60), Os Três Sargentos (61) ou A Batalha das Colinas de Whisky (67) são algumas referências obrigatórias, onde é possível encontrar dois ou três títulos essenciais da filmografia western, filmes que ocupam lugar em quase todas as listas dos «10 melhores» western da história do cinema.

A limpeza da narrativa, o ritmo do seu desenvolvimento dramático, o lirismo trágico dos ambientes, a presença obsidiana de um fio condutor que parece ultrapassar os personagens (haverá quem lhe chame «destino?»), a riqueza plástica dos cenários, a sobriedade na descrição psicológica dos protagonistas, fazem de O Último Comboio de Gun Hill um filme hoje em dia modelar num estilo de cinema que presentemente parece ter perdido a sua receita mágica.

Com um pequeno preâmbulo que desfaz a unidade de tempo e de lugar, The Last Train from Gun Hill pode considerar-se, todavia, na sua globalidade um filme conduzido segundo as regras básicas da tragédia. Efectivamente, descontando duas ou três cenas iniciais (que são o motor de arranque do drama), o

amizade que o une ao sherit. Numa cidade inteiramente dominada pelo dinheiro do rancheiro, o sheriff prende o assassino e encerra-se com ele num quarto de hotel, até que, às nove da noite, passe «o último comboio para Gun Hill».

Dai em diante o filme vive, pois, da resistência do sheriff, que procura impor a sua vontade, e dos esforços do rancheiro, que procura subtrair o filho à justiça, o que cria um angustiante clima de suspense, mas que é uma expectativa interior, não falsamente criada por efeitos fáceis como é vulgar ver-se, neste tipo de filmes, mas de menores ambições. O ambiente é irrepresável, contando ainda com a presença inquietante de uma mulher que une os polos em desavença e faz oscilar o fio condutor ao sabor do seu desejo.

A tragédia está enunciada, resta esperar pela sua concretização. O que virá a acontecer, junto às caruagens do comboio, num duelo mortal que põe, frente a frente, os dois amigos. Desde início se sabe irreversível este desenlace. E todavia o espectador deixa-se possuir por um interesse não somente imediato. Aqui a razão da grandeza que efectivamente existe numa obra como esta. Que passados que foram quinze anos, mantêm inalteráveis muitas das suas qualidades essenciais e se deixa somente envelhecer num ou outro pormenor de somenos importância: o colorido que perde luminosidade; alguns intérpretes, cujo trabalho nos surge algo ultrapassado. O que não acontece, porém, nos casos de Kirk Douglas, Anthony Quinn ou da misteriosa Carolyn Jones.

Sem uma única cena de sadismo, com a violência indispensável, sem uma única cena de chariz erótico (mas como são dúbias as relações que se estabelecem entre uma mulher e dois homens, carregados de um sentido encoberto, altamente explosivo). O Último Comboio de Gun Hill mostra-nos como era bom o cinema (um certo cinema) americano de saudável

ta-se tudo, baralha-se, agita-se e serve-se quente. E quase intolerável.

OBSESSÕES

Título original: OBSESSIONS
Realização: Pim de la Parra, 1974 (Holanda)
Interpretes: Alexandra Stewart, Dieter Geissler, Tom Van Beek, Donald Jones, etc.

Desporto

COVA DA PIEDADE: O BOM EXEMPLO

A Cova da Piedade está a tornar-se um exemplo digno de ser seguido por quantos se empenham em dinamizar a juventude e fazer o desporto tal como ele deve ser entendido. Se quantos têm tido ideias as não puseram completamente em prática (pelo eterno mau costume de não quererem ser os pioneiros) agora não há mais desculpas, pois o primeiro grande passo está dado.

Por iniciativa do desportivo da Cova da Piedade, a população da localidade está a

aprender a praticar desporto: a aderir, embora devagar. O clube (embora pobre de recursos financeiros) decidiu abrir as portas das suas instalações a toda a gente, no período diariamente compreendido entre as 8 e 30 e as 17 e 30. Quem quiser, pode praticar o desporto de que goste, bastando para tal levar equipamento. Se o não tiver, o Cova da Piedade, dentro das suas modestas possibilidades, também é capaz de o emprestar...

As iniciativas começaram

pela Páscoa, numa prova de corta-mato que contou com a participação de cerca de 200 aderentes, de todas as idades e de ambos os sexos. Agora, no último fim-de-semana, improvisando uma pista no seu campo de futebol (de terra batida) novas competições de atletismo foram levadas a efeito, havendo a registar, desta feita, quase 300 participantes. A auxiliar os concorrentes (cuja idade iam dos 8 aos 62 anos) esteve o atleta José Galvão (do Benfica) bem como o técnico da turma de futebol do próprio clube piedense.

Nem tudo são rosas, nesta extraordinária iniciativa. Auxílios, poucos têm aparecido, sendo de lamentar que os sócios continuem a preocupar-se muito mais com os resultados do futebol e a carreira (actualmente má) da sua equipa. Como a turma está em último lugar, o resto (para muita gente) não tem interesse. Porém a grande maioria da população, até aqueles que não são sócios (a iniciativa abrange todos) aderiu e tem contribuído. Mas muita coisa falta. Equipamentos que cheguem para todos, é coisa que não há, embora o clube distribua os que tem. Auxílios, precisam-se: e, cremes bem que a D.G.D. e o próprio Ministério da Educação e Cultura têm uma importante palavra a dizer. Se procuramos modificar o desporto e fazê-lo chegar a todas as camadas da população, é de apoiar as iniciativas particulares que, vindo bem, já são meio caminho andado...

Após estas jornadas felizes, está prevista a realização, durante o mês de Maio, de um torneio de futebol de sete, para o qual as equipas, formadas por jovens, estão já a treinar: até ao momento, apareceram 16 inscrições.

Esperemos que haja alguém que atente nestes exemplos e que os não deixe morrer à nascença, à míngua de recursos. É que, pelas coisas não bastam, nem dão (só) possibilidade de se fazer o que quer que seja pelo desporto de massas. O que interessa é pôr multidoes a praticá-lo e, para tal, é necessário dinheiro para o mais rudimentar material, indispensável à prática do que mais se deseja: um desporto autêntico.

Alfredo Feijó, nome ligado ao pugilismo nortenho, foi homenageado pela Associação do Porto e pelo grupo «formidáveis do Boxe».

Lã fora

OLIMPIADAS

A União Soviética prevê despende seis mil milhões de rublos nos preparativos para os Jogos Olímpicos de 1980, em Moscovo — anunciou o ministro da Construção, Ivan Gavihev, que visitou Grenoble depois de, em Paris, ter participado numa conferência sobre planeamento, urbano. Gavihev, que será responsável pela maioria das instalações olímpicas de Moscovo, declarou que está prevista a construção, ou obras de melhoria, de vários estádios de um canal para as provas de remo. O ministro soviético salientou que a realização dos Jogos motivará a construção de 126 mil novas residências em Moscovo.

INTERRUPÇÃO

Depois de terem demorado a partida de um avião de car-



A turma de rãguebistas do Benfica que conquistou o título nacional. Em cima, da esquerda para a direita: o massagista Albano, Jackson, Frazão, Júlio, Morinha, João Carlos, Guimarães Silvestre, Neto e o técnico César Pegado. Em baixo também a contar da esquerda, Minhoto, Salgueiro, Mário, Jójó, Nobre, Quitério Rafachinho

Futebol internacional

BRASIL

Resultados dos encontros correspondentes à 10.ª jornada do campeonato regional de futebol do Rio de Janeiro: América - Flamengo, 1-0; Campo Grande - Madureira, 1-1; Vasco da Gama - Olaria, 3-0; Bonsucesso-Bangu, 2-2 e Portuguesa - São Cristóvão, 1-1. Classificação: América, 16 pontos; Vasco da Gama, 16; Botafogo, 16; Fluminense, 16; Flamengo, 13; Bonsucesso, 13; Bangu, 12; São Cristóvão, 8; Madureira, 7; Portuguesa, 6; Olaria, 4 e Campo Grande, 4.

Encontros do primeiro turno

do campeonato regional de futebol de São Paulo: São Paulo - Ponte Preta, 2-1; Santos - Corinthians, 0-0; Paulista - Juventus, 1-1; Botafogo - América, 1-1; Marília - SAAS, 4-2; Ferroviário - São Bento, 0-0; Santista - Piracicaba, 3-1 e Palmeiras - Comercial, 2-0.

Classificação: São Paulo, 20 pontos; Corinthians, 17; Palmeiras, 16; Guarani, 15; Portuguesa, 13; Santos, 13; Marília, 12; SAAD, 11; Noroeste, 9; Juventus, 9; Botafogo, 9; Ponte Preta, 8; Santista, 8; Piracicaba, 8; São Bento, 7; Paulista, 7; América, 7; Ferroviária, 6 e Comercial, 6.

FUTEBOL NACIONAL

PROCESSO AO UNIÃO DE TOMAR

A Federação de Futebol instaurou processo contra o União de Tomar, pois o clube de Octávio Chau e José Jorge Garcia não tem feito contas das suas bilheteiras com o organismo que superintende ao futebol português. Através do Conselho de Disciplina está a decorrer um inquérito que se pretende (palavras de federativos) «restabeleça a posição dos clubes perante os dirigentes do nosso Desporto». Em tempo: também a Associação de Santarém parece na disposição de suspender imediatamente a actividade do seu filiado, em face das dívidas naban-tinas se acumularem.

IMPOSTOS

Os clubes da primeira divisão do futebol nacional não de-

sarmam dos seus propósitos de verem diminuídos os encargos que pesam sobre as bilheteiras dos jogos. Após uma reunião verificada nas instalações do Belenenses, foi deliberado tornar público o seguinte comunicado:

«Na linha de intervenção enérgica já anunciada, no tratamento e defesa dos assuntos que interessam à sua sobrevivência e com vista à discussão, debate e tomada de posição sobre o grave problema dos encargos que oneram os espectáculos desportivos de futebol, reuniram-se na sede do Clube de Futebol «Os Belenenses» os representantes da maioria dos clubes da I Divisão que, investidos com poderes deliberativos, decidiram, por unanimidade, o seguinte:

1.º — Manifestar o seu total

desacordo pela forma pesadíssima como são tributadas as organizações de jogos de futebol cuja percentagem ronda os 50 por cento da receita bruta;

2.º — Encarar de imediato a decisão de se eliminar determinado tipo de encargos injustos e abusivos;

3.º — Exigir das autoridades competentes a imediata revogação da regulamentação dos ónus fiscais e parafiscais que incidem sobre as organizações desportivas;

4.º — Exigir imediatamente a revisão global da distribuição das verbas do Totobola (não afectas a fins beneficentes) de modo que os clubes, seus principais promotores, possam, de uma forma directa, finalmente beneficiar dos lucros das Apostas Mútuas Desportivas;

5.º — Constituir duas emissões de trabalho para urgentemente, junto do Totobola e da Federação Portuguesa de Futebol, accionarem os magnos problemas seguidos nos grupos anteriores.»

NOTÍCIAS DO F.C.PORTO

Com intervenção de 80 praticantes, começou a funcionar uma escola de minivoleibolistas, no F.C. Porto.

Alfredo Feijó, nome ligado ao pugilismo nortenho, foi homenageado pela Associação do Porto e pelo grupo «formidáveis do Boxe».

Atletas portistas (masculinos e femininos) fundaram o

«Núcleo dos Amigos do Atletismo do F.C.Porto».

Em face de directrizes emanadas da D.G.D., a Federação de Bilhar cancelou a intervenção da equipa «azul-branca» na «Taça dos Campeões Europeus», a disputar no ano corrente, mantendo a sua qualificação para a prova da temporada futura. Assim (para já) impedidos de se deslocarem a Espanha, para confronto com um clube de Barcelona, os bilharistas Jorge Rebelo, Wilson Neves, Augusto Germano, Mário Machado e Luis Azevedo.

EMBARQUE

O antigo cufista Vítor Gomes embarca hoje para os Estados Unidos: vai cumprir um contrato por quatro meses, com o clube «Oceaners», que disputa a Liga Profissional dos «states». Vítor Gomes regressa a Portugal em Agosto, devendo passar a alinhar por uma colectividade de Lisboa.

MONTIJO

O uruguaio Caraballo, que deixou o União de Coimbra, volta ao Montijo, onde já permanecera de uma temporada, como técnico.

Desta feita, porém, o cargo é desempenhado a título gratuito, uma vez que o antigo futebolista do Sporting (na época do treinador Enrique Fernandez) está radicado naquela vila, com um estabelecimento comercial.

ALCOCHETE

«Record» de hoje conta o seguinte:

«No sábado, em Alcochete, outra cena triste no futebol: um árbitro assistia pacatamente na bancada ao encontro de juniores Alcochetense-Arrentela, e quando foi reconhecido pela assistência como tendo arbitrado mal um jogo da turma local, não teve hipótese de evitar a ira incompreensível das pessoas.

Continua na pág. 17

2 GRANDES CRUZEIROS
Paquete INFANTE D. HENRIQUE
24.000 TONELADAS

RÚSSIA E ESCANDINÁVIA
PARTIDA: 10 DE AGOSTO 22 DIAS
PREÇOS DESDE — **11.550\$**
— AMSTERDÃO — HAMBURGO — ESTOCOLMO — HELSINKI — LENINGRADO — MOSCOW — GDNIA — COPENHAGUE — SOUTHAMPTON (LONDRES)

MEDITERRÂNEO E RÚSSIA
PARTIDA: 5 DE SETEMBRO 24 DIAS
PREÇOS DESDE — **12.850\$**
— TUNIS — ALEXANDRIA (CAIRO) — ISTAMBUL — ODESSA (MOSCOW) — CONSTANZA — VARNNA — PIREU (ATENAS) — PALMA

MAGNÍFICO E VARIADO PROGRAMA DE EXCURSÕES FACULTATIVAS EM TERRA

abreu
fundada em 1840

PORTO Avenida da Liberdade, 160
LISBOA Tel. 32 00 21 (15 linhas)
COIMBRA Rua da Santa 2
FARO Rua Conselheiro Bivar, 65
Tel. 7 20 11 e 2 33 12



BRÁS CONDE FALECEU

Maria de Brito Estrada de Almeida Conde, Maria Isabel Conde Reimão Pinto seu marido e filha, Carlos Conde sua mulher e filhos, Maria Conde Serra seu marido e filha e restante família cumprem o doloroso dever de participar o falecimento de seu marido, pai, sogro, avô, irmão, cunhado, tio e parente e que o funeral se realiza amanhã, dia 23, pelas 9.30 horas da Igreja de Santa Isabel para o cemitério de Portimão.

Pelas 9 horas será celebrada missa de corpo presente no referido templo.

AGÊNCIA SALGADO — TELEF. 4 82 58

Necrologia

SR. BRÁS CONDE

Faleceu o Sr. Brás Conde, de 68 anos, natural de Portimão, casado com a Sr.ª D. Maria de Brito Estrada de Almeida e pai da Sr.ª D. Maria Isabel Conde Reimão Pinto e do

Sr. Carlos Conde. O funeral, a cargo da Agência Salgado, realiza-se amanhã, dia 23, pelas 9.30 horas da Igreja de Santa Isabel para o cemitério de Portimão, sendo celebrada missa de corpo presente pelas 9 horas no referido templo.

Desporto



Os béu-béus

Moram todos em Paço de Arcos: figuras que são (ou foram) grandes no mundo do nosso desporto. Reunem de quando em vez, formando tertúlia alegre onde a fala é desportiva, onde a acção é com bola, terminando depois num almoço ou num jantar de amigos do coração. Chamam-se os «Béu-Béus», grupo entusiasta que (assim) gasta as horas de folga no alegre convívio da camaradagem. Lá estão os primeiros Correias (Jesus e Santos, que foram figuras graças do hóquei em patins e do futebol), o Damas, o Nelson, o Lapa e tantos outros.

Têm sede e tudo: dependência onde se reúnem amiúde, onde trocam palavras coerentes, onde assentam em encontros com outras colectividades que cultivam igualmente o desporto como ele deve (deveria) ser encarado. Nos intervalos das competições oficiais, ocupam o Pavilhão do Grupo Desportivo de Paço de Arcos, em jornadas de recordação. De amizade.

Têm «claque», têm amigos, têm quem os incite nas horas (ou apenas nos minutos) de competição: o futebol de salão é a modalidade que mais vezes desce ao ringue, e também aquela que mais vitórias oferece a esse grupo simpático, recheado de nomes brilhantes do nosso desporto.

Mas não era da existência (simplesmente) que eu vos queria falar hoje dos «Béu-Béus». Ou da sua actuação como clube, que pratica o desporto entre outras coisas.

O que mais me sensibiliza neste grupo, para além da presença «estranha» de gratas vedetas que me encheram noites e noites de alegria (campeonatos do mundo de hóquei em patins) é o facto das suas presenças activas em competições desportivas, (esquecidos dos anos que já passaram por cima) misturados com figuras ainda no activo federado. Tal como o novo desporto deve ser encarado, os elementos deste grupo praticam-no pelo simples prazer que ele pode proporcionar e que quase sempre oferece. Fora do âmbito do grupo, cada um pode ter (tem, naturalmente) a sua ideia política, talvez diametralmente oposta do companheiro. Trocam palavras azedas no calor da luta partidária: mas, quando chega a hora do convívio desportivo, o emblema como o programa político são relegados para segundo plano, já que o importante é a prática desportiva, a camaradagem, o alegre convívio na recordação de «velhos tempos».

Uns «velhos tempos» que nada têm a ver com os 48 anos de domínio fascista: porque, nesse tempo, nem sequer podia existir um grupo de amigos que, a uma mesa, se reunia sob uma bandeira de qualquer grupo. «Béu-Béus» existem: eles «ladram», mas nunca «mordem».

Na FIGUEIRA DA FOZ o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na PAPELARIA PESSOA

PORTUGUESES NA "VUELTA"

Começa hoje nova edição da «Vuelta», uma das habituais provas grandes do ciclismo internacional. Presentes, lado a lado com alguns nomes sonantes da velocipedia mundial, duas equipas portuguesas vão tentar a sua «chance»: não de ganhar a prova (quase impossível) mas (sim) em tentarem tudo por tudo em algumas etapas e procurarem completar a longa prova.

Benfica e Coelima formam a representação de clubes portugueses: algumas novidades, alguns nomes que bem podem fazer um teste excelente para uma possível «Volta a Portugal», caso esta se realize. Pela banda «encarnada», Fernando Mendes e Venceslau Fernandes são corredores que poderão dar uma ajuda ao português mais favorito: José Martins, da Coelima. Uma ausência de vulto: Joaquim Agostinho, desta vez não poderá repetir a proeza do ano passado, em que ficou a segundos de José Manuel Fuente, num segundo lugar final muito contestado...

Os grandes favoritos são Luis Ocaña e Fuente, embora este não se apresente na sua melhor forma. Os restantes corredores são todos de valor muito aproximado, o que poderá dar certo interesse à «Vuelta», pois a luta pelos lugares cimeiros é mais renhida por ser quase igual.

A prova termina no próximo dia 11, em San Sebastian, cum-

pridas que estarão 19 etapas.

Aos componentes das representações portuguesas foram distribuídos os seguintes dorsais: Fernando Mendes (51), Venceslau Fernandes (52), Manuel Coelho (53), Joaquim Leite (54), José Madeira (55), Américo Silva (56), António Martins (57), Fernando Vieira (58) e Emílio Ferreira (60), todos do Benfica. Da Coelima:

CICLISMO: COORDENAR ESFORÇOS

«Tem que haver uma coordenação de esforços, para que o ciclismo progrida neste País» — disse, com toda a razão, o presidente da Federação da modalidade, Fiel Farinha.

Realmente, só com uma coordenação perfeita de todos os esforços será possível, não só fazer progredir o ciclismo português, mas (antes disso) promover as diligências necessárias no sentido de debelar a grave crise que a modalidade atravessa.

«Coordenação de esforços» terá de ser a palavra de ordem que, neste momento, se deverá entoar em uníssono em todos os sectores do nosso desporto, e, particularmente, nas modalidades que, como acontece no ciclismo, se debatem com mais graves problemas. É a palavra de ordem

José Martins (81), Joaquim Andrade (82), Mário Silva (83), Joaquim Lino (84), Herculano Oliveira (85), Manuel Rego (86), Pedro Rodrigues (87), João Sampaio (88), Santiago Segu (89) e Ruiz Torres (90).

A acompanhar a presença dos nossos ciclistas, estão já em Espanha alguns enviados especiais, que costumam quebrar a «monotonia» das repor-

mais apropriada para o que se passa no seio da própria federação de ciclismo, pois ela aponta para uma atitude de serena ponderação, a que devem aderir as associações regionais, visto ser a estas que compete tomar em mãos a resolução dos problemas.

De resto, os organismos regionais são ao fim e ao cabo os que mais sentem os efeitos do actual estado de coisas e também (como mandatários dos clubes) as que maiores responsabilidades tem de coordenar esforços para conduzirem este processo a soluções satisfatórias. Toda e qualquer acção que, de cada uma delas, possa partir, susceptível de criar divisões (perigosas e prejudiciais) só deverá lamentar-se.

Faça à actual situação de impasse a que chegaram as coisas do ciclismo português, parece urgente a necessidade da convocação de um congresso onde, não só os dirigentes (federativos e associativos) como outros verdadeiros entusiastas da modalidade, possam coordenar esforços e unir vontade (no melhor clima de boa fé e de mútua compreensão) com vista a estabelecer linhas de rumo ajustadas às perspectivas realistas, do presente, capazes de impulsionar o ciclismo por novos caminhos.

A prova «Cravos Vermelhos», que, por iniciativa da Comissão «Pró-Ciclismo do Amanhã», se realizará no próximo domingo, ao redor do Estádio de Alvalade (para jovens dos 4 aos 16 anos de idade), pode entender-se como o indicativo inequívoco de que muita coisa haverá que modificar nas estruturas da modalidade para que ela se integre no movimento de transformação por que passa o nosso desporto.

BATIMATE
— INVESTIMENTOS
E COMÉRCIO, S.A.R.L.
Capital: 35 000 000\$00
ASSEMBLEIA GERAL
ORDINÁRIA

CONVOCAÇÃO

Tendo sido suspensa, com base na permissão consignada no n.º 2 do art.º 1 do Decreto-Lei 156/75, de 25 de Março, a Assembleia Geral Ordinária, marcada para o dia 28 do corrente e nos termos do art.º 19 dos Estatutos são convocados os Senhores Acionistas a reunirem-se em Assembleia Geral Ordinária, na sede social, Av. 5 de Outubro, 184-7.º Esquerdo, em Lisboa, pelas 17 horas, no dia 21 de Maio de 1975, com a seguinte ordem de trabalhos:

- Discussão, modificação ou aprovação do relatório, balanço e contas e do parecer do Conselho Fiscal referentes ao exercício findo em 31 de Dezembro de 1974.
- Qualquer outro assunto de interesse para a sociedade.

Lisboa, 27 de Março de 1975

O PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA GERAL — Armando Manuel Monteiro
Fernandes Magalhães



tagens com algumas notas extra, sejam pitorescas ou não. Desta feita, para cumprir um costume que agrada, foi relatado um pequeno incidente que se passou com o motorista da viatura do nosso colega «Journal de Notícias», do Porto. Ao chegar à fronteira, a caravana teve uma espera anormal, dado que o nome do referido motorista (Henrique Marques) é o mesmo de um agente da ex-P.I.D.E./D.G.S., que por não ter culpas no cartório, até anda fugido. Até se provar que Henrique Marques nada tinha que ver com o referido agente (fugitivo), a ansiedade e expectativa pairaram na caravana. Como toda a verdade, também esta veio ao de cima: e lá se foram toda a verdade, também esta veio ao de cima: e lá se seguiram até Fuengirola, estância de veraneio onde a «Vuelta» dá as primeiras pedaladas.



José Martins: a esperança de um brilhante comportamento

BOA COLOCAÇÃO com BOM VENCIMENTO

OBTERÁ SE FREQUENTAR OS NOSSOS CURSOS

- ★ Programação de Computadores
 - ★ Desenhador da Construção Civil
 - ★ Secretariado ★ Contabilidade
 - ★ Gestão e Administração de Empresas
 - ★ Marketing e Técnica de Vendas
 - ★ Perfuração-Verificação (I B M) (Individual)
- E AINDA, A NÍVEL PROFISSIONAL, CURSOS INTENSIVOS DE
- ★ Design
 - ★ Decoração de Interiores
 - ★ Artes Decorativas

A ÚNICA EMPRESA QUE ASSEGURA ESTÁGIO OS NOSSOS ALUNOS BENEFICIAM, EM VÁRIOS PAÍSES, DE

BOLSAS DE ESTUDO
INSTITUTO DE APERFEIÇOAMENTO
TÉCNICO ACELERADO

RUA NOVA DO ALMADA, 81, 3.º DT. — LISBOA
TELEF. 32 55 77

CAIXA NACIONAL DE PENSÕES

Campo Grande, n.º 6 — Lisboa

CONCURSO PÚBLICO PARA OBRAS DE LIMPEZA REPARAÇÃO E PINTURA, DO PRÉDIO DA CAIXA NACIONAL DE PENSÕES, SITO NA AVENIDA DA REPÚBLICA, N.º 106 — LISBOA

Torna-se público que esta Caixa aceita propostas até às 12 horas do dia 8/5/75 para a realização das obras mencionadas que constam do caderno de encargos que se acha patente nas horas normais de expediente na Av. António Serpa, n.º 32 - 2.º Esq.º, em Lisboa.

As propostas serão abertas nesse mesmo dia pelas 14 horas.

Lisboa, 17 de Abril de 1975

A DIRECÇÃO

LEILÃO DE GADOS

CAVALAR E BOVINO

NA ESTAÇÃO DE FOMENTO PECUARIO DO ALTO ALENTEJO

(COUDELARIA DE ALTER)
ALTER DO CHÃO

NO DIA 24 DO CORRENTE

Trabalhadores do Benfica unem fileiras no clube

Defender os interesses dos trabalhadores e salvaguardar (paralelamente) os do clube, são os objectivos claramente definidos pelos funcionários do Benfica, reunidos em segundo plenário.

No momento em que estudam a criação de um regulamento interno, pelo qual se hão-de reger as relações entre os trabalhadores e a entidade patronal, é louvável a atitude de compreensão para com as graves dificuldades que o Benfica está a atravessar (demonstrada pelos seus servidores) e merece um sublinhado especial a circunstância de não desejarem envolver-se numa luta de reivindicações, mas pretenderem (isso, sim) transformar as suas acções numa tomada de consciência e de posição relativamente à integração na vida e nas directrizes da colectividade.

Nessa linha de actuação se situa, de resto, o propósito (definido em proposta de um dos trabalhadores) de todos os servidores do clube aderirem ao

«Núcleo dos Mil», contribuindo cada um com mil escudos (de uma só vez ou em prestações), com o que ofereceram ao clube a importância de 144 contos. Esta proposta será apreciada e votada em próximo plenário: mas tem desde já a melhor aceitação.

O expresso desejo de uma mais profunda integração na vida do clube, pela forma como a pretendem fazer os trabalhadores do Benfica, afasta-se muito do tipo tradicional das relações entre empregados e patrões e confere ao caso características muito especiais, que deixam compreender o espírito que preside à elaboração do regulamento preconizado para essas relações.

A conclusão que se extrai destes comportamentos permite facilmente compreender como ganha consistência um verdadeiro espírito de equipa, em toda a linha, nas fileiras benfiquistas: onde parece reinar uma total identidade de vistas quanto aos novos rumos a imprimir à vida do clube.

Futebol nacional

Continuação da pág. 16

O pobre do homem apanhou uma grande tarefa e foi parar ao hospital.

SINDICATO

O Sindicato dos Trabalhadores toma posição categórica, ante a inflação de técnicos (e pseudos) que enxameiam o futebol nacional. Em reunião (realizada no Porto) foi marcado um plenário para os dias 5 e 6 de Maio, para abordar a seguinte ordem de trabalho: Curso de Treinadores; Sindicato único de profissionais ligados ao futebol; Alteração do regulamento da Carteira Profissional; Legislação sobre treinadores estrangeiros de harmonia com o processo revolucionário em curso; Informações

acerca dos contactos do Sindicato com a Federação Portuguesa de Futebol, Direcção-Geral dos Desportos e Ministério do Trabalho; Revisão da quotização.

JUNIORES

A selecção de juniores do México defrontará a de Portugal, no encontro inaugural do terceiro torneio internacional de futebol «Espoirs», de Toulon (França) em 19 de Maio, anunciou o presidente da secção amadora da Federação Mexicana de Futebol, Joaquim Badillo. O torneio será disputado em dois grupos, sendo o grupo «A» composto pelo México, Argentina, Hungria e Portugal, e o grupo «B» pela Itália, Polónia, França e Checoslováquia.

Nacional

CENTRAIS DOS T.L.P. COM PESSOAL E HORAS A MAIS

Setecentas e trinta e seis telefonistas eventuais dos Telefones de Lisboa e Porto começaram ontem a trabalhar como funcionárias do quadro. Significa isto que aquelas trabalhadoras, «de reserva», que até agora eram chamadas a prestar serviço quando este era necessário, ganhando o máximo de 3500\$00 até Janeiro e 4300\$00 de Janeiro até agora, passam a ter horário fixo e ordenado de 4500\$00, contando todo o seu tempo de trabalho para a atribuição de reforma, enquanto anteriormente lhes era descontado o período da reserva.

Simplemente este ajustamento de situação gerou grandes confusões nas várias centrais: trabalhadoras que se aglomeravam à porta das salas de trabalho, outras que podiam entrar mas que, não tendo onde se sentar ficavam de pé, conversando e provocando inevitável perturbação no trabalho das outras. Veja-se, por exemplo, o que se passa na Central da Rua Nova da Trindade. Tudo isto porque a mudança de situação — velha aspiração das telefonistas de «reserva» — acontece na sequência de uma intervenção do Sindicato



Pessoal sem lugar na Rua Nova da Trindade

das Telefonistas de Lisboa e Porto, junto da Administração da companhia, a qual englobava uma outra reivindicação: redução de horário para as 35 horas. A Administração terá reivindicação porém não foi

atendida, encontrando-se neste momento pendente de parecer do Ministério do Trabalho. Como as telefonistas trabalham por turnos, das 8 às 17 e das 15 às 24, acontece que das 15 às 17 horas se dá

uma aglomeração de trabalhadoras que as instalações não comportam, estando todas a funcionar.

Aglomeração que anteriormente não se verificava porque as telefonistas de reserva trabalhavam em turnos de 5 a 8 horas. Daí a confusão que ontem se estabeleceu e que parece resolúvel apenas com a redução de horário para as 3 e 5 horas. A Administração terá que resolver a situação, tanto mais que, segundo nos informaram do Sindicato dos Tele-

fonistas dos T.L.P., este tem já em seu poder fotocópias de parte do parecer do Ministério do Trabalho em que este se mostra favorável à redução para aquele número de horas de trabalho semanais.

REPARADA A LINHA DO NORTE

Já se encontra normalizado o tráfego ferroviário nas duas vias da linha do Norte, após as reparações dos estragos causados pelo desastre ocorrido na sexta-feira e que ocasionou dois mortos e 38 feridos, três dos quais ainda se encontram hospitalizados.

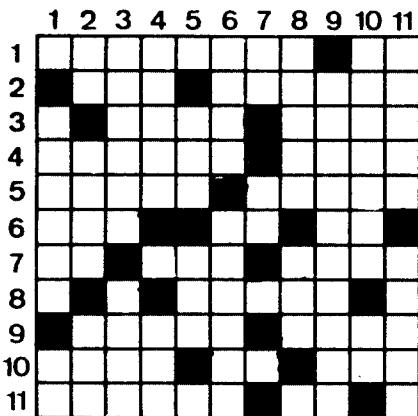
Entretanto, a comissão de inquérito nomeada pela C.P. continua a recolher elementos para esclarecer as causas do acidente. Presume-se no entanto, que uma avaria no sistema de sinais teria provocado o desastre. Devido à falta de 1200 metros de espaço para imobilizar a composição, que circulava a 120 km/h, o maquinista do «Foguete», António Gonçalves Nogueira não pôde evitar a colisão, apesar de todos os esforços, com o comboio que o precedia (vindo de Coimbra e também em direcção a Lisboa), pois só o avistou quando este se encontrava a menos de 700 metros.

Palavras Cruzadas

COM PROVÉRBO PROBLEMA N.º 11065

HORIZONTAIS:

- 1 Respeitaria. Cálculo (s.q.).
- 2 Greda branca. Estimaram.
- 3 Rio da Alemanha. Move os remos.
- 4 Arruinava. Guarnece de asas.
- 5 Serranos de Angola. Polido.
- 6 Gavinha. Utensílio doméstico. Autores.
- 7 Nota musical. Recusa. Transpiração.
- 8 Combinar.
- 9 O mesmo que bonito (pele).
- 10 Resfrie. Aqui. Chefe etíope.
- 11 Abaixo. Tempo do verbo haver.



VERTICAIS:

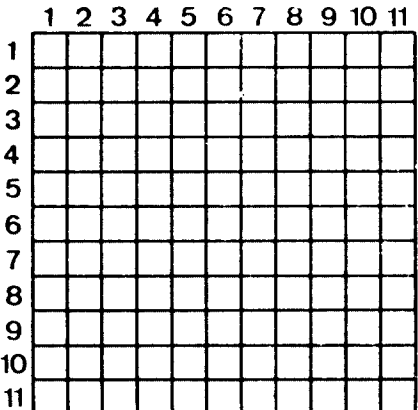
- 1 Vasilha de barro ou metal, em que se cozem os alimentos. Gálio (s.q.).
- 2 Duzentos em romano. Rebuçado doce (bras.). Preposição.
- 3 Relativo aos Árias. Cubículo.
- 4 Caco. Monarca.
- 5 Suspiros. Rio da Suíça.
- 6 Invulgar. Da Polónia.
- 7 Prefixo de negação. O mesmo que bételo.
- 8 Irmão de Moisés. Graça.
- 9 Consentara. 10 Crustáceo comestível. Seguir.
- 11 Amargo. Da Rússia.

Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVERBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 7223

HORIZONTAIS:

- 1 Da massagens a. Relata.
- 2 Esbarre com alguém. Abalar.
- 3 Recuar. Leitos.
- 4 Batráquio. Decisões. Nota musical.
- 5 Utensíliodoméstico. Pertences.
- 6 Voltar. Torna oco.
- 7 Vende a crédito. Pessoa de categoria (gir.).
- 8 Artigo definido. Deram pontos.
- 9 Pêlos de certos animais. Assanhara.
- 10 Lavrem. Ribeira da Ásia Russa. Magoa.
- 11 Alburno. Campónio.



VERTICAIS:

- 1 Poisa no mar (o avião). Declarações.
- 2 Nome de fruto. Mirara.
- 3 Sapo do Amazonas. Piedosa. Preposição.
- 4 Enterrar. Pedra de moinho.
- 5 Elemento que entra em algumas palavras com o significado de ar. Procedia.
- 6 Eirados.
- 7 Pedacos de qualquer coisa (sobretudo pão). Perfume.
- 8 Fileiras. Vila e concelho do distrito de Aveiro.
- 9 Alcool de melado. Tombado.
- 10 Esteiros. Átomo. Rata.
- 11 Tempo forte, entre os latinos. Amargo.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11064

HORIZONTAIS:

- 1 Trava. Amago.
- 2 Aira. Quem.
- 3 Raiz. Lana.
- 4 As. Avelã. Or.
- 5 Tri. Arava.
- 6 Peara. Vi.
- 7 Mil. Sólida.
- 8 Isara. Usar.
- 9 Na. ANTES. Dr.
- 10 Trapo. Comeu.
- 11 Aaro. Gasosa.

VERTICAIS:

- 1 Tarai. MINTA.
- 2 Rias. Pisara.
- 3 Ari. Tela. Ar.
- 4 Vazara. Rapo.
- 5 Vir. Ano.
- 6 QUE. AS.
- 7 Au. La. Eça.
- 8 Melar. Lusos.
- 9 Ama. Avis. Mo.
- 10 NOVIDADES.
- 11 Ocara. Arrua.

Proverbo: ANTES EU MINTA QUE AS NOVIDADES.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7222

HORIZONTAIS:

- 1 Perua. Goiar.
- 2 Além. Soca.
- 3 Rem. Agi. Dor.
- 4 Imo. Aparo.
- 5 Abri. Iras.
- 6 Aa. Nas. Ir.
- 7 Riad. Ga.
- 8 Ac. Trema. VA.
- 9 Regar. Assim.
- 10 Fa. La. Otelio.
- 11 Arão. Amas.

VERTICAIS:

- 1 Parda. Garfa.
- 2 Ele. Ba. Cear.
- 3 Remirar.
- 4 Um. Mi. Italo.
- 5 Ao. Narra.
- 6 Hg. Gadé.
- 7 Ia. Mão.
- 8 Os. Pi. Gasta.
- 9 Iodaria. Sem.
- 10 Açorar. Vila.
- 11 Raros. Games.

BARS BOITES

NINA Dancing com atracções. Rua Paiva de Andrade, 7-13 T 34859/365167. a actuar GRAZIELA DE SIRTANAS (Argentina).

CASINO ESTORIL Jogo autorizado Varedades internacionais. T. 26461/264526/264596/264621/264946

HIPOPOtAMO Conjunto Hipopótamo Encerra aos Domingos Av. António Augusto de Aguiar, 5-A T 48384.

TÁMILA Marão e/s/ conjunto «Matinees» todos os dias Encerra aos domingos Av. Duque de Loule, 69. T. 533117.

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
CVP	66 5342	Aeroporto	71 1397
H. de S. José	86 0131	C.R.G.E.	53 7021
H. de S. Maria	73 0231	C. Águas	36 1361
P.S.P	36 6141	Combóios	32 6222

Tempo

Situação do tempo 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava em geral muito nublado o vento era fraco ou moderado de Noroeste e caíam aguaceiros na Serra da Estrela.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

Porto	13°
P. DOURADAS	 3°
COIMBRA	 13°
PORTALEGRE	 10°
LISBOA	 13°
FARO	 16°
FUNCHAL	 15°

TEMPERATURAS EXTREMAS

Máxima:

PENHAS DA SAÚDE

Mínima 2,8°

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do Mar 13,6°
Atmosfera 13,2°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
0.46 3,7 m	6.47 0,9 m
13.22 3,7 m	19.09 0,9 m

Dia 23

1.45 3,9 m	7.40 0,7 m
14.16 3,9 m	20.01 0,7 m

Dia 24

2.38 4,0 m	8.28 0,5 m
15.06 4,1m	20.49 0,6 m

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu pouco nublado ou limpo; vento fraco predominante de Norte.

AMANHÃ

NAScer AS 6.51
OCASO AS 20.21

DIA 25 DIA 3 DIA 11 DIA 18



EMISSORA 1.º Programa

17.00 Noticiário — rádio estudantil

18.15 Movimento das Forças Armadas

19.00 Campanha eleitoral

20.25 Calendário eleitoral

21.00 Que quer ouvir?

21.45 Observação de cinema

22.00 A grande música negra, por José Duarte

23.00 Movimento das Forças Armadas

23.30 Último jornal

2.º Programa

16.00 Os grandes intérpretes

17.15 Curiosidades musicais

17.45 Intercâmbio musical

18.03 Sinfonia n.º 3 «Shiva Nataraja» (Jacques Charpentier)

18.30 Gravações históricas

19.00 Junção com o 1.º Programa

21.00 Passagem do MF 2 a Estéreo — música ligeira variada

22.00 Intercâmbio musical

01.00 Fecho

Programa em onda Média — 397 m — 755 KHz

19.00 Junção com o 1.º Programa

21.00 Música portuguesa

22.00 Sonatas para a juventude, op. 118 (Schumann)

22.30 O gosto pela música, pelo dr. João de Freitas Branco

23.00 Uma sinfonia de Bruckner

00.15 Um trio de Morawitz

00.35 Um concerto de Boccherini.

01.00 Fecho

RÁDIO CLUBE

Onda Média

16.00 Noticiário

16.04 Programa C.D.C.

18.05 Movimento

20.30 Terça-feira à noite

21.15 Novas de alegria

21.31 Quando o telefone toca

22.05 Quando o telefone toca

22.30 Campanha eleitoral

24.00 Campanha eleitoral

00.05 Alavanca

02.05 A noite é nossa

06.03 Diário rural

07.03 Talismã

RÁDIO RENASCENÇA

16.00 Noticiário

16.05 Radiorama

18.00 Espaço musical

18.22 Música seleccionada

19.00 Jornal do serviço de noticiários e reportagens de Rádio Renascença

19.30 Espaço musical

21.05 Espaço musical

21.45 Pentagrama

22.00 Quando o telefone toca

22.30 Campanha eleitoral

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

Rádio Voz de Lisboa

Das 06.00 às 10.00 e das 14.30 às 17.00

Rádio Graça

Das 10.00 às 12.00 e das 12.00 às 02.00

Clube Radiofónico de Portugal

Das 12.00 às 14.30 e das 17.00 às 19.30

Rádio Peninsular

Das 19.30 às 22.00

LEIA motor

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO C-1

TODA A NOITE

ALVALADE
Alentejo, Av. da Igreja, 28-B (T. 712682)

ANJOS
Confiança, Av. Almirante Reis, 46-B (T. 821653)

AREIRO
Algarve, Av. de Roma, 7-B (T. 901478); Nova Lisboa, R. Guilhermina Suggia, 12 (T. 727721)

AVENIDAS NOVAS
Cruz Nunes, P. Duque Saldanha, 14 (T. 41845)

BAIXA
Barral, R. Augusta, 225 (T. 361534/5)

BELÉM
Remisio, R. dos Jerónimos, 14-C (T. 631699)

BENFICA
Benfica, E. de Benfica, 678 E (T. 702532)

CAMPOLIDE
Central, R. General Tabor, 17 (T. 680304)

MADRAGAÇA
Nunes Simões, R. do Queilhas, 1 (T. 661275)

OLIVAIS SUL
Fernandes Borges, R. Cidade de Benguela, lote 300 (T. 311091)

SÃO SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Bairro Azul, Av. Ressano Garcia, 7-A (Tel. 571451)

SEI NÓS
Laranjeiras, R. Filipe da Mata, 160/162 (T. 761035)

TURNO C-2

ATÉ ÀS 22 HORAS

ALVALADE
Aviz, Av. de Roma, 56-B/C (T. 715370)

AREIRO
S. Jorge, L. do Leão, 3-A/B (T. 534027)

AVENIDA DA LIBERDADE
Vieira Borges, R. Alexandre Herculano, 28/30 (T. 40536)

BARRIO DA ENCARNAÇÃO
Ascenso, P. Norte, 11-A (T. 311216)

BENFICA
Vitea, E. de Benfica, 373-B (T. 780548)

BOA HORA
Sepol, C. da Boa Hora, 94-A (T. 631958)

CAMPO DE OURIQUE
Lobal, R. de Infantaria 16, 98-B (T. 688807)

CAMPO PEQUENO
Campo Pequeno, Av. Júlio Dinis, 10, lojas 18 e 19 (T. 771661)

GRACA
Rosa e Viegas, R. de S. Vicente, 31 (T. 864351)

LUMIAR
Central, R. do Lumiar, 77 (T. 790480)

PENA
Silmar, R. de S. Lázaro, 128 (T. 42829)

PICHELEIRA
Marluz, C. da Picheleira, 140-B/C (T. 720703/728395)

SANTA CARATINA
Modelar, L. Dr. António de Sousa Macedo, 7-A, Poço Novo (T. 608896)

XABREGAS
Grijó, R. do Grilo, 25 (T. 385264)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Almeida Nifo, Av. C.G. Guerra, 64 (T. 212070)

CAXIAS
Nova, R. Bernardim Ribeiro, 1-A (T. 242839). Até às 22 horas

OEIRAS
Alcantara Guerreiro, P. Residencial Dr. Augusto de Castro, lote 10 (T. 2430691). Toda a noite

CARCAVELOS
Central, Até às 22 horas

PARADE
Grincho, Av. da República, 87 (T. 2471204). Toda a noite

ESTORIL
Parque, Arcadas do Parque, 3 (T. 260191). Até às 22 horas

ESTORIL
Amoreira, Toda a noite

CASCAIS
Cordeiro, Av. C.G. Guerra, 40 (T. 280170). Até às 22 horas; A. Costa, R. Freitas Reis, 24-C (T. 280214). Toda a noite

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Cavaca, R. Elias Garcia, 209 (T. 930019); Flama, R. Elias Garcia, 78-C (T. 932485); Confiança, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 15-A (T. 938149)

DAMAIA
Damaia, P. Alexandre de Gusmão, 9-A (T. 970523)

QUELUZ
Zeller, R. da República, 83 (T. 950046); Cereja, L. do Mercado, 3 (T. 950906); Sereno e Pinto

CACÉM
Araújo e Sá, E. de Paço de Arcos, lote B-1 (T. 2940781)

MEM MARTINS
Miranda Garcia, E. de Mem Martins, 173-B (T. 2914103)

S. PEDRO DE SINTRA
Valentim (T. 980466)

SINTRA
Simões, Estefânia (T. 2930632)

COLARES
Abreja (T. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 15 (T. 234100)

ALHOS VEDROS
Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 204020)

ALMADA
Magalhães, R. Capitão Leitão, 8-A (T. 270242)

BAIXA DA BANHEIRA
Aliança, E. Nacional, 178-A (T. 2040302)

BARREIRO
Avenida, Av. Alfredo da Silva, 88 (T. 2073212)

COVA DA PIEDADE
Castro Rodrigues, L.5 de Outubro, 82 (T. 270121)

MOITA
Silva Rocha, P. da República, 16 (T. 239029)

MONTUJO

Montepio, R. Almirante Reis, 93 (T. 230035)

SESIMBRA
Leão, Av. Salazar, 13 (T. 229471)

SETÚBAL
Oliveira, L. da Misericórdia (T. 22488); Louro, R. Frei António das Chagas, 24-A (T. 24491)

SEIXAL
Soromenho, R. Paiva Coelho, 38 (T. 2218560)

PORTO

TURNO 18

ATÉ ÀS 22 HORAS

Canavarro, Rua da Restauração, 53; Constituição, Rua da Constituição, 93; Ferreira de Carvalho, Rua do Bonjardim, 354; Padrão, Rua de Santo Ildefonso, 342; Ramos, Praça do Exército Libertador, 91; Figueiredo, Ld., Rua de Cedofeita, 125; Parente, Rua das Flores, 114; Sousa Soares, Rua de Santa Catarina, 141; Vitória, Rua de S. Roque da Lameira, 756; Sanil, Rua do Paraíso, 214

A PARTIR DAS 22 HORAS

Parente, Rua das Flores, 114; Canavarro, Rua da Restauração, 53; Padrão, Rua de Santo Ildefonso, 342; Sanil, Rua do Paraíso, 214.

COIMBRA

Dias Ferreira, R. do Brasil; Santa Cruz, R. das Padeiras; Higien, R. Fernandes Tomás

PASSE

UM FIM-DE-SEMANA SEM CONTRATEMPOS

Quando acordar estará no Algarve

Serviço de Carruagens-Camas LISBOA-ALGARVE

Barreiro: V.R. Sto. Antonio: sextas-feiras V.R. Sto. Antonio: Barreiro: domingos

INFORMAÇÕES TELEF. 326226

CP Caminhos de Ferro Portugueses

cinemas

ESTREIAS DE NOJE

AVIS
A PRIMEIRA ENTREGA EUROPA O GRITO DA LIBERDADE IMPÉRIO ONDE É QUE DOI?

T. 573407 14.30, 16.45, 19.00, 21.30

Não acons. a menores de 18 anos

O VALE DOS PERDIDOS
de Barbet Schroeder

Amanhã às 12.30 - 10 anos

O LEÃO DA ESTRELA
c/ António Silva. Milú etc.

CINEBOLSO

T. 573407 14.30, 16.45, 19.00, 21.30

Não acons. a menores de 18 anos

O VALE DOS PERDIDOS
de Barbet Schroeder

Amanhã às 12.30 - 10 anos

O LEÃO DA ESTRELA
c/ António Silva. Milú etc.

BERNA

T. 776098 14.30, 16.30, 19.21.15

Grupo C 14 anos

L'EMMERDEUR
(O Chato)

DE Edouard Molinaro

Eastmancolor

APOLO 70

T. 763319 14.00, 16.30, 19.00, 21.15

Não acons. a menores de 13 anos

PRIMEIRA PÁGINA
o grande filme de Bill Wilder

6.ª Semana

Hoje às 24.00 - 18 anos

PRIMO

ROXY

T. 42872 14.30, 16.30, 18.45, 21.15

Grupo C 14 anos

L'EMMERDEUR
O CHATO

DE Edouard Molinaro

PATHÉ

T. 821933 14.15, 16.30, 18.45, 21.15

Interdito a menores de 18 anos

EMMANUELLE
A mais espantosa comédia do ano!

A MINHA MULHER É UM VOLANTE

com Lando Buzzanca, Laura Antonelli

LIDO

T. 937593 15.30, 21.30

Para todos

ISTO É ESPECTÁCULO

CINESTÚDIO

T. 937593 15.30, 21.30

Interdito a menores de 18 anos

O EXORCISTA

CARLOS MANUEL - SINTRA

T. 2930394 21.00

Interdito a menores de 18 anos

DIAS DE PERIGO

CINEMA 2000

ALGÉS 15.30, 18.30, 21.15

Não acons. a menores de 13 anos

... E QUANDO O DINAMITE EXPLODE...

2.ª Semana

cinemas

UNIVERSAL

T. 774402

Não acons. a menores de 13 anos

As 14.30 e 20.30

GREVE OCUPAÇÃO

As 16.30, 22.30

Interdito a menores de 18 anos

IREI COMO UM CAVALO LOUCO

As 18.30

Não acons. a menores de 13 anos

ATTICA E TUPAMAROS

RESTELO

T. 610375 21.00

Não acons. a menores de 18 anos

TUDO FICOU EM FAMÍLIA

4.ª Semana

c/ Patricia Gage John Gavin

Amanhã às 21 h

COM JEITO VAI... BACAMARTE A SOLTA

EDEN

T. 320768 14.00, 16.30, 19.00, 21.15

Não acons. a menores de 13 anos

JUNTOS SÃO DINAMITE

... E QUANDO O DINAMITE EXPLODE...

Terence Hill e Bud Spencer

2.ª Semana

TIVOLI

T. 570595 15.15, 18.30, 21.15

Grupo C-14 anos

L'EMMERDEUR
(O Chato)

de Edouard Molinaro

Já se viu tudo em cinema:

Tímidos, coléricos, seios, nádegas

ciumentas, polícias. Tudo!

Menos isto!

CASINO ESTORIL

T. 264621 17.00, 21.15

Não acons. a menores de 13 anos

ACUSAÇÃO DE HOMICÍDIO

A UM ESTUDANTE

ROYAL

T. 665037 15.30, 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

MINHA MULHER É DODA

POLITEAMA

T. 326305 14.15, 16.30, 19.00, 21.30

Interdito a menores de 18 anos

A PRIMA

Com Stefania Casini

9.ª Semana

ROMA

T. 727778 14.30, 16.45, 19.00, 21.15

Interdito a menores de 18 anos

EMMANUELLE

c/ Sylvia Kristel

OXFORD

T. 2865027 16.00, 21.15

Interdito a menores de 18 anos

DOROTHEA

VOX

T. 720808 14.15, 16.30, 19.00, 21.30

Não acons. a menores de 18 anos

QUE NOITE DE NÚPCIAS

3.ª Semana de grande êxito!

LUMIAR

T. 795296 21.15

Grupo B 10 anos

O GRANDE DITADOR

SATÉLITE

T. 562632 15.30, 18.30, 21.15

Interdito a menores de 18 anos

SORRISO VERTICAL

2.ª Semana

MUNDIAL

T. 538743 15.15, 18.30, 21.45

Não acons. a menores de 13 anos

O PROFESSOR EROTOMANIACO

CALEIDOSCÓPIO

T. 795093 14.00, 16.30, 19.00, 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

TEOREMA

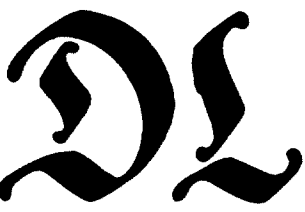
Premiado no festival de Veneza

com Silvana Mangano

CONDES

T. 322523 14, 16.30, 19

Interdito a menores de 18 anos



RENASCENÇA GRÁFICA, S.A. R. L.
ADMINISTRAÇÃO GERAL
E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO 185 1.º 2.º E 4.º
TELEF. 654531/2/3/4
REDAÇÃO E SERVIÇOS TÉCNICOS
RUA 1.º DE SETEMBRO, 44
TELEF. 321154/5 320271/2/3
RUA DA ROSA, 57
END. TEL. DUBOIS TELEF. 123453
LISBOA-PORTUGAL

CONSELHO DE MINISTROS

Na residência do Primeiro-Ministro realizou-se esta tarde mais um Conselho de Ministros restrito, dedicado a problemas de natureza económico-social. Prevê-se para amanhã uma reunião da Comissão de Descolonização e outra do Conselho da Revolução na quinta-feira.

O ANIVERSÁRIO DE LENINE

Continuação da pág. 1

Vladimir Ilich Ulianov, Lenine, como era conhecido nas massas operárias e no partido e pseudónimo com que assinou as suas obras a partir de 1901, o fundador do partido comunista e do Estado soviético e guia do proletariado internacional.

O aniversário de Lenine é celebrado na União Soviética em duas comemorações fundamentais na história do povo russo: o «sábado vermelho» e o 9 de Maio (vitória das forças democráticas sobre o nazismo alemão).

As celebrações do aniversário não incluem desfiles militares. Apenas trabalho. Sem remuneração. Trabalho nas empresas, trabalho (ainda) nas escolas. Lenine na televisão (vida e obra), Lenine no teatro (estrela de peças sobre a sua vida), Lenine no Mundo.

As três cadeias televisivas transmitem de Moscovo a partir das 19 e 30, os discursos da Grande Reunião do Kremlin. Presentes membros do Governo, do Partido, representantes das fábricas, artistas e escritores. Terminados os discursos, segue-se um concerto.

O produto do trabalho será aplicado em algo que beneficie todo o povo. O ano passado, por exemplo, serviu para a criação de um centro contra o cancro.

Neste dia, os operários dirigem-se para a fábrica como habitualmente. Na zona dos seus locais de trabalho limpam parques e jardins. Os estudantes dirigem-se para a escola. De manhã, têm aulas normalmente. À tarde, arrumam e limpam as instalações.

Recorde-se que, para além da obrigatoriedade de 10 anos de escola, os estudantes soviéticos têm aulas todos os dias, à excepção de domingo.

A Embaixada soviética em Lisboa, segundo a nos informaram, à semelhança de todos os outros trabalhadores do seu país, festeja trabalhando. Sem remuneração.

Por sua vez, a Associação Portugal-U.R.S.S. associa-se às comemorações, iniciando a partir do 1.º de Maio um ciclo de cinema soviético no Teatro Trindade.

Os locais onde Lenine passou a sua infância, viveu e foi sepultado, são locais de romagens para trabalhadores de outras cidades que organizam excursões para visitar Simbirs (hoje Ulianovsk) pequena cidade nas margens do Vouga, onde nasceu Lenine, e o seu túmulo no Kremlin, em Moscovo.

A VIDA DE LENINE

Lenine, nascido em 1870 em Simbirs, hoje Ulianovsk, era

filho de um inspector-escolar e irmão de Alexandre Ulianov que foi executado por conspirar contra Alexandre III. Expulso da Universidade de Kazan, formou-se em Direito em São Petesburgo onde entrou em contacto com os círculos marxistas. A sua primeira obra, polémica, avança para uma tripla finalidade: unificar os marxistas, difundir as suas doutrinas, manter a ortodoxia doutrinária, impedir o movimento operário de se orientar para a obtenção de vantagens imediatas por acordos com os patrões.

Exilado para a Sibéria (1897-1900), aí casa com uma militante marxista, Ndeja Kroupskaia, e escreve então «O Desenvolvimento do Capitalismo na Rússia».

Em 1902 escreve «Que fazer?» e define a tática revolucionária: a luta política, essencial e não consequência da luta social, deve ser conduzida pelo proletariado.

Em 1905 funda o Avante (Vperoid), desencadeia a greve geral de Moscovo, transformada em insurreição armada pelo «sovieta» de Moscovo e controlada pelos bolchevistas. Embora esmagada, esta insurreição seria o início do processo revolucionário que não mais parou. Em 1908, exilado na Suíça, Lenine reorganiza clandestinamente a fracção bolchevista que em 1912 se transforma num Partido distinto do partido menchevique (conferência de Praga).

Exilado na Finlândia, é em 1917 que ele escreve o «Estado e a Revolução» onde apresenta a ditadura do proletariado como uma forma de Governo necessária, destinada a eliminar as antigas classes dirigentes, as classes opressoras.

Sob a palavra de ordem «Agora ou nunca», regressado da Finlândia, Lenine (estamos a 7 de Novembro de 1917) dá o golpe fatal em Kerenski. O Congresso dos Sovietes confia-lhe a presidência do Conselho dos comissários do povo, onde não há bolchevisques.

Por uma série de decretos, suprime a grande propriedade, nacionaliza as indústrias e esforça-se por galvanizar as massas populares. Dissolve a Assembleia Constituinte, instaura a ditadura do proletariado, e cria o Exército Vermelho.

Lenine transfere então o Governo de Petrogrado para Moscovo. Em 1920, para combater os desvios de esquerda no seu próprio partido, escreve «O Esquerdismo, Doença Infantil do Comunismo». Em 1922 o antigo Império Russo transforma-se na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (U.R.S.S.).

Morre a 21 de Janeiro de 1924. O seu corpo embalsamado, está exposto num mausoléu da Praça Vermelha, em Moscovo.

MÁRIO SOARES ESCLARECE A PRESENÇA NO CONGRESSO DO P.S. DE OFICIAIS SPINOLISTAS

Para o P.S., os dois grandes inimigos da revolução portuguesa, são «a direita que conspira» e os «actos de violência anarco-populistas», afirmou o seu secretário-geral, Mário Soares, em entrevista a Renato Soares, da A.N.I.

Segundo o secretário-geral do P.S. actualmente há necessidade de uma campanha para esclarecer o povo português sobre as «dificuldades que ele, a curto prazo, vai ter que enfrentar». Mário Soares sublinhou que o «P.S. age e agirá em todas as hipóteses, ao lado da revolução e do M.F.A.

Reproduzimos a seguir, alguns dos passos mais importantes da entrevista do secretário-geral do P.S.

ANI — Na hipótese de haver um boicote ou bloqueio económico a Portugal, como agiria o P.S., tanto nas relações externas, como na sua política interna?

M.S. — O P.S. agiria e age, em todas as hipóteses, ao lado da Revolução e do M.F.A. Se houver grandes dificuldades o P.S. estará ao lado daqueles

que vivem essas dificuldades e lhes fazem frente. Mas poderemos fazer muito para evitar esse boicote que seria, naturalmente, uma tragédia para Portugal. Não queremos instalar aqui um socialismo de penúria ou de miséria, queremos instalar o socialismo possível em termos de país europeu que somos, com padrões de vida que não devem baixar.

ANI — Até onde o P.S. acha justo as nacionalizações?

M.S. — Pensamos que há que definir com muita clareza o sector privado e o sector público. Uma grande parte da economia portuguesa estava dependente e controlada totalmente por oito ou nove grandes grupos económicos e financeiros. A desagregação das estruturas fundamentais desses grupos económicos — cujos principais beneficiários e responsáveis fugiram para o estrangeiro facilitou o controlo de uma grande parte da economia portuguesa pelo Estado. O P.S. não quer que se substitua o patrão monopolista pelo patrão Estado. Não quer ajudar

a criar aqui um cepticismo de Estado de fachada socialista com uma nova burocracia, uma nova classe de beneficiários que, no fundo, mantivesse a alienação dos trabalhadores. Nós queremos a participação dos trabalhadores no processo de gestão das empresas nacionalizadas. É um problema extremamente complexo que só agora vamos encarar.

ANI — Para o P.S. qual o inimigo fundamental da revolução portuguesa?

M.S. — Há vários inimigos. Neste momento um dos inimigos fundamentais, o principal inimigo, é ainda a direita que conspira. Não a direita que quer, timidamente, jogar o jogo. Nós dissemos sempre que o C.D.S. e os partidos de direita desde que se dispõem a jogar o jogo da democracia, não são necessariamente inimigos da revolução. Os inimigos são a direita que vai para o estrangeiro conspirar, ou que fica em Portugal para fazer actos de tipo contra-revolucionário.

Por outro lado, o nosso segundo inimigo são os actos de violência anarco-populistas, esses verdadeiros carnavales de violência — a que assistimos há duas ou três semanas — e que estão a assustar parte da população portuguesa, como a pequena e média burguesia, profissões liberais, comerciantes e industriais, que têm que ser ganhos para a revolução e não empurrados para a contra-revolução. Há certo verbalismo pseudo-revolucionário que no fundo faz o jogo da direita, na medida em que cria uma situação de constrangimento e agitação, e tende a paralisar a vida económica portuguesa e a suscitar dúvidas e a atirar sectores importantes para os braços da contra-revolução.

ANI — Circula que o tenente-coronel Almeida Bruno, o major Casanova Ferreira e o major Monje, actualmente presos, como suspeitos de estarem implicados no 11 de Março, participaram no congresso do P.S.

M.S. — Há aí uma intenção de comprometer o P.S., de atacar a sua direcção, de decapitá-lo. Há mesmo dirigentes de outros partidos que já se manifestam, dizendo que o povo português estaria muito preocupado com o desvio direita da direcção do P.S. Era como se nós, por exemplo, dissessemos que estamos muito preocupados neste momento com os desvios stalinistas da actual direcção do P.C. É evidente que nós não fazemos esse estilo de afirmações provocatórias. Cada partido tem a direcção que os seus militantes entendem. No nosso caso, a direcção foi eleita democraticamente.

Houve mais de 200 oficiais do M.F.A. que quiseram assistir ao congresso do P.S. solicitando cartões de entrada — mas não participaram. É natural que tivessem curiosidade de assistir ao congresso de um dos maiores partidos de massas de Portugal.

Não sei se o coronel Almeida Bruno, alguma vez foi ao congresso do P.S. Não o vi lá. O major Monje esteve lá. Conheci-o quando esteve comigo na delegação que foi a Londres e Argel, negociar com o P.A.I.G.C. Alguns oficiais, tomados como os mais esquerdistas do M.F.A., da Marinha, também lá estiveram e eu vi-os lá. É natural que oficiais do M.F.A., de diversas orientações, estivessem lá por curiosidade. Não há que especular com essas presenças.

JOANA SIMEÃO REVELA CONLUÍO COM SPÍNOLA

NACHINGWEA (TANZÂNIA), 22 — (R/«DL») — Militantes da Frelimo trouxeram Joana Simeão de Moçambique para uma base perto desta cidade no Sul da Tanzânia, a 80 km da fronteira moçambicana, onde se encontra detida entre um grupo de 350 traidores.

Joana Simeão, dirigente da Gumo, juntou-se a dois outros adversários políticos destacados da Frelimo nesse acampamento. Trata-se de Uria Simango, antigo vice-presidente da Frelimo, e de Paul Gumane, chefe da Coremo. Os traidores confessaram os seus «crimes», e estão sendo agora submetidos a um curso de «reeducação política».

Samora Machel, o presidente da Frelimo, reiterou ontem a sua promessa de que os traidores, incluindo moçambicanos que trabalharam para a P.I.D.E., não seriam executados, mas reeducados até terem passado para o lado da Frelimo.

Os três políticos presos juntaram-se no ano passado, para formar o Partido de Coligação de Moçambique (P.C.M).

Joana Simeão, numa confissão feita ontem, revelou que regressara de Portugal a Moçambique com o apoio do ex-general António de Spínola, para organizar um movimento nacionalista que constituísse uma alternativa para a Frelimo. Alegou-se também que estivera em contacto com a África do Sul e a Rodésia, mas Joana Simeão não confirmou estas acusações.

Espera-se que Joana Simeão seja submetida a reeducação política, trabalhando numa herdade comunal com camponeses em Moçambique.

Recorde-se que, há algum tempo, o brigadeiro Otelio Sarilho de Carvalho revelou que Spínola ameaçara com a intervenção dos Estados Unidos em Moçambique, caso este país fosse entregue à Frelimo. Por outro lado, os acontecimentos de 7 de Setembro em Lourenço Marques, que compreenderam a tentativa de golpe por parte de brancos reacçãoários, tiveram participação de Joana Simeão. A actuação de Spínola no processo de descolonização iniciado pelo M.F.A. começa a desenhar-se claramente contra os interesses dos povos das colónias e do povo português. A sombra spinolista paira ainda sobre Angola. O encontro do Sal com Mobutu intrigava-se nos planos imperialistas americanos de submeterem Angola ao domínio económico dos Estados Unidos.

Nacionalização da Siderurgia sem indemnizações — pedem os trabalhadores

Os trabalhadores da Siderurgia Nacional, em proposta aprovada plenariamente, manifestam o seu desejo de que a nacionalização da empresa não dê lugar «a qualquer tipo

de indemnização». Os assalariados propõem ainda que «em face do crescente desemprego a grassar no País, nem um lugar por preencher seja consentido na S. N. e que este preenchimento seja orientado pelos representantes dos trabalhadores». Manifestam-se pela fixação de ordenados máximos (20 contos) e mínimo (8000\$00), pelo congelamento de ordenados superiores a doze mil escudos e pela abolição, salvo casos excepcionais, das horas extraordinárias.

Foi ainda aprovada uma moção onde se pede que o Conselho Superior da Revolução, o sector progressista do M. F. A. e o Governo Provisório, tomem as medidas adequadas e a curto prazo, no sentido de que sejam estabelecidos um ordenado máximo e mínimo nacionais, em que se acabem os ordenados burgueses e se arranje um mínimo humanamente decente.

Sines: que projecto?

Uma incómoda «gralha» pousou no artigo «Sines: Que Projecto?», do nosso prezado colaborador eng.º Puppe dos Santos, que ontem publicámos. Assim, na rubrica «Hipótese preconizada», onde se lê «TOTAL — 5,1 milhões», deveria estar «TOTAL — 5,6 milhões» (como, aliás, facilmente se concluiria pela soma das parcelas). Do facto pedimos desculpa ao nosso prezado colaborador e aos leitores.

SOCIEDADE SEM EXPLORAÇÃO

Continuação da pág. 1

são Permanente do Conselho de Leigos do Porto divulgou a posição que o comunicado da J. O. C. já denuncia.

«É indiscutível nesta altura o uso do «voto em branco», pois significa, para quem o usar, uma triste incapacidade de se decidir e porque dessa atitude aproveitarão manifestamente certos partidos minoritários com o risco de as eleições não exprimirem uma real vontade popular.

«Depois de cerca de um ano de esclarecimento cívico e político e de ampla campanha eleitoral é dever de todo o cidadão «fazer uma escolha» e o cristão, dentro do pluralismo de opções, tem obrigação de discernir, de entre os partidos, as ideologias que, declarada ou subjacentemente, são in-

compatíveis com uma visão evangélica do homem e do mundo.

«É, além do mais, incompatível com uma visão cristã, a violência, a ditadura como regra, o desrespeito pela vida humana, o ódio e luta irremediável entre classes como motor de toda a evolução económica e social, a absorção total da pessoa em favor da organização política, a negação de direitos fundamentais da pessoa, como o direito de reunião e associação e à livre informação, a subversão constante da ordem e da lei democrática por golpes de força, etc.»

A referência à «luta de classes» indica claramente a natureza anticomunista e contra-revolucionária desta entidade da Igreja



A VERDADE SOBRE O 11 DE MARÇO



COMISSÃO DE INQUÉRITO

RELATÓRIO PRELIMINAR SOBRE O GOLPE CONTRA-REVOLUCIONÁRIO DE 11 DE MARÇO DE 1975

1. RAZÕES DESTE RELATÓRIO

A Comissão de Inquérito, nomeada pelo Conselho da Revolução, consciente da grave responsabilidade que assumiu perante o Povo Português, decidiu, depois de ponderadas todas as vantagens e inconvenientes, que para satisfação da opinião pública nacional e internacional se torna imperioso dar uma explicação prévia ao País e apresentar também os resultados da sua actuação.

As averiguações levadas a efeito até esta data permitem desde já enviar ao Tribunal Militar Revolucionário os processos sumários de muitos dos implicados (Anexo 1). É óbvio que competindo ao Tribunal o julgamento, esta Comissão limitar-se-á a apresentar factos objectivos, concretos e comprovados até ao momento, sem prejuízo do prosseguimento da missão que lhe foi cometida.

Esta missão consiste, em síntese, na procura de todas as raízes, de todas as complicitades, sem discriminações de qualquer natureza nem limitações de qualquer espécie, pois que o processo revolucionário em curso exige que a justiça seja igual para todos os cidadãos qualquer que seja a sua posição social.

Missão difícil e complexa que exigirá grande determinação, firmeza, serenidade e persistência dos membros da Comissão e uma colaboração decidida de todos os que querem contribuir para a construção dum Portugal autêntico e amplamente democrático.

2. PREPARAÇÃO DO GOLPE

2.1. Generalidades

Os acontecimentos contra-revolucionários de 11 de Março representam o culminar da mais gigantesca campanha que as forças do capital internacional e nacional, grande burguesia financeira e industrial e seus aliados montaram contra a jovem e nascente democracia portuguesa. Nessa campanha foram empenhados grandes recursos políticos, económicos e militares adaptados às circunstâncias específicas do nosso País mas inspirando-se em modelos já ensaiados em tantos países onde governos progressistas foram derrubados.

Com efeito, a revolta militar desencadeada pelo M. F. A. em 25 de Abril pode considerar-se a consequência da longa

e árdua luta do Povo Português contra a ditadura fascista e da luta dos povos das colónias pela sua libertação. No entanto o grande capital internacional e nacional aceitou sem grandes sobressaltos ou inquietações o derrube de Tomás e Caeetano por se julgar com o poder de manobra suficiente para continuar a sua exploração desenfreada ainda que utilizando meios mais sofisticados de repressão das classes exploradas.

É nesta óptica que se devem analisar e compreender as várias tentativas de assalto do poder económico ao poder político e numa sequência e escalada cada vez mais violenta.

A crise do primeiro Governo Provisório conduzido por Spínola com a complicitade de Palma Carlos, o 28 de Setembro e o 11 de Março são pois as balizas que limitam períodos bem determinados da actuação das forças interessadas em inverter o processo iniciado em 25 de Abril de 1974.

2.2. Preparação da opinião pública

Pode considerar-se que o início da campanha preparatória do golpe contra-revolucionário que pode situar em 30 de Setembro de 1974 com o discurso de renúncia do ex-general Spínola, como consequência da crise de 28 de Setembro.

A partir dessa data começam as forças reacçãoárias mobilizando todos os seus esforços para a retomada do poder político. Para atingir este objectivo que implicaria simultaneamente: o estabelecimento do "estado de sítio", o desmantelamento do M. F. A. e a restauração da "ordem" por meios repressivos, a estratégia utilizada foi fundamentalmente a "destabilização" da situação político-social.

Na estratégia referida podem apontar-se várias táticas de actuação de que destacamos:

— Uma gigantesca campanha tendente ao isolamento do M. F. A., procurando dar a imagem de ser exclusivamente apoiado e controlado pelo P. C. P., desprestigiando-o e tentando retirar-lhe o apoio popular;

— Uma intensificação da campanha anti-comunista fazendo despertar ou alimentando receios injustificados, resultantes do obscurantismo político em que se viveu quase meio século, e identificando outros partidos e organizações como órgãos do P. C. P.;

— Uma obstrução contínua às leis do Governo e ao saneamento da administração pública;

— Uma sabotagem sistemática aos comícios dos partidos da direita, mobilizando grupos de agitadores, tendente a criar uma atmosfera de violência e de agudização das tensões sociais procurando

de ainda identificar como responsáveis os partidos da esquerda e comprometer o Governo Provisório e M. F. A. pela sua branda actuação;

— Uma polarização da opinião pública nacional através de determinados órgãos de informação, de modo a explorar linhas de orientação política diversas, auscultadas a nível governamental e as diversas correntes de opinião manifestadas nas Assembleias e no Conselho dos Vintes;

— Uma polarização negativa da opinião pública internacional para o processo de democratização em curso no País, por forma a incrementarem as pressões externas tendentes a entravar a evolução política e a levar a uma retracção de capitais;

— Uma actuação sistemática e consciente na agudização dos conflitos estudantis com o fim de criar uma atmosfera de indisciplina e violência;

— Uma intensificação das sabotagens económicas e financeiras fomentando o desemprego e exacerbando os conflitos de trabalho;

— Uma campanha caluniosa no estrangeiro junto dos núcleos de emigrantes com o fim de evitar o envio das suas remessas habituais e que têm um peso significativo na economia nacional;

— Uma actuação tendente a cavar ainda mais profundamente o abismo existente entre o Povo e as Forças Militarizadas (P. S. P.-G. N. R.) o que conduziu a um aumento de violência nas ruas;

— Uma campanha alarmista na qual se pode inserir a previsão de guerra civil noticiada pela imprensa estrangeira por personalidades políticas responsáveis (Anexo 2);

Uma actuação sistemática nas unidades militares de modo a aumentar a indisciplina e a sua inoperatividade permitindo a criação de um estado psicológico que levasse a uma tomada de posição pelos mais conservadores (Anexo 3);

— Uma tentativa de apresentar o ex-general Spínola como um possível salvador da situação nacional e aglutinador de forças políticas importantes. A entrevista de Spínola ao *Expresso* em 4 de Janeiro de 1975 é significativa: pensa regressar à vida política e a fórmula usada tinha a vantagem de cobrir as posições de determinados partidos (Anexo 4).

As táticas utilizadas iam resultando plenamente, verificando-se nos dois últimos meses um clima de instabilidade, agitação e confrontação, fruto das contradições da nossa sociedade e da indefinição do processo português.

Todas estas campanhas foram levadas para dentro do M. F. A. no intuito de dividir para reinar. Esta cegueira tocou as raízes do absurdo e pode ser analisada e

interpretada pelo que veio a lume em diversos órgãos de informação (Anexo 5).

2.3. Preparação Específica

Um dos objectivos das forças contra-revolucionárias nacionais e internacionais consistia em fazer um levantamento spinolista que conduzisse o ex-general ao poder. Em consequência da preparação já anteriormente referida inicia-se claramente a conspiração contra-revolucionária.

A partir de Janeiro, em Massamá, Quartel-General dos conspiradores, processam-se frequentes contactos dos elementos spinolistas com o ex-general. Não obstante a quinta dispor de um aperfeiçoado sistema de segurança baseado em medidas passivas (armadilhas) e activas (forças da G. N. R.) alguns "oficiais de confiança" oferecem-se voluntariamente para reforçar a segurança pessoal de Spínola (Anexo 6).

Alguns destes oficiais têm ligações estreitas com personalidades civis e militares de diversas embaixadas, com alguns partidos políticos e com alguns elementos da alta finança.

Também em Janeiro, se não antes, é elaborado o discurso de Spínola onde se pode verificar a linha política anti-democrática que pretendia impor ao País quando assumisse o Poder por meios violentos (Anexo 7).

Paralelamente os oficiais spinolistas desencadearam nas Unidades e outros Estabelecimentos Militares, a exploração e preparação psicológica, inicialmente referida, baseando-se fundamentalmente nos problemas levantados com a unidade sindical, a institucionalização do M. F. A. e a inoperância do Governo. Esta campanha visava a aderência dos oficiais menos esclarecidos politicamente, conservadores ou mesmo reacçãoários.

Em Fevereiro é decidido a institucionalização do M. F. A. tendo, na Assembleia dos 200, sido definidos sete pontos que deviam constar na Plataforma de Acordo com os Partidos Políticos. Entre esses destacava-se o de o Presidente da República ser da confiança do M. F. A. Os spinolistas contestaram veementemente este ponto por verem nele a impossibilidade do ex-general Spínola vir a conquistar o Poder Político por via eleitoralista. Assim, consideram que a única hipótese que lhes resta para a conquista do Poder Político é a insurreição armada.

Elementos conspiradores fazem um mal elaborado estudo de situação (Anexo 8).

Como consequência lógica deste estudo de situação são estabelecidos uma série de contactos a fim de avaliar as prováveis forças aderentes. Paralelamente grupos de oficiais da linha progressista do M. F. A., pressentindo a possibilidade e

iminência do golpe spinolista, fazem discretamente a avaliação de forças que permitisse uma resposta pronta e eficaz.

Os elementos spinolistas sentem-se vigiados e as suas actividades conspiratórias começam a ser do conhecimento da opinião pública nacional e internacional (Anexo 9).

Em 8 de Março o Conselho dos Vinte decide efectuar a institucionalização do M. F. A. no dia 25 de Abril.

Esta decisão, conjuntamente com a fuga de informações já referida e a chegada também neste dia aos Serviços de Informação Militares duma notícia de que a contra-revolução estava em Tancos obriga os conspiradores a desencadear o golpe antes que os Serviços de Informação tivessem possibilidade de confirmar a notícia.

Para aliciar os indecisos ou os ben-intencionados e pouco esclarecidos politicamente é referida a existência duma operação a ser desencadeada pela L. U. A. R. a partir do R. A. L. I (com a colaboração de "Tupamaros") designada por "MATANÇA DA PÁSCOA" e que consistia na eliminação de 500 militares e 1000 civis.

Esta notícia é trazida de Espanha, no dia 10, pelo tenente Rolo que refere ter-lhe sido comunicada pela D. G. S. espanhola, tendo Spínola posteriormente declarado que essa informação estava de acordo com a que lhe tinha sido transmitida pelos Serviços Secretos Franceses.

(Cont. na pág. 2)

RELAÇÃO DOS ANEXOS

ANEXO 1 — Relação dos implicados no golpe contra-revolucionário.

ANEXO 2 — Contestação das declarações de responsáveis políticos prestadas a órgãos de informação estrangeiros pelo Sr. capitão Pinto Soares.

ANEXO 3 — Factos retirados dum depoimento prestado por um declarante que se diz aderente do M. R. P. P.

ANEXO 4 — Entrevista de Spínola ao *Expresso* em 4 de Janeiro de 1975, análise dessa entrevista no *Expresso* de 11 de Janeiro de 1975.

ANEXO 5 — A imprensa em vésperas do golpe.

ANEXO 6 — Relatório da diligência da G. N. R. em Massamá e o plano extraordinário de defesa.

ANEXO 7 — Rascunho do discurso de Spínola.

ANEXO 8 — Estudo da Situação.

ANEXO 9 — A imprensa denuncia a iminência do golpe.

ANEXO 10 — Plano de Operações.

ANEXO 11 — Documentos diversos.

RELATÓRIO PRELIMINAR SOBRE O GOLPE CONTRA-REVOLUCIONÁRIO DE 11 DE MARÇO DE 1975

(Cont. da pág. 1)

Note-se que de há muito vinham a ser estabelecidos frequentes contactos em Espanha, onde se encontram numerosos ex-agentes da P. I. D. E.-D. G. S. Admite-se como muito provável que o primeiro-tenente Nuno Barbieri, filho do inspector Barbieri da ex-P. I. D. E.-D. G. S., não seja estranho a estes contactos tanto mais que toma parte com um grupo de civis no ataque a Porto-Alto e mantém muito frequentes contactos com o primeiro tenente Rolo.

Saliente-se ainda o que se transcreve dum depoimento referente aos detidos da P. I. D. E. em Caxias.

...o ambiente nas vésperas do golpe contra-revolucionário de 11 de Março de 1975 era de euforia e que se faziam projectos de eliminação de algumas individualidades, entre as quais o Primeiro-Ministro, Brigadeiro Otelo e inclusivamente o Senhor Presidente da República.

Que na lista dos indivíduos a eliminar, constava também Mário Soares e Salgado Zenha e que dos comunistas não escapava nenhum, uma vez que se apoderariam das listas de legalização de partidos. Que o próprio Spínola serviria apenas para agora mas que mais tarde seria igualmente "arrumado."

São contactados grupos de civis (participantes na operação de neutralização da estação do Rádio Clube em Porto Alto) e militares com a indicação de que se deveriam reunir na B. A. 3 em Tancos, na madrugada de 11 de Março.

Nesta madrugada é gizado apressadamente um Plano de Operações (Anexo 10). Como argumento, para provocar adesões de última hora dos militares pouco esclarecidos, afirma-se que o Presidente da República, os Chefes de Estado-Maior da Força Aérea e do Exército e alguns membros do Conselho dos Vinte estavam ao corrente da operação que ia ser desencadeada.

onde esperariam pela chegada do ex-general Spínola, seguindo daí para Tancos.

21,30 — Massamá — Fazendo-se transportar num Mercedes alugado, o ex-general Spínola dirige-se para a portagem da A. E. de Vila Franca de Xira, disfarçado com barbas postiças, acompanhado de uma escolta composta por civis armados.

22,00 — Portagem da A. E. — O ex-general Spínola, e seus acompanhantes, partem com destino a Tancos onde será desencadeado o golpe contra-revolucionário de 11 de Março.

22,30 — O brigadeiro Morais, comandante da Região Militar de Tomar, desloca-se a Santarém e procura o coronel Alves Morgado, comandante da E. P. C., tentando aliciá-lo. Não conseguindo a adesão pretendida, insiste, através de um contacto telefónico, cerca de 3 quartos de hora mais tarde. O novo encontro tem lugar junto do café Central. Esta tentativa não logrou melhor êxito, mas o coronel Morgado não denuncia as intenções dos contra-revolucionários.

Terceira insistência é tentada na manhã seguinte, através de um enviado do brigadeiro Morais — o capitão Veloso e Matos.

23,00 — No Restaurante da "Fateixa", em Carcavelos, o tenente-coronel Xavier de Brito encontra-se com o tenente-coronel Almeida Bruno que, para o efeito, convocou o major Monge e capitão Luz Varela. O objectivo deste encontro foi tentar aliciar o tenente-coronel Bruno e o major Monge.

MARÇO DIA 11

00,00 — Tancos — Começam a chegar à B. A. 3 os elementos conspiradores que se reúnem em casa do major Martins Rodrigues.

01,40 — É montado um sistema de segurança da Unidade e é regulada a entrada de elementos vários que entretanto chegavam e cujas viaturas não eram revistas.

02,00 — Com a presença dos principais responsáveis pelo golpe, é feito o ponto da situação e o planeamento das operações a desencadear durante a manhã.

09,00 — São feitos "briefings" ao pessoal. O ex-general Spínola faz uma alocação aos pilotos dos helicópteros e dos T-6, em que se afirma estar a assistir-se à substituição das Forças Armadas e ser necessário intervir para manter a "continuidade" e a "pureza" do processo desencadeado no 25 de Abril.

Os meios aéreos destinados a atacar o R. A. 1, aviões T-6, helicópteros e helicópteros, começam a ser municiados.

10,45 — Descolam os primeiros meios aéreos destinados a atacar o R.A.L.1. Estes meios eram constituídos por 2 T-6, 8 helitransportadores, com 40 pára-quedistas e 2 helicópteros. Quase simultaneamente, descolam 3 Nordatlas com 120 pára-quedistas destinados a cercar o R.A.L. 1. Mais tarde outra parelha de T-6 descolou com o fim de sobrevoar Lisboa a baixa altitude em acção de intimidação.

11,30 — Todas as Unidades da Força Aérea estão de prevenção rigorosa.

11,45 — Cerca das 11,45 horas deslocam-se à B. A. 3, de helicóptero, o brigadeiro Lemos Ferreira e o tenente-coronel Sacramento Marques, como delegados do C. E. M. F. A. e C. E. M. E., para procurarem esclarecer a situação.

11,50 — R. A. L. 1 — Esta Unidade é atacada pelos contra-revolucionários que na sua missão vêm a atingir as casernas dos soldados e os principais edifícios do aquartelamento, resultando um morto e 14 feridos. Neste ataque são consumidas 220 munições de metralhadoras dos T-6, calibre 7,7, 318 munições de MG-151 dos

3. EXECUÇÃO DO GOLPE CONTRA-REVOLUCIONÁRIO

3.1. Descrição geral dos acontecimentos

MARÇO DIA 8

17,00 — Praça das Flores — Através de contactos efectuados principalmente por Miguel Champallaud e tenente Nuno Barbieri reúnem-se vários indivíduos, entre outros coronel Durval de Almeida, José Vilar Gomes, João Alarcão Carvalho Branco, José Carlos Champallaud, tenente Nuno Barbieri e Miguel Champallaud tendo estes dois últimos dito aos restantes que estava planeada uma operação de grupos de extrema-esquerda, denominada "Matança da Páscoa", na qual seriam mortos cerca de 1500 civis e militares entre os quais o ex-general Spínola.

Seria necessário assim desencadear uma acção para neutralizar essa operação e que seria necessário também acompanhar o ex-general para Tancos onde se desencadearia toda a acção.

MARÇO DIA 9

22,00 — Praça das Flores — Reúnem-se novamente alguns dos indivíduos mencionados anteriormente, com outros aguardando neste local instruções para seguirem para Tancos.

Rua Jau — Alcântara — Ao mesmo tempo desenrola-se uma reunião de militares, entre os quais o general Tavares Monteiro, coronel Durval de Almeida, tenente-coronel Xavier de Brito, ex-tenente-coronel Quintanilha de Araújo, ex-major Silva Marques, tenente Nuno Barbieri e ex-tenente Carlos Rolo onde este confirma a "Matança da Páscoa" por notícias colhidas em Espanha, nos Serviços de Seguridad Espanhola, donde chegara naquele momento. Estes elementos decidem dar conhecimento e alertar o ex-general Spínola dirigindo-se para Massamá.

MARÇO DIA 10

00,00 — Rua Jau — Alcântara — Entretanto, por ordem do tenente Nuno Barbieri, o alferes Jorge de Oliveira dirige-se à Praça das Flores onde indica aos presentes que se devem dirigir para a Rua Jau onde se encontram com outros indivíduos, já contactados: José Vilar Gomes, Miguel Champallaud, António Simões de Almeida, João Alarcão Car-

valho Branco, José Carlos Champallaud, António Ribeiro da Cunha, Gonçalo Bettencourt Ávila e Eurico Vilar Gomes que permanecem neste local até lhes serem indicadas missões concretas.

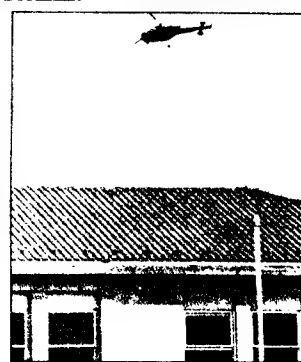
02,15 — Massamá — Chegam à residência do ex-general Spínola o general Tavares Monteiro, coronel Durval de Almeida, tenente-coronel Xavier de Brito e ex-tenente-coronel Quintanilha onde falam com o ex-general Spínola, a quem comunicam o que sabem. É-lhes, por este, respondido já ter conhecimento desses factos através dos Serviços Secretos Franceses. Entretanto o tenente Nuno Barbieri, ex-tenente Carlos Rolo, e ex-major Silva Marques planeiam o ataque ao emissor do Rádio Clube Português em Porto Alto.

Depois destes contactos o general Tavares Monteiro e coronel Durval de Almeida dirigem-se para as traseiras da Igreja de S. João de Deus onde se encontram com o tenente Nuno Barbieri que entretanto fora à Rua Jau trazendo consigo António Ribeiro da Cunha, José Vilar Gomes e Miguel Champallaud que passam a fazer escolta armada àqueles três oficiais nos diversos contactos que fazem em seguida.

10,30 — Lumiar — General Tavares Monteiro, coronel Durval de Almeida, tenente Nuno Barbieri e os indivíduos que compõem a sua escolta dirigem-se para casa do major Sá Nogueira, no Lumiar, onde almoçam e donde fazem contactos nomeadamente com o ex-comandante Alpoim Calvão e ex-comandante Rebordão de Brito.

15,00 — Aeroporto — Dirigem-se ao Aeroporto o general Tavares Monteiro, coronel Durval de Almeida e José Vilar Gomes onde se encontram com o tenente-coronel Xavier de Brito e ex-tenente-coronel Quintanilha que vinham de fazer vários contactos com Unidades. Daqui seguem novamente para o Lumiar onde vão chegando mais indivíduos como o ex-comandante Calvão, ex-major Silva Marques, ex-tenente Anala e ex-tenente Carlos Rolo.

Nesta reunião é feito o ponto da situação avaliando-se as forças que estão do lado dos revoltosos e meios disponíveis. Definidas as missões de cada um, os presentes vão abandonando o local ficando combinado o encontro de todos eles e do grupo de civis que se encontravam ainda na Rua Jau, na portagem da A. E. de Vila Franca de Xira,



Pormenores do ataque ao R. A. L. 1



Tropas transportadas em blindados saem do R. A. L. 1 para tomarem posições de defesa, ao mesmo tempo que são vitorizadas por populares que rapidamente haviam ocorrido às proximidades da unidade militar visada pelas forças reaccionárias



Forças militares da defesa terrestre do COPCON no Alto Duque tomam posições

(Cont. na pág. 3)

RELATÓRIO PRELIMINAR SOBRE O GOLPE CONTRA-REVOLUCIONÁRIO DE 11 DE MARÇO DE 1975



(Cont. da pág. 2)

helicópteros, 20 mm e 99 foguetes Snob, 37 mm, antipessoal.

12,00 — Aeroporto — É encerrado o tráfego civil.

Quartel do Carmo — Oficiais da G. N. R. no activo e outros já afastados do serviço, comandados pelo general Damilão, prendem o comandante-geral e outros oficiais.

12,20 — Tancos — Descolam dois helicópteros e um helicóptero com destino ao emissor do Rádio Clube Português no Porto Alto.

12,50 — Lisboa — A 5.ª Divisão do E. M. G. F. A. emite a seguinte mensagem a todas as Unidades do Exército, Armada, Força Aérea, G. N. R., P. S. P. e G. F.:

"O COPCON, a Comissão Coordenadora do M. F. A. e a 5.ª Divisão do E. M. G. F. A. alertam todas as unidades para se colocarem em estado de mobilização para destruir forças rebeldes contra-revolucionárias que neste momento atacam unidades do M. F. A."

Este rádio foi seguido de outro semelhante enviado para comandos militares das Ilhas Adjacentes e África.

13,00 — Porto Alto — Um grupo de civis armados e comandados por 2 militares atacam o emissor do Rádio Clube Português, interrompendo a emissão desta estação em onda média.

Os assaltantes faziam-se transportar em 2 helicópteros seguindo num o ex-major Silva Marques, António Simões de Almeida, João Alarcão Carvalho Branco e José Carlos Champalimaud e no outro o primeiro-tenente Nuno Barbieri, José Vilar Gomes, Eurico Vilar Gomes, António Ribeiro da Cunha e Miguel Champalimaud.

Deste ataque resultou a paralização da emissão e destruição de material de elevada monta.

O ex-general Spínola tenta aliciar, pelo telefone, o major Jaime Neves, comandante do Batalhão de Comandos n.º 11, que lhe responde só obedecer à hierarquia a que está sujeito: o COPCON, com quem aliás já tinha estado em contacto. Spínola procura, ainda, falar com o tenente-coronel Almeida Bruno que está presente, mas que se esquivava.

Pouco antes ou depois desta diligência o ex-general estabelece contacto com o tenente-coronel Ricardo Durão tentando obter por via deste e do capitão Salgueiro Maia, a adesão da E. P. C. O capitão Maia não atende este telefonema.

13,10 — Lisboa — A Emissora Nacional interrompe a sua programação normal e passa a transmitir directamente do Centro de Esclarecimento e de Informação Pública da 5.ª Divisão do E. M. G. F. A., aconselhando a população de Lisboa a manter-se calma e vigilante em união com o M. F. A. e seus órgãos representativos.

13,20 — O major Rosa Garoupa telefona para o major Casanova Ferreira, comandante da P. S. P. de Lisboa, a pedir-lhe a ocupação do Rádio Renascença e que pusesse "no ar" esta Emissora (na altura em greve) com o fim de transmitir comunicados dos contra-revolucionários, acções que se não concretizaram.

13,30 — Lisboa — É transmitido pela E. N. o primeiro comunicado da 5.ª Divisão nos seguintes termos: "Vamos dar uma notícia concreta: 2 aviões e 2 hélices atacaram o R. A. L. 1, unidade afectada e fundamental do M. F. A. Este ataque foi cerca das 12 horas. Portanto, são elementos pára-quedistas e outros elementos das Forças Armadas que se sublevaram contra a ordem democrática instaurada desde o 25 de Abril. Mais uma vez o M. F. A. e o POVO devem e têm de estar unidos, alerta e vigilantes contra estas manobras que não podem vingar de maneira nenhuma. Acreditamos e estamos confiantes e pedimos a vigilância popular em união com os órgãos representativos do M. F. A., nomeadamente a sua Comissão Coordenadora, 5.ª Divisão do E. M. G. F. A., e Comandante Adjunto do COPCON, Brigadeiro Otelo Saraiva de Carvalho". Os diversos comunicados da 5.ª Divisão do E. M. G. F. A. tiveram papel importante no esclarecimento de militares que nas unidades desconheciam o que se passava.

13,30 — Uma força da G. N. R. constituída por 5 moto-blindados aparece nas imediações do G. D. A. C. I., tentando ocupar e desligar a antena da R. T. P. em Monsanto.

Foram interpelados e intimados a retirar por forças do COPCON o que fizeram imediatamente.

14,45 — É transmitido o primeiro comunicado emanado do Gabinete do Primeiro-Ministro do seguinte teor:

"Esclarece-se a população terem-se verificado hoje, de manhã, incidentes envolvendo forças militares reacçãoárias em tentativa desesperada de travar o processo revolucionário iniciado a 25 de Abril. Tais incidentes consistiram numa tentativa de ocupação do R. A. L. 1, envolvendo meios aéreos e terrestres. A situação encontra-se sob controle, pelo que se apela para que a população se mantenha calma, sem abrandar contudo a sua vigilância. A aliança entre o Povo e as Forças Armadas demonstrará, agora como sempre, que a revolução é irreversível".

15,00 — Soldados e sargentos da B. A. 3 amotinam-se contra os conspiradores e arrombam as viaturas civis utilizadas pelos elementos estranhos donde retiram armamento.

Dá-se início à fuga de Spínola e acompanhantes que se fazem transportar num héli para o R. C. P.

15,15 — R. A. L. 1 — A grande maioria dos pára-quedistas que atacaram o R. A. L. 1 depõem as armas e juntam-se aos camaradas desta Unidade.

— Lisboa — O Brigadeiro Otelo Saraiva de Carvalho dá conta ao País da normalização da situação:

"Neste momento, o que se pode dizer é que cerca das 12 horas o R. A. L. 1 foi sobrevoadado por dois aviões T-6 e quatro helicópteros que inopinadamente bombardearam as instalações do quartel. Houve alguns feridos. Esta operação foi seguida dum desembarque de pára-quedistas. As forças de pára-quedistas mal tinham a noção do que estavam a fazer; podem ter sido ludibriadas pelos responsáveis que lhes teriam dito que o R. A. L. 1 estava ocupado por tropas inimigas do 25 de Abril e que estaria dominado pelos comunistas, como sempre dizem nestas circunstâncias. Prova é que os pára-quedistas entraram hoje em ligação fácil com os populares que tinham ali acorrido.

Todas as forças do Exército se portaram muito bem. Tenho ainda neste momento forças de reserva que não necessitam utilizar.

A situação está dominada excepto no quartel do Comando da G. N. R., no Carmo, que alguns oficiais tomaram de assalto, prendendo o comandante Pinto Ferreira".

E a terminar, Otelo Saraiva de Carvalho, sereno, com ar confiante, afirmou:

"A situação está perfeitamente calma. (...)

Quanto aos responsáveis do sucedido, eles serão exemplarmente castigados.

As forças do Exército, no país estão totalmente serenas e com o M. F. A. O COPCON vive um curto clima de agitação mas também de tranquilidade".

E terminou, apelando para a população:

"As massas populares devem manter-se vigilantes, mas calmas, não

aderindo a movimentos de extremistas. Em qualquer momento que as Forças Armadas não controlem a situação, não hesitarei em lançar mão do auxílio precioso das massas populares. A democracia é ainda muito jovem e é preciso lutar de dentes cerrados contra todos estes ataques.

Que as massas populares não tomem medidas extremistas e desnecessárias".

17,15 — O primeiro-ministro, brigadeiro Vasco Gonçalves, dirige, pela TV e Rádio, uma alocução ao povo português:

"Uma minoria de criminosos lançou homens das Forças Armadas contra homens das Forças Armadas, que é o maior crime que hoje se pode perpetrar em Portugal.

Beneficiando da grande benevolência que os generosos obreiros do 25 de Abril têm tido para com os seus inimigos, tentaram dividir o País, ao serviço das forças reacçãoárias para que tantas vezes tem sido chamada a atenção. Espero que isto seja uma verdadeira lição para todos os portugueses, para os partidos políticos, para os sindicatos, para as Forças Armadas, para todos os patriotas. Os nossos verdadeiros inimigos são, de facto, a reacção e os fascistas. E a reacção traduz-se na prática por aqueles que se opõem ao desenvolvimento e ao progresso da nossa Pátria dentro do Programa das Forças Armadas e no sentido que o M. F. A. lhe tem procurado imprimir. São todos aqueles que quotidianamente travam este processo revolucionário, quer ao nível de repartições públicas, que ao nível das cúpulas, a todos os níveis; essa luta quotidiana que todos os democratas travam contra os seus inimigos é que significa a luta que o povo português trava contra a reacção.

Eu daqui exorto as massas trabalhadoras para que não se deixem desunir nos seus sindicatos; para que se unam, para que vejam bem onde estão os seus inimigos e os seus amigos.

A unidade das massas trabalhadoras é indispensável à consolidação da revolução democrática portuguesa.

No momento em que estávamos a ser atacados, estava-se preparando uma greve nos TAP; é preciso que os trabalhadores dos TAP, por exemplo, entre outros, tomem bem consciência dos perigos que correm ao dividir-se, ao cindir-se do M. F. A. e que estejam alerta para quem os divide.

Os trabalhadores devem tirar todas as conclusões desta tentativa reacçãoária de lançar F. A. contra F. A.; de lançar camaradas de armas contra camaradas de armas, servindo-se das maiores mentiras, de ignomínias; lançando homens honrados em aventuras, condenadas, antecipadamente, ao fracasso porque o M. F. A. tem consigo a esmagadora maioria das massas trabalhadoras e dos patriotas portugueses.

Também os partidos políticos é bom que tirem as lições da situação que acabamos de viver. Em lugar de se lançarem em lutas, uns contra os outros, em lugar de se dividirem que se unam. Unam-se em volta da bandeira da nossa Pátria, unam-se em volta do verdadeiro progresso da nossa Pátria com as ideias revolucionárias que traz o programa das F. A.

Os partidos políticos têm obrigação de tirar bem a lição deste acontecimento.

Por outro lado, as forças progressistas desses mesmos partidos políticos apolaram-se nestes momentos. Devemos reconhecê-lo e mais uma vez afirmar que a revolução portuguesa só pode marchar em frente em estreita aliança do M. F. A. com os partidos políticos progressistas e patrióticos que verdadeiramente estão interessados na mudança de rumo da vida política, económica e social portuguesa.

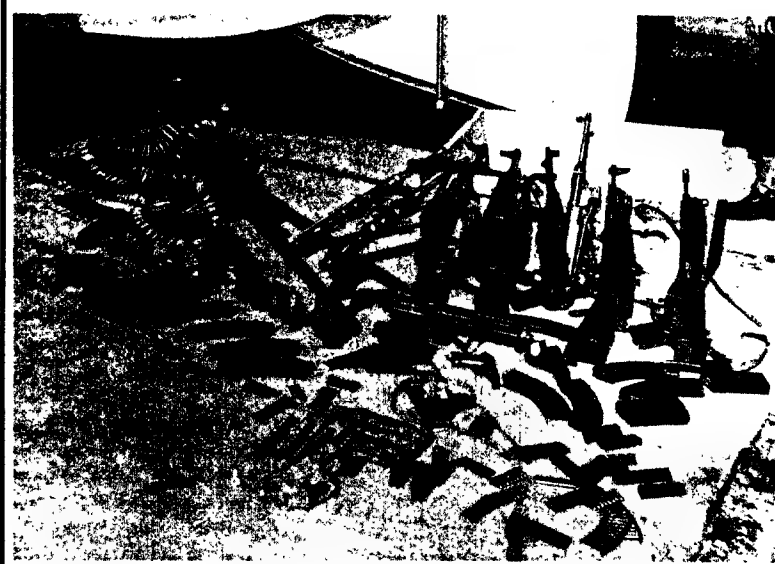
A todos os portugueses, a todos os patriotas, quer os trabalhadores, quer a pe-



Manifestações populares junto ao quartel da G. N. R. no Carmo



Manifestações populares em Lisboa



O armamento levado pelos fugitivos com o qual protegeram a sua fuga

RELATÓRIO PRELIMINAR SOBRE O GOLPE CONTRA-REVOLUCIONÁRIO DE 11 DE MARÇO DE 1975



quena burguesia, quer os pequenos comerciantes, os quadros, os médios comerciantes, peço que vejam bem as aventuras para que os nossos inimigos nos podem lançar e que tenham confiança no M. F. A., que está atento e em ligação estreita com o povo português e não permitirá que a reacção volte a dominar este País.

Viva Portugal."

17,30 — O Presidente da República, através da E. N. emite um comunicado:

"O Presidente da República e Chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas — General Costa Gomes — através da 5.ª Divisão do E. M. G. F. A. dirige-se e informa a população de que a aventura contra-revolucionária que levou uma unidade de tropas pára-quedistas a atacarem o Regimento de Artilharia Ligeira n.º 1 (R.A.L. 1) — na Encarnação (no limite de Lisboa), foi conduzida por traição de alguns quadros, enganando e arrastando consigo os soldados e outros subordinados, com informações falsas e provocatórias que os levaram a disparar contra os camaradas do R. A. L. 1.

Dado que a situação se está a esclarecer e a tender para a normalidade, o Presidente da República alerta contra manobras de agentes provocadores que poderão aliciar e levar a população a perder a calma e serenidade, levando a uma luta fratricida que só servirá os intentos das forças reacţionárias apostadas em destruir a Democracia Portuguesa.

Que desta lamentável aventura sala mais uma vez reforçada a unidade POVO-M. F. A. e que a população portuguesa dê mais um exemplo ao mundo da sua maturidade cívica."

É transmitido novo comunicado da 5.ª Divisão do E. M. G. F. A. em que se fazia o ponto da situação militar no País:

"As 17,15 horas a situação encontra-se quase normalizada.

Em Tancos a situação está dominada e encontra-se preso o comandante do Regimento de Pára-quedistas, coronel Rafael Durão.

Entretanto fugiram de carro, certamente em direcção à fronteira, os generais Spínola e Galvão de Melo e os comandantes Alpoim Calvão e Rebordão de Brito e o primeiro-tenente Benjamim.

Apela-se para a população que, em colaboração com as Forças Armadas se mantenha vigilante nas fronteiras.

Na G. N. R., Quartel do Carmo, a situação encontra-se também normalizada, tendo conseguido evadir-se o general Damião que, ilegalmente, assumiu o comando.

Reassumiram as suas funções o general Pinto Ferreira e os coronéis Vicente da Silva e Stone.

Nas restantes Regiões Militares do País a situação mantém-se normal.

Até ao momento, só se tem conhecimento de alguns feridos na acção contra o R. A. L. 1."

19,00 — ESPANHA — Spínola, acompanhado de sua mulher e alguns militares, chega à base aérea de Talavera la Real, a 16 km de Badajoz.

22,35 — LISBOA — O Presidente da República, general Costa Gomes, dirige uma mensagem ao País:

"Dirijo-me a todos os portugueses na hora em que mais uma aventura reacţionária foi posta em marcha.

É do conhecimento geral o ambiente alarmista, onde a indisciplina social vem sendo incrementada e explorada, por agitadores profissionais e pseudo-revolucionários, ao serviço das forças da reacção, tudo servindo para criar um clima favorável e críticas conducentes ao desprestígio do M. F. A. e do Governo Provisório.

Segundo o que se encontra já apurado, a manobra reacţionária teve as seguintes linhas mestras:

1.º Criação de um clima geral de intranquilidade política e social em todo o País, como, por exemplo, a agudização de problemas de trabalho, greves nos estabelecimentos de ensino, boicote das leis do Governo Provisório, sabotagem económica, criação de conflitos entre partidos políticos, boatos difamantes das principais personalidades do M. F. A. e do Governo Provisório.

2.º Acção militar divisionista entre Forças Armadas e Militarizadas, lançando-as numa guerra civil.

3.º Agregação, a este plano de elementos civis.

A situação está sob total controle do M. F. A. Entre os responsáveis, menciono, desde já, os seguintes: general na reserva António de Spínola; general da F. A. na reserva, Rui Tavares Monteiro; general do Exército Freire Damião; capitão-tenente, na situação de licença illimitada, Guilherme Alpoim Calvão; coronel na reserva da F. A., Durval Serrano de Almeida; capitão-de-mar-e-guerra Paulo Belmarço da Costa Santos; capitão pára-quedista Rafael Durão; coronel de infantaria na reserva Espadilha Milreu; capitão de infantaria do Q. C. Valério da Silva; capitão de cavalaria do Q. C. Lopes Mateus; capitão de infantaria do Q. C. Almeida Coelho; tenente de infantaria do Q. C. Carlos Alves; tenente de cavalaria do Q. C. Antero Rebelo; tenente de cavalaria do Q. C. Oliveira Santos; coronel de infantaria na reserva, Martiniano Gonçalves; major de cavalaria na reserva, Simões Pereira; major de cavalaria Ferreira Fernandes; major de infantaria Teotónio Pereira; tenente do Q. C. Canavarro e tenente do Q. C. Barros.

Parte destes oficiais já se encontram detidos e todos os responsáveis serão rapidamente julgados e punidos.

Agradeço ao Povo Português a adesão espontânea de todos quantos colaboraram, com recta intenção, na defesa da nossa Revolução. As Forças Armadas determino que redobrem a sua vigilância e se mantenham atentas.

Termino com um apelo nacional à colaboração que necessitamos: calma, ordem, tranquilidade e trabalho para a construção da nossa Democracia. Assim venceremos."

3.2. Actuação das unidades

BASE AEREA N.º 3

DESCRIÇÃO DA ACTUAÇÃO

A actuação da B. A. 3 no golpe contra-revolucionário sintetiza-se nas seguintes acções:

1 — Cerca das 23,30 horas de 10 de Março, chega à unidade o ex-general Spínola, acompanhado do ex-tenente-coronel Quintanilha, ex-major Zuquete, e ex-tenente Rolo que se dirigem a casa (Bairro Militar) do major Martins Rodrigues. Após alguns momentos, chegam ao mesmo local o ex-brigadeiro Morais, general Monteiro, ex-coronel Amaral, ex-comandante Calvão, coronel Durão, coronel Durval, coronel Moura dos Santos, general Damião, tenente-coronel Xavier de Brito, ex-major Simas, major Garoupa e outros.

2 — Cerca das 02,30 horas do dia 11 o comandante da Base, coronel Moura dos Santos, e o coronel Amaral contactam telefonicamente o coronel Proença no Comando da 1.ª Região Aérea, tendo lugar em seguida e ainda em casa do major Martins Rodrigues uma reunião na qual se ultimam os pormenores do golpe a desencadear.

3 — Cerca das 9 horas o coronel Moura dos Santos reúne alguns oficiais e sargentos da unidade, aos quais dá conhecimento do que se vai desenvolver. Simultaneamente o mesmo é feito por alguns oficiais, comandantes de esquadra, ex-major Mira Godinho, major Neto Portugal, e capitão Brogueira em relação aos pilotos das suas esquadras, atribuindo-lhes em seguida as missões respectivas.

4 — Cerca das 9,30 horas, e com a presença do coronel Moura dos Santos, ex-major Zuquete, major Mesquita, ex-major Godinho, major Neto Portugal e outros, é formulada pelo ex-general Spínola uma exortação à acção no golpe contra-revolucionário aos pilotos das esquadras de aviões T-6 e de helicópteros.

5 — Cerca das 10,45 horas, descolam 2 aviões T-6, armados com metralhadoras e ninhos de foguetes anti-pessoal, pilotados pelo major Neto Portugal e segundo-sargento Moreira, tendo como missão o bombardeamento das instalações do R. A. L. 1, antenas da R. T. P. e Forte do Alto do Duque.

6 — Cerca das 11,00 horas descolam 10 Allouettes III, transportando um grupo de 40 pára-quedistas. Dois dos helicópteros estão armados com canhão e tem como missão o bombardeamento do R. A. L. 1. São pilotados pelos ex-major Zuquete e ex-major Godinho, tendo aos canhões os alferes Oliveira e primeiro-cabo Carapeta, respectivamente.

Nesta operação insere-se também o lançamento sobre Lisboa de panfletos, missão que é executada por dois dos helitransportadores, pilotados pelos capitão Oliveira e tenente Jacinto. Os restantes helitransportadores são pilotados pelos alferes Chinita, alferes Afonso, alferes Mendonça, segundo-sargento Ladeira, segundo-sargento Souto e furriel Emanuz.

7 — A mesma hora, descolam 3 aviões Nord-Atlas, transportando uma companhia de pára-quedistas (120 homens) para cerco ao R. A. L. 1.

8 — Cerca das 11,20 horas, descola, com destino a Monte Real — B. A. 5, um avião Aviocar pilotado pelo major Mesquita levando a bordo o ex-coronel Amaral e ex-tenente-coronel Quintanilha em missão de aliciamento. Regressa com estes o major Córias da B. A. 5.

9 — A mesma hora, descolam para Lisboa 2 aviões T-6, desarmados, com a missão de intimidação. São pilotados pelos capitão Faria e alferes Melo, ambos da B. A. 7 e em diligência na B. A. 3.

10 — Cerca das 12,30, descolam 3 Allouettes, transportando 12 elementos para uma acção armada contra as antenas do R. C. P., em Porto Alto. Um dos helicópteros está armado com canhão e é pilotado pelo segundo-sargento Leitão, tendo ao canhão o segundo-sargento Holstein. Os outros dois hélics são pilotados pelos alferes Llorent e segundo-sargento Serra.

11 — Cerca das 13,00 horas, descolam 2 aviões T-6, pilotados pelos segundo-sargento Gomes da Silva e furriel Falcão. Estão armados com metralhadoras e ninhos de foguetes anti-pessoal e têm como missão o ataque ao R. A. L. 1.

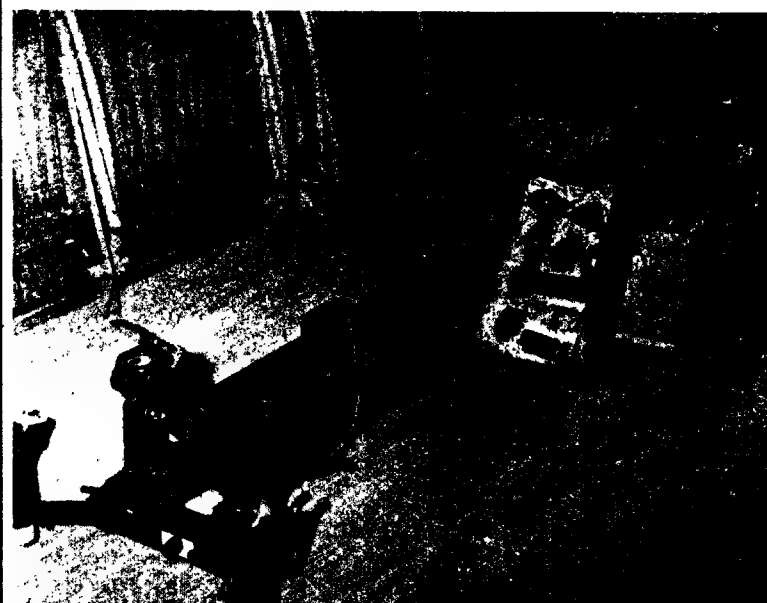
12 — A mesma hora descola um Allouette, armado com um canhão, pilotado pelo alferes Joffe, com o alferes Figueiredo ao canhão, tendo como missão o ataque ao R. A. L. 1 e outros possíveis objectivos.

13 — Cerca das 13,30 horas, descola um helicóptero Allouette III a fim de transportar o ex-brigadeiro Morais, de Tomar para a E. P. C. e no regresso transporta, além deste, o tenente-coronel Ricardo Durão e capitão Salgueiro Maia. Aterram 5 helicópteros All III vindos da B. A. 6.

14 — Cerca das 13,50 horas, descola um helicóptero Allouette II, pilotado pelo



Bagagem pessoal do ex-general Spínola apreendida pelo pessoal da B. A. 3. Salienta-se as barbas postiças utilizadas como disfarce, e os óculos que usava para ler os discursos



Interior do aviocar que levou a "Talavera la Real" a tripulação que trouxe de regresso a Portugal os quatro hélics e transportou de Espanha as armas levadas pelos fugitivos. Vê-se o canhão desmontado do hélic que protegeu do ar os fugitivos na B. A. 3



Os quatro helicópteros All III recuperados

RELATÓRIO PRELIMINAR SOBRE O GOLPE CONTRA-REVOLUCIONÁRIO DE 11 DE MARÇO DE 1975

tenente-coronel Quintanilha o qual se desloca com o major Cóias à B. A. 5.

15 — Cerca das 14,30 horas, descolam para Lisboa 2 aviões T-6, armados com metralhadoras e ninhos de foguetes anti-pessoal, pilotados pelos segundo-sargento Jordão e segundo-sargento Carvalho, tendo a missão de ataque a objectivos não apurados e intimidação da população.

16 — A mesma hora, descolam 2 aviões Nord-Atlas, transportando uma companhia de tropas pára-quedistas (75 homens) para Lisboa, para reforço da companhia anterior.

17 — Ainda à mesma hora, descolam 2 aviões Aviocar, transportando 25 homens (pára-quedistas) para Monte Real — B. A. 5.

18 — Cerca das 15,00 horas, descola um Allouette III, armado com canhão, tendo como missão o ataque às antenas da Emissora Nacional. É pilotado pelo segundo-sargento S. e Silva e leva ao canhão o capitão Jordão.

19 — A mesma hora, descolam 2 aviões T-6, desarmados, pilotados pelo alferes Melo e alferes Correia, com a missão de intimidação.

20 — Cerca das 15,30 horas, descola um Allouette III a fim de transportar o capitão Ramos à E. P. C., Batalhão de Comandos e COPCON, não executando estas duas últimas missões.

21 — A mesma hora, descolam 2 aviões T-6, armados com metralhadoras e ninhos de foguetes anti-pessoal, para ataque a objectivos ainda não identificados e intimidação da população. São pilotados pelo segundo-sargento Brandão e pelo furriel Bragança.

22 — Ainda à mesma hora, descolam 2 Allouettes III, um transportando para o Regimento de Caçadores Pára-quedistas o ex-general Spínola e alguns elementos e outro armado com canhão para protecção daquele ex-oficial durante a sua permanência naquela unidade. São pilotados pelos ex-major Zuquete e ex-major Godinho, respectivamente.

23 — Cerca das 16,20 horas, descolam 4 Allouettes III, um equipado com canhão, que faz a protecção dos restantes, nos quais efectua a fuga os elementos já conhecidos.

REGIMENTO DE CAÇADORES PÁRA-QUEDISTAS

DESCRIÇÃO DA ACTUAÇÃO

A actuação do Regimento de Caçadores Pára-Quedistas no golpe contra-revolucionário sintetiza-se nas seguintes acções:

1 — Cerca das 8,30 horas, o comandante-coronel Rafael Durão depois de determinar a entrada da Unidade na situação de prevenção rigorosa, reúne os oficiais e sargentos, diligência que volta a efectuar com oficiais apenas cerca das 9,00 horas, informando-os sobre a operação que vai desenrolar-se e das forças que iriam ser empenhadas.

2 — Cerca das 10,30 horas, sai da Unidade um grupo de combate de 40 homens, comandados pelo capitão Sebastião Martins, que da Base Aérea n.º 3 é helitransportado para Lisboa, tendo como missão efectuar um heliassalto às instalações do R. A. L. 1, com desembarque a "varrer" no interior desta Unidade e após o bombardeamento da mesma por aviões T-6 e helicânhões. O desembarque deste grupo vem a verificar-se nas imediações da referida Unidade, desenvolvendo-se o ataque a partir daí.

3 — Cerca das 11,00 horas, sai uma companhia com 120 homens, comandados pelo capitão Augusto Martins o qual é acompanhado do comandante das forças empenhadas major Mensurado, que da B. A. 3 é transportada em aviões

Nord-Atlas para Lisboa—A. B. 1 Têm como missão efectuar o cerco ao R. A. L. 1, imediatamente após o assalto (desembarque no interior desta do grupo helitransportado).

4 — Cerca das 13,30 horas, sai outra companhia com 100 homens, comandada pelo capitão Bação da Costa Lemos, que da B. A. 3, é transportada em aviões Nord-Atlas e Aviocar, para Lisboa—A. B. 1 (75 homens) e Monte Real—B. A. 5 (25 homens). Têm como missão, em Lisboa reforçar a companhia anterior e em Monte Real assegurar a defesa da B. A. 5.

5 — Entretanto e cerca das 9,30, o coronel Rafael Durão estabelece contacto telefónico, através do qual, ordena que:

a. A companhia de pára-quedistas destacada em Lisboa no D. G. A. F. A., e comandada pelo capitão Silva Pinto, seja deslocada para o Aeroporto onde lhe compete assegurar a defesa das instalações e pistas;

b. A companhia de pára-quedistas destacada na B. A. 6 — (Montijo), comandada pelo capitão Terras Marques, assegura a defesa desta Unidade, na qual iriam aterrar e abastecer as aeronaves empenhadas no golpe com excepção dos aviões Nord-Atlas.

6 — Cerca das 15,00 horas, aterra na unidade um helicóptero pilotado pelo ex-major piloto Zuquete, transportando o ex-general Spínola, ex-comandante Calvão, ex-brigadeiro Morais e outros, os quais se reúnem com o coronel Durão, vindo mais tarde a juntar-se-lhes o tenente-coronel Ricardo Durão e capitão Salgueiro Maia.

7 — Cerca das 15,15 horas e por pedido do comandante da B. A. 3, é destacada para aquela Unidade, uma companhia comandada pelos capitães Albuquerque Pinto e Valente dos Santos, tendo como missão, neutralizar o movimento das praças e sargentos que se haviam sublevado e assegurar a defesa das aeronaves.

8 — Ao longo do dia, verificam-se na Unidade, e por parte de alguns oficiais, diligências várias integradas nas operações em curso, tais como:

- Corte de comunicações para o exterior;
- Transporte de munições para a B. A. 3;
- Aliciamento de pessoal para operações tipo "golpe de mão";
- Convencimento do pessoal para o interesse do golpe em curso; etc.

REGIMENTO DE ARTILHARIA LIGEIRA N.º 1

(EXTRACTOS DO RELATÓRIO DO R. A. L. 1, ELABORADO PELO SENHOR MAJOR DE ARTILHARIA DINIS DE ALMEIDA).

Cerca das 11,55 horas foi o R. A. L. 1 violentamente atacado de surpresa por uma força constituída por dois T-6 e um número de helicópteros (2 a 4) que não posso precisar com exactidão.

Foram usados "rockets" e granadas de helicânção de 20 mm, além de metralha diversa de calibre inferior.

Ficaram feridos diversos militares (15), com intensidade e lesões de gravidade variável. Faleceu devido à gravidade dos ferimentos recebidos, cerca das 16,00 horas de 11 de Março de 1975, o soldado Joaquim Carvalho Luls.

O ataque ao R. A. L. 1 era esperado. Contudo não sabíamos com exactidão qual a forma, o dia, a hora, e muito menos o processamento das operações em curso ... Os avisos eram repetidos, com grandes variações e extremamente desgastantes pela tensão psicológica a que éramos submetidos. Foram es-

tudadas as posições mínimas de defesa. Carecíamos de antiaéreas e de pessoal enquadado para as ocupar ... Também assumiu particular insistência um boato de que seríamos atacados por meios aéreos pseudo-provocados por uma antiaérea colocada no exterior do quartel, manejada obviamente pelos atacantes.

A reacção ao ataque foi boa a despeito da sua intensidade. Debaixo de fogo, a companhia operacional (B. O. 88) conseguiu ocupar os três prédios fronteiriços, cuja altura (10 andares) lhes dá uma dominância total táctica sobre os arredores. Saiu ainda uma secção blindada que furou com facilidade o cerco montado pelas forças sitiadas (pára-quedistas), e se dirigiu ao Depósito Geral de Material de Guerra, colocando-o à nossa disposição.

Foram distribuídas armas à população civil ... mediante entrega ou registo da respectiva identificação ...

... Das conversações efectuadas com o major Mensurado e capitão Sebastião Martins, não me ficaram quaisquer dúvidas do conhecimento de causa com que participavam no assalto. A sua desistência no ataque deve-se apenas a dois factores importantes:

1.º A resistência encontrada, e o reconhecer que as posições mais estratégicas, designadamente os três torresões de 10 andares, se encontravam já nas nossas mãos;

2.º A quebra psicológica verificada nas suas bases (sargentos e praças), ao reconhecerem que estavam a lutar contra os interesses da população.

Durante o ataque verificou-se a fuga do major Isaias Póvoas Guiné, que abandonou o seu quartel nas horas mais graves, situação que motivou a sua expulsão do R. A. L. 1.

... O auxílio da população civil foi factor decisivo durante o ataque. A importância deste factor sugeriu-me a criação de Companhias Operacionais Permanentes, profissionais, capazes de enquadrar reservistas (milícias) em alturas críticas ...

... O C. I. A. A. C. funcionou com uma prontidão extraordinária...

BASE AÉREA N.º 5

DESCRIÇÃO DA ACTUAÇÃO

O comandante da Base Aérea n.º 5 (Monte Real), coronel Naia Vêlhinho, na sequência de uma indicação que lhe é transmitida de Lisboa por via normal, coloca essa base em estado de Prevenção Rigorosa cerca das 11,00 horas do dia 11 de Março de 1975. Dessa situação decorreu a manutenção em alerta dos aviões a jacto F-86, armados com metralhadoras.

Pouco depois aterra na Base um avião Aviocar vindo de Tancos (B. A. 3), o qual transporta o ex-tenente-coronel Quintanilha, então adjunto do Chefe da 2.ª Repartição do E. M. F. A., e o ex-coronel Amaral, na situação de reserva. Estes vão à presença do comandante da B. A. 5 a quem, na presença dos maiores pilotos aviadores Simões e Ayala, anunciam a existência de uma operação comandada superiormente pelo ex-general Spínola e, pelo C. E. M. F. A. no caso da Força Aérea, a qual pretende "repor a pureza do espírito do 25 de Abril". O ex-tenente-coronel Quintanilha revela que a operação já se terá iniciado com um ataque aéreo ao R. A. L. 1 e pede então ao coronel Vêlhinho que envie aviões F-86 para fazer passagens baixas de intimidação sobre o R. A. L. 1, Avenida da Liberdade e COPCON.

O comandante da base hesita, telefona para os seus superiores em Lisboa — donde não obtém esclarecimento — e,

finalmente ordena a partida da primeira parêntese de aviões a jacto F-86, cerca das 13,22 horas, comandada pelo major Ayala, a qual cumpre a missão que fora pedida ao coronel Vêlhinho, sendo alvejada no COPCON.

Entretanto o major Simões faz uma sessão de esclarecimento aos pilotos da esquadra dos jactos F-86, explicando-lhes por sua vez aquilo que ouvia no gabinete do comandante da base. Nessa sessão alguns oficiais manifestam-se abertamente desconfiados e descrentes do que lhes é dito, opondo-se a colaborar naquilo que consideram um golpe das direitas.

Não obstante o comandante manda descolar a segunda parêntese de F-86, comandada pelo capitão piloto aviador Calhau, o qual acabará por sobrevoar os mesmos pontos de Lisboa e ainda a estrada Santarém-Lisboa. A ambas as parênteses foi dada ordem de não abrir fogo.

Cerca das 14,35 o ex-tenente-coronel Quintanilha volta à base de Monte Real de helicóptero, seguido por dois aviões Aviocar transportando pára-quedistas; al tenta garantir a neutralidade dessa base, ameaçando, inclusivamente, que os pára-quedistas a ocupariam.

Em seguida, quando alguns sargentos, alertados por camaradas de Lisboa, tentam prender o ex-tenente-coronel Quintanilha, este foge no helicóptero acompanhado pelos Aviocar com pára-quedistas que, entretanto, se tinham mantido sobrevoando a base de Monte Real. As três aeronaves regressam então a Tancos.

BASE AÉREA N.º 6

DESCRIÇÃO DA ACTUAÇÃO

1 — Cerca das 9,40 horas por ordem do comandante, coronel piloto aviador Moura de Carvalho são postos de alerta todos os meios aéreos, os aviões Fiat-G91, helicópteros AL III, enquanto se tomam medidas para defesa imediata da Unidade, utilizando a companhia de Polícia Aérea conjuntamente com a companhia n.º 122 de pára-quedistas comandada pelo capitão Terras Marques, que se encontrava estacionada na B. A. 6.

2 — As 11,15 horas a Unidade entra de prevenção rigorosa.

3 — Cerca das 11,50 horas aproximam-se dois helicópteros AL-III, estando um armado. O héli desarmado aterra numa das ruas de acesso à placa, tendo deixado um pára-quedista ferido e cujo piloto também vem a ser recuperado pelo helicânção uns metros mais à frente.

4 — Pelas 12,00 horas é convocada pelo comandante uma reunião de oficiais.

5 — As 12,20 horas descolam 5 helicópteros com destino a Tancos (B. A. 3) tendo um deles transportado o pára-quedista ferido ao Hospital da Força Aérea no Lumiar juntando-se aos outros na Chamusca.

6 — Estes helicópteros uma vez aterrados na Base Aérea n.º 3 não têm qualquer envolvimento na acção contra-revolucionária, tendo apenas o ex-major piloto aviador Zuquete da Fonseca utilizado um deles na fuga para Espanha.

ACTUAÇÃO DO GRUPO DE ATAQUE AO EMISSOR DO RÁDIO CLUBE PORTUGÊS EM PORTO ALTO

DESCRIÇÃO DA ACTUAÇÃO

A actuação do grupo que atacou a antena do Rádio Clube Português no Porto Alto, no golpe contra-revolucionário, sintetiza-se nas seguintes acções:

1 — A partir de 8 de Março de 1975 houve várias reuniões com a presença dos seguintes elementos civis:

- Miguel Champalimaud.
- José Carlos Champalimaud.
- António Infante Ribeiro da Cunha.
- José Maria da Costa Vilar Gomes.
- Eurico José da Costa Vilar Gomes.
- João Diogo Alarcão de Carvalho Branco.
- Gonçalo Bettencourt Ávila.
- António Simões de Almeida.

e dos seguintes militares:

- Coronel Durval Serrano de Almeida.
- Ex-major Vítor Manuel Silva Marques.
- Primeiro-tenente Nuno Barbieri.
- Alferes miliciano piloto-aviador Jorge Costa de Oliveira.

O primeiro-tenente Nuno Barbieri pede aos civis a sua colaboração para a protecção ao ex-general Spínola e ao general Tavares Monteiro.

2 — São constituídos dois grupos:

1.º Grupo:

- Miguel Champalimaud.
- António Infante Ribeiro da Cunha.
- José Maria Vilar Gomes.

que fazem protecção ao general Tavares Monteiro quando este faz vários contactos em Lisboa, na noite de 9 para 10 e no dia 10. Este grupo na noite de 10/11 acompanha o ex-general Spínola para Tancos.

2.º Grupo:

- José Carlos Champalimaud.
- João Diogo de Alarcão Carvalho Branco.
- Gonçalo Bettencourt Ávila.
- António Simões de Almeida.
- Alferes Jorge de Oliveira.

que fazem protecção ao general Tavares Monteiro na noite de 10/11 quando se desloca para Tancos. São acompanhados de Lisboa para Tancos pelo primeiro-tenente Nuno Barbieri, ex-major Silva Marques e coronel Durval.

3 — Em Tancos são divididos por duas equipas para, em helicópteros, assaltarem e silenciarem o Rádio Clube Português no Porto Alto.

4 — Fardam-se de camuflados e armados dirigem-se ao Porto Alto. Entram nas instalações do primeiro-tenente Nuno Barbieri, ex-major Silva Marques, Miguel Champalimaud, António Ribeiro da Cunha e José Maria Vilar Gomes. Os restantes elementos do Grupo montam a segurança à volta das instalações, enquanto estas são sobrevoadas por um helicânção. O ex-major Silva Marques dispara rajadas sobre os geradores e é retirada uma peça do transmissor.

5 — Voltam nos hélis para a B. A. 3 e montam a segurança à pista enquanto descolam os hélis em que fogem o ex-general Spínola e acompanhantes.

6 — São postos no exterior da B. A. 3 por héli, pelo Alferes Jorge Oliveira, pondo-se em fuga. Interceptaram uma viatura para atingirem a fronteira.

7 — São detidos à saída de Portalegre.

GUARDA NACIONAL REPUBLICANA

DESCRIÇÃO DA ACTUAÇÃO

A actividade operacional no dia 11 de Março, limitou-se ao que segue:

— As 12,30 horas é preso o comandante-geral e outros oficiais, no Quartel do Carmo.

— As 14,15 horas, um pelotão de motoblindados "Shortland" sai do quartel do Regimento de Cavalaria da G. N. R., no Cabeço de Bola, a fazer escala ao general Damião daquele quartel para o do Carmo. Regressa cerca das 16,00 horas ao Cabeço de Bola quando o general abandona o Comando-Geral.

— As 14,25 horas sai do mesmo quartel outro pelotão de motoblindados com a missão de ocupar e desligar a antena da R. T. P. em Monsanto. Tendo encontrado o local ocupado por forças do COPCON que lhe impediram a entrada, o pelotão da G. N. R. regressou ao Quartel onde entrou cerca das 15,45 horas. O comandante deste pelotão levava uma mensagem destinada a ser transmitida pelo comando da 1.ª Região Aérea, em Monsanto, para Tancos, em que se pedia uma acção aérea na zona da antena. Esta mensagem não chegou a ser entregue pois o pessoal daquele Comando não permitiu a entrada a nenhum dos elementos da Guarda, tendo, por isso, sido enviada posteriormente para Tancos através de um estafeta da Brigada de Trânsito, que

RELATÓRIO PRELIMINAR SOBRE O GOLPE CONTRA-REVOLUCIONÁRIO DE 11 DE MARÇO DE 1975

só ali chegou quando o golpe já estava totalmente dominado.

— Cerca das 14,45 horas saem dois pelotões de infantaria do Batalhão n.º 1 com a missão de controlarem, respectivamente, as O.G.F.E. em Santa Clara e os Serviços de Intendência da G.N.R., na Graça. Regressaram aos quartéis, também sem terem cumprido as missões, dado que os responsáveis pela segurança das referidas instalações a isso se opuseram.

— Cerca das 17,00 horas rendem-se os revoltosos e o general comandante reassume as suas funções, tendo momentos antes fugido o general Damião, tenente-coronel Xavier de Brito, major Garoupa e tenente Barros, refugiando-se na Embaixada da Alemanha Federal.

Tanto quanto, até agora, foi possível averiguar resulta que o aliciamento da G. N. R. terá partido do tenente-coronel Xavier de Brito, de resto uma das pessoas que, com maior antecedência, surge envolvido em reuniões com outros conspiradores.

Este oficial que, até pouco depois do 28 de Setembro, prestou serviço na G. N. R., como comandante do respectivo Regimento de Cavalaria, foi quem, na manhã de 11 de Março se apoderou do comando da unidade, perante a passi-

vidade do seu comandante legítimo, o major Simões Pereira. Mantinha frequentes contactos com o ex-general e foi ele, quando comandante daquele Regimento, que nomeou o tenente Gouveia de Barros para montar a segurança da residência de Massamá. O tenente Barros parece também ter tido influência determinante nos acontecimentos. O tenente-coronel contacta e leva à presença do ex-general Spínola, na manhã de 10, o major Rosa Garoupa que adere, e que por sua vez, aborda o general Damião (com larga folha de serviços prestados na G. N. R. e até à pouco seu comandante-geral) que se prontificou a "assumir" o comando da corporação. O capitão Lopes Mateus que, com a colaboração de outros oficiais e perante a passividade ainda de outros, prende o seu legítimo comandante-geral, teria sido para isso aliciado pelo tenente-coronel Xavier de Brito, com mais de uma dezena de dias de antecedência.

4. CONCLUSÕES

4.1. Generalidades

Como já foi acentuado, um dos objectivos das forças contra-revolucionárias, nacionais e internacionais, era a tomada do poder político através do golpe spinolista.

A conspiração falhou porque na prova decisiva, a da força, o Povo e o M. F. A. venceram. Numa análise superficial e à distância poderá parecer que demasiado facilmente. Mas não tenhamos ilusões, se o R. A. L. I tivesse calado (e no Plano de Operações dos conspiradores não se contava só com 6 T-6, 8 hélic, 6 hélic-canhões e 200 pára-quedistas) o que de um ponto de vista militar "teórico" não é impossível de conceber, pode por-se a questão se o restante aparelho militar da conjura, mencionado em diversos processos, não teria sido desencadeado. É que se tropas pára-quedistas e alguns pilotos puderam ser enganados "a frio" será lógico pensar que outros militares e unidades poderiam com maior facilidade ter sido enganados ou aliciados numa situação real de guerra aberta e inicialmente vitoriosa.

4.2. Razões do fracasso do golpe

As razões essenciais, quanto a nós, assentaram nos seguintes erros de análise:

— Os sectores da população que efectivamente desejam o retorno ao passado são minoritários;

— Foi subestimada a capacidade militar do R. A. L. I;

— Foi sobrevalorizada a capacidade de mobilização das unidades militares baseando-se apenas na hierarquia formal e tradicionalista;

— Foi subestimada a capacidade política e militar do M. F. A., a capacidade de mobilização de massas e o poder da aliança POVO-M. F. A.

De todos os erros de cálculo cometidos pelas forças reaccionárias estamos porém convictos de que o erro fundamental foi o esquecerem-se que o Povo só de novo a ser sujeito activo da sua própria história, participando em massa nos grandes momentos decisivos da vida nacional, o que se comprovou pela sua pronta, decidida e muito importante actuação na defesa do processo revolucionário.

4.3. Consequências

A principal consequência do golpe contra-revolucionário foi a clarificação da situação política, desbloqueando estruturas que entravavam o Processo Revolucionário. Isto porque foram desfeitas algumas convicções sobre a possibilidade dos sectores reaccionários serem capazes de acompanhar pacificamente um caminho para o socialismo cuja aparente lentidão foi tomada de fraqueza. Das medidas que se tomaram seguidamente podem destacar-se como mais importantes, a Institucionalização do Movimento e a criação do Conselho da Revolução, as nacionalizações da Banca e dos Seguros e de outros sectores básicos da economia nacional e por último a Plataforma de Acordo com os Partidos Políticos.

Será contudo errado pensar-se que o processo social vai estabilizar-se como que por magia. Os inimigos da actual situação política vão aproveitar todos os seus defeitos, todos os erros que se cometerem na via política e social em curso, para influenciar os vacilantes.

Será de prever que a boicotagem do aparelho produtivo se intensifique por parte da reacção, dos sectores afectos ao capitalismo internacional e de todos os anti POVO-M. F. A. Será de prever também que sectores esquerdistas, pseudo-revolucionários, procurem anarquizar as estruturas empresariais, avancem reivindicações absurdas ou provoquem desordens. Enfim, será difícil distinguir um dos outros de tal modo os objectivos são semelhantes: voltar a criar as condições propícias ao desencadeamento de novo golpe contra-revolucionário.

4.4. Recomendações

De forma a tomarem-se medidas que correspondam ao avanço do processo revolucionário e afigurem ao máximo futuras acções contra revolucionárias, esta Comissão recomenda:

— Continuação de tomadas de medidas firmes e decisivas que conduzam de forma irreversível e sem tibiezas a uma sociedade Socialista.

— Fomentar e apoiar iniciativas de organização das massas populares que imponham uma disciplina adequada, ordem democrática em todos os locais de trabalho e um efectivo controle do aparelho de produção.

— Saneamento das estruturas do aparelho de Estado de forma a permitir o rigoroso cumprimento das decisões do Governo.

— As forças militarizadas deverão ser enquadradas na estrutura das F. A. de forma a garantir a ordem democrática, actuando ao serviço do Povo Português.

— Promover o saneamento e democratização das F. A., e incrementar a todos os níveis a informação e esclarecimento político.

DOCUMENTOS ANEXOS

ANEXO 1

RELAÇÃO DOS IMPLICADOS NO GOLPE CONTRA-REVOLUCIONÁRIO

A Comissão de Inquérito que, directa ou indirectamente colheu informações de mais de um milhar de pessoas, apresenta seguidamente a relação dos implicados, até ao momento no 11 de Março.

Conforme se menciona no texto deste relatório continuam as averiguações tendentes à avaliação de responsabilidades de outros possíveis implicados.

É importante esclarecer que para a Comissão de Inquérito o termo "implicado" supõe a intervenção directa ou indirecta no 11 de Março, não significando qualquer juízo de valor que só ao Tribunal Militar Revolucionário compete.

Ex-primeiro-tenente fuzileiro Benjamim Lopes de Abreu (ausente).
Ex-coronel piloto-aviador Carlos António de Quintanilha Reis de Araújo (ausente).
Ex-capitão-tenente fuzileiro Alberto Rebordão de Brito (ausente).
Ex-capitão-tenente Guilherme Almor de Alpoim Calvão (ausente).
Miguel Vilar de Bó S. Champalimaud (ausente).
Ex-segundo-tenente fuzileiro João Catulos Cansado Corvo (ausente).
Ex-major piloto-aviador Jaime Tomás Zuquete da Fonseca (ausente).
Ex-major piloto-aviador António Manuel de Sales Mira Godinho (ausente).
Ex-primeiro-tenente José Maria Silva Horta (ausente).
Ex-major José Eduardo Fernando Sanches Osório (ausente).
Tenente-coronel Alexandre M. G. Dias Lima (ausente).
Ex-major de artilharia Vítor Manuel Silva Marques (ausente).

Ex-brigadeiro Francisco José de Moraes (ausente).
Ex-primeiro-tenente Carlos Alberto Juzarte Rolo (ausente).
Capitão Armado Ramos (ausente).
Ex-primeiro-tenente fuzileiro Raúl Eugénio D. da Cunha e Silva (ausente).
Ex-major Carlos Alberto da S. Pinto e Simas (ausente).
Ex-tenente-coronel Vasco Augusto da S. Pinto e Simas (ausente).
Ex-general António Sebastião Ribeiro de Spínola (ausente).
Tenente de cavalaria QC António Gonçalves Canavarro Teixeira Rebelo.
Major de artilharia Fernando José de Moraes Jorge.
Segundo-sargento da G. N. R. António Farinha Dionísio Alves.
Soldado da G. N. R. José Rosendo Prates Calado.
Alferes pára-quedista SG Domingos Francisco Marquinhos Camboias.
Soldado da G. N. R. António Joaquim Carrilho.
Tenente pára-quedista Levy da Silva Correia.
Segundo-cabo da G. N. R. José Florival Gens Gomes.
Alferes pára-quedista SG José Valentim Gomes.
Capitão pára-quedista Manuel Bação da Costa Lemos.
Primeiro-sargento da G. N. R. António Ramos Lopes.
Capitão pára-quedista José Manuel Terras Marques.
Capitão pára-quedista Armando Almeida Martins.
Capitão do Exército Eduardo Alberto de Veloso e Matos.
Soldado da G. N. R. Martinho de Sousa Merêncio.
Major Luís José dos Santos Mesquita.
Soldado da G. N. R. António Marvanejo Miranda.
Segundo-sargento da G. N. R. António Mendes Monteiro.
Médico Bernardino José da C. Gonçalves Moreira.
Soldado da G. N. R. José Anastácio Nunes.
Alferes pára-quedista SG Joaquim Manuel Pualino.
Capitão pára-quedista José Manuel Silva Pinto.

Primeiro-cabo da G. N. R. João Quinteros dos Santos.
Primeiro-cabo da G. N. R. Cândido José Teixeira.
Capitão de infantaria Virgílio C. Vieira da Luz Varela.
Capitão piloto-aviador Vítor Manuel Martins Jorge.
Capitão piloto-aviador João Carlos da Silva Calhau.
Tenente miliciano piloto Fernando António Félix Lourenço.
Tenente miliciano José Alberto Gouveia Barros.
Capitão Norberto Crisante de Sousa Bernardes.
Capitão Carlos Alberto Moreira de Bettencourt.
Capitão Henrique de Moraes da Silva Caldas.
Tenente-coronel António da Silva Osório Soares Carneiro.
Aspirante fuzileiro António Joaquim Areias de Carvalho.
Segundo-tenente fuzileiro Manuel Maria Pereira de Castro Centeno.
Major da G. N. R. Rui dos Santos Ferreira Fernandes.
Aspirante da Academia Militar Mário Rui Correia Gomes.
Capitão pára-quedista José Maria da Silva Gonçalves.
Aspirante da Academia Militar António Arnaldo R. B. Lopes Mateus.
Segundo-tenente Pedro Henrique Malheiro R. de Meneses.
Capitão-de-fragata Heitor Prudêncio dos Santos Patrício.
Tenente-coronel piloto Sérgio Duarte Carrilho da Silva Pinto.
Capitão de artilharia Rui Manuel Martins Reis.
Capitão-de-mar-e-guerra (Res.) Paulo Manuel B. da Costa Santos.
Major piloto-aviador Joaquim Manuel Matono Cóis.
Capitão de artilharia Carlos Alberto Marques Abreu.
Alferes miliciano piloto-aviador Gil José Vaz Afonso.
Estudante António Maria R. Simões de Almeida.
Tenente da G. N. R. Armando Carlos Alves.
Empregado de escritório Gonçalo B. Correia e Ávila.

Major piloto-aviador Bernardo Manuel Dinis de Ayala.
Primeiro-tenente Nuno Manuel Osório de Castro Barbieri.
Major de cavalaria Nuno Álvaro de Couto Bastos de Bivar.
Furriel miliciano piloto Manuel Rosa Bragança.
Empregado de escritório João Diogo Alarcão de Carvalho Branco.
Segundo-sargento miliciano piloto Jaime Manuel de Melo Brandão.
Capitão piloto-aviador João César França Brogueira.
Tenente-coronel João de Almeida Bruno.
Tenente piloto Adelino José da Silva Cardoso.
Alferes da G. N. R. António Farias Carvalho.
Segundo-sargento miliciano piloto-aviador José Manuel Henriques de Campos Carvalho.
Gerente comercial José Carlos V. S. Champalimaud.
Capitão da G. N. R. José de Almeida Coelho.
Alferes miliciano piloto-aviador Abel Dias Correia.
Tenente da G. N. R. Albino Araújo Corria.
Tenente piloto Agostinho José Barbosa do Couto.
Comerciante António I. Ribeiro da Cunha.
General António Ferreira de L. Freire Damião.
Coronel pára-quedista Rafael Ferreira Durão.
Tenente-coronel de cavalaria Ricardo Durão.
Furriel miliciano piloto António Pedro Costa Quintela Emauz.
Furriel miliciano piloto Raul Augusto Duarte Condessa Falcão.
Tenente da G. N. R. José Alberto Gomes Rosado Ferreira.
Tenente pára-quedista José Manuel Duarte Fernandes.
Capitão F. A. Fernando Abel Ferreira.
Major da P. S. P. Luís António de Moura Casanova Ferreira.
Alferes piloto Rui Joffe Soares Dias Ferreira.
Alferes miliciano piloto-aviador Luís Filipe Mateus Palma de Figueiredo.
Tenente piloto-aviador Vítor Manuel Sequeira Fróis de Figueiredo.

Major João António Branco M. da Rosa Garoupa.
Vendedor de automóveis Eurico José da Costa Vilar Gomes.
Agente comercial José Maria da Costa Vilar Gomes.
Coronel da G. N. R. (Res.) José Martiniano Moreno Gonçalves.
Tenente piloto Fernando Esteves Guerra.
Tenente piloto Alfredo Jordão Henriques.
Segundo-sargento piloto Bernardo de Sousa e Holstein.
Major pára-quedista José Henrique Catroga Inês.
Tenente miliciano piloto Joaquim António Norte Jacinto.
Segundo-sargento piloto Adriano Francisco O. Martins Jordão.
Capitão piloto-aviador Mário José Bento Jordão.
Segundo-sargento piloto António José Oliveira Ladeiras.
Segundo-sargento miliciano piloto António Manuel Carroudo Leitão.
Capitão da G. N. R. Fernando José da Câmara Lomelino.
Capitão pára-quedista José Augusto Martins.
Capitão pára-quedista Sebastião José Pinheiro Martins.
Capitão da G. N. R. Afonso Eduardo de M. Lopes Mateus.
Alferes miliciano piloto-aviador José Manuel Ribeiro Mendonça.
Major pára-quedista Joaquim Manuel T. Mira Mensurado.
Coronel da G. N. R. (Res.) Manuel Pereira Espadinha Milreu.
Alferes miliciano piloto José Manuel Belo C. de Mira.
Brigadeiro piloto-aviador Jorge Manuel Brochado Miranda.
Major de cavalaria Manuel Soares Monge.
General piloto-aviador (Res.) Rui Tavares Monteiro.
Segundo-sargento miliciano piloto Carlos Manuel Leite Moreira.
Coronel Carlos José Machado Alves Morgado.
Tenente da F. A. António Rogério Magalhães da Mota.
Major da F. A. (Res.) Luís Aires da Câmara Sá Nogueira.
Alferes piloto Flávio Vítor Paulino Llaurent.

DOCUMENTOS ANEXOS

- CONFIDENCIAL -

INSTRUÇÕES PARA O PESSOAL DA DILIGÊNCIA EM MASSAMÁ

1. Resposta à mensagem que determina a abertura do envelope com a seguinte mensagem:
"INFORMO DIA 27 DO CORRENTE"
2. TOME AS SEGUINTE DISPOSIÇÕES:
 - a. Dobrar as sentinelas e colocá-las nos pontos indicados no anexo 1
 - b. Todo o pessoal deverá estar permanentemente pronto para a defesa da residência;
 - c. Pessoal dos postos armados de G3 e com uma granada de mão;
 - d. Colocar vigias nas janelas da casa destinada ao pessoal;
 - e. Só será permitida a entrada a pessoas depois de autorização expressa do Exmº General. Mesmo assim deverá proceder-se a rigorosa identificação. As pessoas autorizadas pelo Exmº General a entrar devem ser acompanhadas desde o portão de entrada à residência e vice-versa;
 - f. Controlar as refeições de modo a que não seja reduzido o efectivo dos postos.
3. Quando, mais tarde receber a mensagem: "INFORME SE RECEBEU GUIAS DE MARCHA", deve responder: "AFIRMATIVO".
Esta mensagem significa que vai o efectivo aí existente, ser reforçado com um Pelotão blindado, pelo que deve tomar as seguintes disposições:
 - a. Cinco minutos depois de receber a mensagem, mandar abrir o portão da entrada de modo a permitir que as viaturas entrem o mais rapidamente possível. Montar, durante a entrada das viaturas, um sistema de segurança junto ao portão e regular o trânsito;
 - b. Com a chegada do Pelotão montar o sistema de segurança constante do anexo 2, tendo em atenção que o condutor e o chefe de viatura das autos substituem os postos anteriores.

A partir da chegada do Pelotão o indicativo rádio passará a ser "L 6 SEPTEMBER"

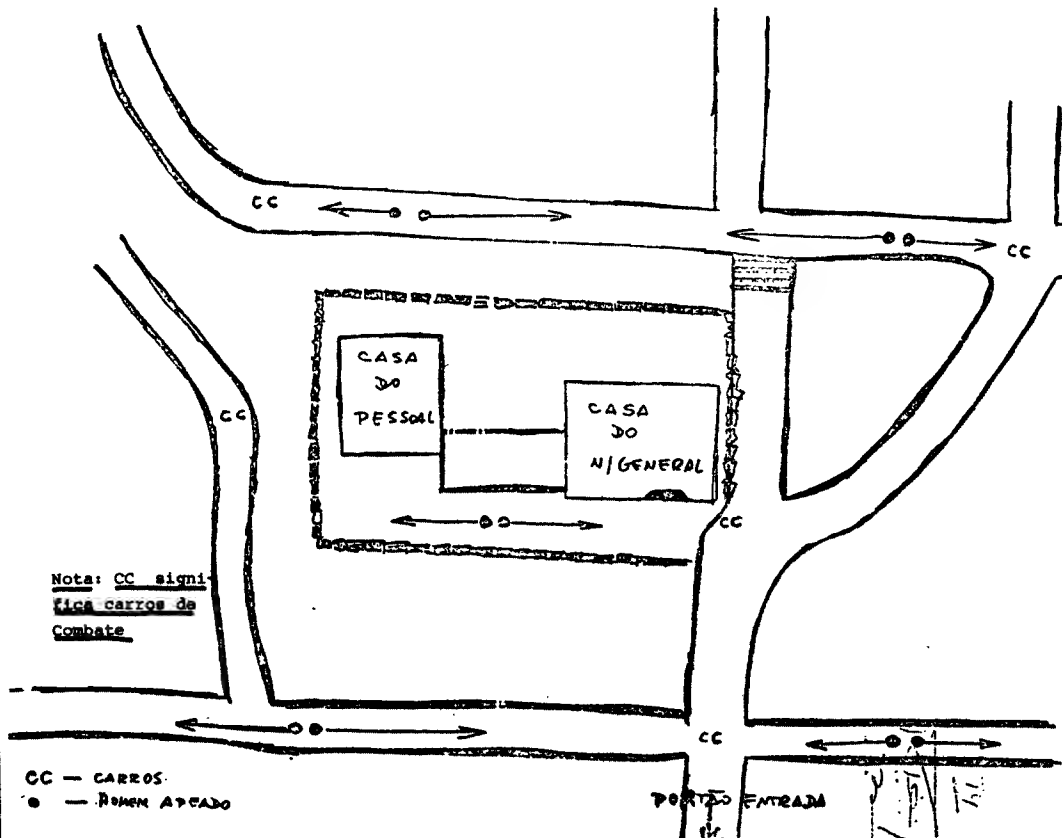
Sempre que queira transmitir qualquer das mensagens transcritas no verso indique apenas a palavra que as antecede.
Exemplo: Para transmitir a mensagem "TUDO NORMAL" deverá dizer apenas "LEÃO".

LEÃO.....TUDO NORMAL
PANTERA.....PEÇO REFORÇO DE PESSOAL
OVELHA.....ESTAMOS A SER ALVEJADOS
CÃO.....PEDIMOS REFORÇO DE PESSOAL
GATO.....PEDIMOS RECOMPLEMENTO DE MUNIÇÕES
Lince.....PEDIMOS VIVERES
CABRA.....CHEGOU O PELOTÃO BLINDADO
LEBRE.....PEÇO PRESENÇA DE GOLF BRAVO
GATO.....GENERAL PEDE PRESENÇA DE... (dizer nome ou indicativo rádio)
RAPOSA.....PEÇO MÉDICO
VRADO.....PEÇO EVACUAÇÃO DE FERIDOS
CORUJO.....CONTACTE POR TELEFONE
LORD.....PEÇO TÉCNICO DE TRANSMISSÕES
LEÃO.....TELEFONE MILITAR AVARIADO
ZEBRA.....TELEFONE CIVIL AVARIADO
BUPALO.....GENERAL VAI SAIR AS... (dizer as horas)
CHACAL.....GENERAL REGRESSOU

PARA TRANSMITIR MENSAGENS CORTESAS UTILIZE A LINGUAGEM NORMAL TENDO SEMPRE SEMPRE PRESENTE QUE DEVE SER BREVE E APENAS REPORTAR O INDISPENSÁVEL

ANEXO 6

RELATÓRIO DA DILIGÊNCIA DA G. N. R. EM MASSAMÁ RELATIVA SEGURANÇA DA RESIDÊNCIA DE ANTONIO DE SPINOLA

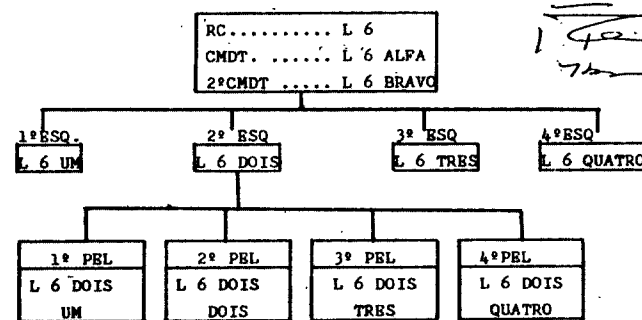


PLANO EXTRAORDINÁRIO DE DEFESA DA RESIDÊNCIA DE SPINOLA E RESPECTIVAS INSTRUÇÕES PARA A ACTUAÇÃO DO 2º ESQUADRO.

- CONFIDENCIAL -

INSTRUÇÕES PARA A ACTUAÇÃO DO 2º ESQUADRO

1. REDE RADIO STORNO



2. REDE RADIO RACAL

CMDT. DO ESQ. GOLF BRAVO
" 1º PEL..... PAPA ROMBO
" 2º " ALFA BRAVO
" 3º " ALFA TANGO
" 4º " ALFA OSCAR

3. CONSTITUIÇÃO DO ESQ.

Será formado por uma sec. de comando c/3 viaturas e 4 Pel. sendo o 1º e o 2º constituídos por 5 viat, o 3º por 6 viat. e o 4º pelas restantes.
Pessoal: guarnições completas. Sempre que haja necessidade de actuação de pessoal apodado cada viatura transportará, além das guarnições, 2 homens armados de G3 sob o comando do ten. Leão Martins.
Caso os efectivos não sejam suficientes, poderá reforçar-se com os 15 homens do EC que constituem reserva.
O 3º PEL destina-se à segurança da residência do Exmo. General Spínola, sob o comando do ten. Taborda. Quando este oficial estiver em posição deve executar o planeamento na posse do sargento da diligência MASSAMÁ.

RELATÓRIO DA DILIGÊNCIA DA GNR EM MASSAMÁ RELATIVA A

SEGURANÇA DA RESIDÊNCIA DE ANTONIO SPINOLA

GUARDA NACIONAL REPUBLICANA

REGIMENTO DE CAVALARIA

ACORDOS E ENTENDIMENTOS COM O EXMO. GENERAL SPINOLA
O DIA 27.

EMISSÃO 5.ª Div.
Recebido em 4.12.1975
P.º N.º 1721

1. CONSIDERAÇÕES GERAIS

- a. Havia Quinta em Massamá habitada há muitos anos pelo Exmo. General Spínola e sua família, para sua segurança, constituída de uma força de segurança de Cavalaria da Guarda Nacional Republicana constituída por:
 - 1 Sargento
 - 15 Praças
 - 1 Rancheiro
- b. Esta força encontrava-se em diligência por período de 30 dias.
- c. Como Chefe de Segurança, organizador e orientador estava nomeado o ten. BARROS de quem todos dependiam.
- d. Dadas as características do local area fortemente arborizada, mantinham-se 5 pontos de sentinela à volta da residência e ao longo das 24 horas do dia e, desde Janeiro, tinha sido instalado um dispositivo de segurança por arameado constituído por granadas de incandescência e fios de arameado, de forma a impedir a entrada de qualquer pessoa não autorizada, bem como os meios empregados.
- e. Ao portão da entrada principal da quinta mantinham-se duas sentinelas, um plantão que dava conhecimento ao Sargento cmdt. da força - através de um telefone de campainha, - do movimento de entradas e saídas. A ordem do cmdt. da força e após este contactar com o ex-CHEFE ou sua esposa era transmitido ao plantão a ordem de sim ou não autorizar a entrada. Depois das 22h e no caso de não haver ninguém estante para sair, o plantão recolhia o portão para uma posição mais próxima da porta da residência propriamente dita.

AO SARGENTO DA DILIGÊNCIA EM MASSAMÁ

ABRA ESTE ENVELOPE QUANDO RECEBER A SEGUINTE MENSAGEM:

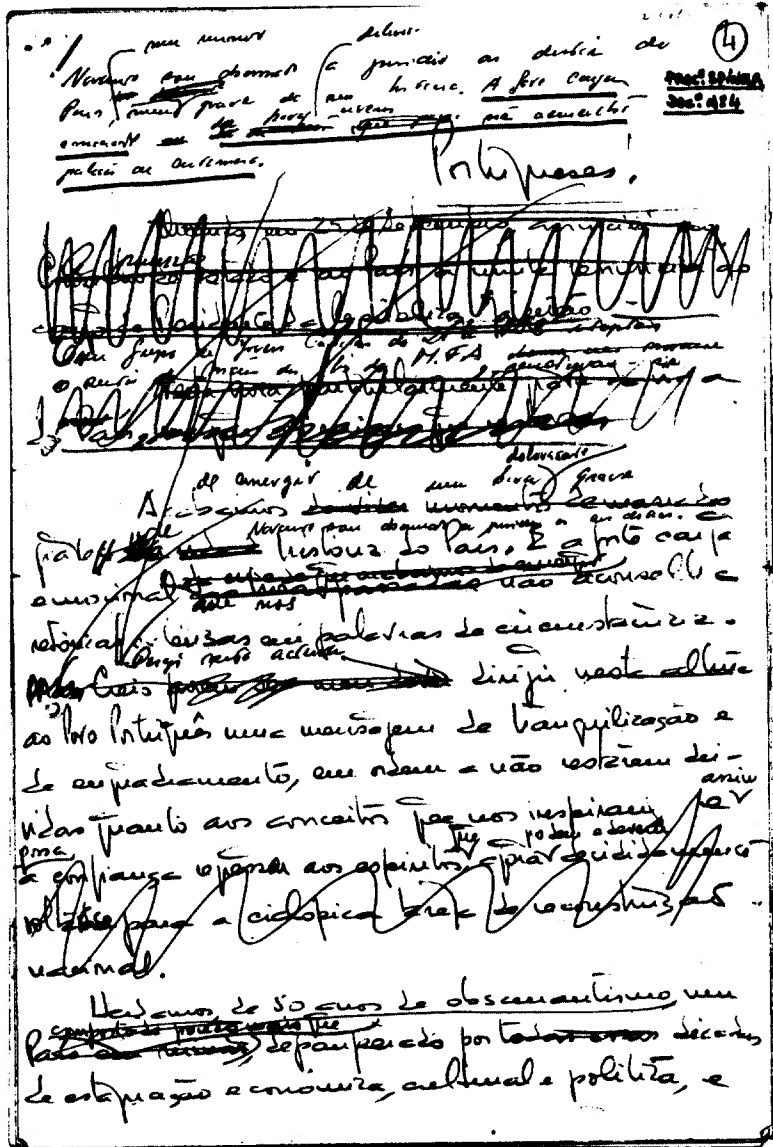
"INFORME PARA QUANDO ESTA PREVISTA A SUBSTITUIÇÃO DA VIATURA AÍ EM SERVIÇO"

E, DE IMEDIATO, EXECUTE AS DIRECTIVAS NELE CONTIDAS

DOCUMENTOS ANEXOS

1 FOTOCÓPIA DO RASCUNHO FEITO PELA SECRETARIA COM EMENDAS DE SPÍNOLA.

ANEXO 7



FEITA PELA COMISSÃO DE INQUÉRITO

PORTUGUESES

Um grupo de jovens capitães do 25 de Abril interpretou o sentir da maioria dos oficiais do M. F. A.

Acabamos de emergir de uma hora dolorosamente grave. Novamente sou chamado a presidir aos destinos da história do País. É a forte carga emocional que não nos aconselha a retóricas extensas em palavras de circunstância porque é altura de dirigir ao Povo Português uma mensagem de tranquilização e de enquadramento, em ordem a não restarem dúvidas quanto aos conceitos que nos inspiram.

Herdamos, de 50 anos de obscurantismo um País depauperado por décadas de estagnação económica, cultural e política e sangrado por uma guerra sem fim e sem essência. Fui dos que denunciei, politicamente, e em condições bem na memória de todos as profundas contradições do regime deposto, desencadeando com essa atitude a gesta militar começada com o pronunciamento das Caldas da Rainha e culminada com o Movimento do 25 de Abril.

Aderi ao Movimento desde a primeira hora como a ele aderiram todos quantos desejavam para este País a paz, o progresso e a justiça social que a velha autocracia afastava. Ninguém já mais teve razão alguma para equivocar-se quanto ao idealismo progressista que sempre expendi publicamente.

A minha adesão, direi mesmo, a minha participação no Movimento das Forças Armadas resultou assim perfeitamente clara, inequívoca e coerente.

Por isso mesmo estive sempre em posição privilegiada para detectar toda a desvirtuação posterior do seu Programa; e durante os escassos meses da minha permanência no cargo de Presidente da República lutei quanto pude para evitar que a boa fé dos meus camaradas, a sua mesma ânsia de liberdade e de justiça fosse usada como instrumento de implantação de nova ditadura. As Forças Armadas e o País aderiram, entusiasticamente ao programa que era de facto, eminentemente nacional. Mas não se pense ser esse o programa proposto por um grupo que se batia nos bastidores pelo controle do movimento.

Já foi divulgado por responsáveis, agora afastados, que o primitivo programa era diferente. Estou agora em posição de revelar ao País que o programa inicialmente proposto ao M. F. A. por um pequeno grupo de oficiais que se infiltrara nos seus quadros directivos, era o programa de um partido político de extrema-esquerda; houve que o banir, substituindo-o por um programa de salvação nacional. E foi este último que concitou a adesão dos militares e do Povo — não podendo consentir-se na tentativa da sua substituição pelo primitivo logo após o triunfo do Movimento. As especiosas interpretações que ulteriormente se elaboraram sobre o programa conhecido do País não foram mais do que deliberados esforços de regresso ao programa inicial. Dessa traição bem poucos se aperceberam.

Bem pouca gente neste País conheceu a forma como noutros países os povos foram privados da liberdade em nome da democracia sob a bandeira da luta anti-fascista. O processo em fases de infiltração de elementos da extrema-esquerda nos partidos políticos para os desarticular; a tomada de assalto dos centros de poder das autarquias e dos órgãos de informação; as depurações maciças sob acusações forjadas para intimidar os quadros; o controle dos sindicatos; a organização de milícias revolucionárias armadas na clandestinidade; a provocação da crise económica logo atribuída às facções contrárias; a neutralização das Forças Armadas e policiais; a criação de um clima em que essa extrema-esquerda surge como única voz com expressão; a intervenção ostensiva das milícias armadas; o assalto final ao poder central e a implantação de uma nova ditadura apoiada nos mesmos métodos policiais de terror e opressão.

Devo esclarecer que não estou descrevendo o que se iria passar entre nós mas antes o processo desenvolvido na Checoslováquia em 1946 e 1947. Que daí os Portugueses tirem as devidas lições.

O País será o que o Povo Português desejar que ele seja. E se os Portugueses desejarem de facto um regime de extrema-esquerda, não será legítimo a isso oporem-se as minorias. Pois que a liberdade de um Povo só será uma causa nobre se esse mesmo Povo a desejar. E a ninguém é lícito libertar outrém contra a própria vontade do libertado. Todavia, tudo se encaminha, tal como noutros lugares do Mundo e noutros momentos, para privar de facto o Povo Português dessa liberdade de escolha, mesmo à custa da destruição do Pouco que restava da ruína que já éramos.

Custou-nos chegar ao que chegámos para acordar do adormecimento em que os falsos projectos da liberdade vieram mergulhando o País desde o 25 de Abril, e mais agudamente, desde o 29 de Setembro. Com o ópio das palavras mágicas e a intimidação, a pouco e pouco, os extremistas envenenaram os espíritos e abriram o caminho do caos. Felizmente, porém, o País despertou. E bem poderemos, nesta altura, celebrar a data que vivemos como retorno à pureza de espírito de 25 de Abril.

Postas estas considerações chegou-se à altura de definir os princípios que nos informam e a nossa expressão do P. T. M. para o futuro.

Pois que o País não pode mais viver de incertezas; e o saber-se com que se conta é hoje essencial ao ressurgimento nacional.

Começarei por afirmar a nossa indestrutível vinculação ao idealismo democrático que entendo como única via pacífica de actuação de uma sociedade verdadeiramente livre, onde cada cidadão possa dispor da sua pessoa e cooperar com responsabilidade na vida política e social. Sociedade onde a liberdade, a justiça e a solidariedade mútua são valores fundamentais e onde a norma essencial do Estado seja uma democracia que pela sua própria natureza se constitua na via pacífica e construtiva de um socialismo de iniciativa, fim último de qualquer perspectiva justa de evolução política, económica e social. Entendo, para tanto, que todo o poder deve submeter-se ao controle público, competindo ao Estado instituir-se guardião da democracia, e impedir que qualquer interesse privado se sobreponha ao interesse geral. Disso será responsável o Governo perante a Nação. Na ordem política depende portanto um regime parlamentar com independência dos poderes do Estado e responsabilidade do Governo perante o Parlamento. Estabelecidos desse modo, no pluralismo político e na responsabilidade do Governo, a garantia da legitimidade das leis, defendemos o primado da lei e na ordem, da mais rígida disciplina cívica. Quero com isto dizer que tenho por lícita toda a manifestação de opinião em apoio ou desapoio das leis e medidas dotadas ou dos actos governativos; e como tal considero de extrema utilidade toda a afirmação da opinião pública directa, através da imprensa ou da via institucional. Mas se considero lícito discordar da lei, já não penso que deva consentir-se que a lei seja ofendida ou violada, nem que a ofensa à lei possa desculpar-se sob as liberdades democráticas. Entendo, pois, que se se deve ser democrático na feitura da lei, a democracia exige a mais firme autoridade na exigência do seu cumprimento. Creio pois haver chegada a altura de passar em revista a situação do País.

Na ordem económica, julgo imperioso desenvolver o esforço de adaptação às modificações da estrutura social, em ordem a um desenvolvimento equilibrado. A propriedade privada dos meios de produção tem direito a protecção e estímulo, pois é aí que reside a ordem natural e portanto é essa a via para o desenvolvimento acelerado de que necessitamos. Mas não deve esquecer-se que a concentração cada vez maior do capital é uma das características da economia moderna, pelo que se impõe evitar que essa concentração desloque para as grandes concentrações de capital um poder crescente, com tendência para usurpar o poder do Estado. Acha-mos porém que é através da concorrência das empresas públicas que as tendências monopolísticas podem e devem ser combatidas, sendo a apropriação colectiva conveniente e necessária tão somente quando e onde as relações de forças não possam ser equilibradas de outro modo.

Entendo ainda que a ordem económica deve tender à transformação de cada um em titular privado de um certo capital próprio, através de uma justa e cada vez mais equitativa distribuição dos rendimentos. Para tanto os fins a prosseguir pelo Estado devem contemplar quer a distribuição da acumulação de capital a título de propriedade, que a sua afectação a fins colectivos. A socialização visualiza-se assim por uma crescente intervenção do Estado na economia, intervenção todavia controlada institucionalmente pelos próprios instrumentos da democracia que haverão de desenvolver-se e incentivar-se à luz da sua responsabilidade social: os partidos políticos e sindicatos, em especial estes últimos, a cuja estruturação será dada atenção prioritária.

Eis, nas suas linhas gerais, o idealismo que em meu entender me deve inspirar. Mas o País não pode transformar-se de um dia para o outro; até porque todos estes meses se perderam na consolidação de posições partidárias, em vez de terem sido constitutivamente gastos na edificação da democracia.

Somos assim obrigados a alterar, não o calendário inicial, mas os parâmetros em que a Democracia Portuguesa se institucionalizará.

Será proclamado o estado de sítio, que se manterá até ao pleno funcionamento das novas instituições democráticas. Entretanto serão previstas e reformuladas certas leis essenciais, contemplando a constituição e a base dos partidos políticos, de liberdade de imprensa, de exercício de direitos fundamentais, de resolução de conflitos de trabalho, de saneamento da função pública, de funcionamento das autarquias, de recenseamento eleitoral. Estas tarefas serão cumpridas até Março de 1975.

Entretanto iniciar-se-á o processo de eleição para as autarquias locais: freguesia e concelho. Cada eleição será precedida de uma campanha eleitoral de 30 dias prevendo-se que o processo se inicie em Março de 1975, terminando em Julho de 1975. O recenseamento eleitoral deverá portanto terminar antes de Março de 1975.

Em lugar da Assembleia Constituinte, a nova Constituição será votada por referendo. Para tanto, cada partido político autorizado, recorrendo às convenções que achar convenientes, elabora a sua proposta de Constituição. As propostas de Constituição, juntamente com o programa do partido político, a escolha do respectivo candidato à Presidência da República e as suas listas de deputados deverão estar concluídas em Setembro de 1975, sendo nessa data apresentados ao País. Seguir-se-á uma campanha eleitoral de 60 dias, realizando-se em Novembro de 1975 as eleições gerais em que o Povo Português escolherá de uma só vez, o Presidente da República, a Constituinte por que deseja reger-se, o programa do Governo que deseja executar e os deputados na Assembleia Nacional.

As novas instituições assumirão os poderes imediatamente após o conhecimento do resultado dessas eleições. Até então vigorará a Constituição Provisória elaborada na decorrência do programa do M. F. A.

Eis, quanto entendi dever dizer ao País. Termino com a garantia formal de que se cumprirão os prazos inicialmente fixados; e de, sem embargo das necessidades imperativas de forma, agora introduzidas, o programa do M. F. A. se cumprirá integralmente nos seus objectivos políticos e sociais.

Chegou então a hora de decisão, a confiança, do trabalho construtivo e útil, da acção. Todos teremos que dar tudo pela democratização e pelo progresso do País. E nessa tarefa nos empenharemos certos que, finalmente, estamos no caminho certo, interpretando o sentir da maioria dos Portugueses e dando desde já o mais seguro penhor de que tudo faremos para honrar a sua confiança.

PARTIDOS E CANDIDATOS



- 1 General Carlos Galvão de Melo, (ind.), oficial da Força Aérea, 53 anos.
- 2 António Pais Pereira, eng.º civil, 53 anos
- 3 António Carvalho Fernandes, estudante, 26 anos
- 4 Maria Eunice da Conceição Lima Dagge, proprietária, 39 anos.
- 5 José Ferreira Dias, comerciante, 45 anos
- 6 Isabel Maria Pintado de Miranda Carvalho Fernandes, professora, 22 anos
- 7 José Amândio Carvalho Monteiro, emp. de escritório, 38 anos
- 8 Maximiano Coelho de Almeida Magalhães, vendedor, 45 anos
- 9 Casimiro de Vasconcelos Figueiredo, empregado bancário, 21 anos
- 10 José Dias de Figueiredo, trabalhador-estudante, 27 anos



- 1 Sérgio Vilarigues, 60 anos, salsicheiro
- 2 António Bica, 36 anos, advogado
- 3 Américo da Costa e Sousa, 49 anos, motorista
- 4 Carlos Afonso Paiva, 55 anos, técnico de contas
- 5 Diamantino de Oliveira Henriques, 44 anos, médico
- 6 Manuel Pereira Miguel, 31 anos, pequeno agricultor
- 7 Carlos Aníbal Pereira Teles, 37 anos, ferroviário
- 8 Alfredo Campos Assunção, 34 anos, empregado de armazém
- 9 Emília Gonçalves da Silva Martins, 40 anos, doméstica
- 10 José Raul Dias, 40 anos, empregado comercial



- 1 Fernando Monteiro do Amaral, 50 anos, advogado
- 2 José Francisco Lopes, 62 anos, advogado
- 3 Carlos Alberto Coelho de Sousa, 34 anos, oficial do Exército, reformado
- 4 Vítor Manuel Freire Boga, 33 anos, guarda-livros
- 5 Maria Augusta da Silva Simão, 34 anos, funcionária pública
- 6 Nuno Guimarães Taveira Gama, 32 anos, gerente do hospital
- 7 Bráulio Afonso de Sousa, 43 anos, médico
- 8 Álvaro Barros Marques de Figueiredo, 41 anos, agricultor



- 1 João Vaz Serra de Moura, advogado
- 2 João Osório de Almeida Mateus, notário
- 3 António Pardete da Fonseca, assistente social
- 4 António Oliveira Pinto, engenheiro
- 5 José Luis Crespo de Carvalho, estudante
- 6 António Moraes de Oliveira, regente agrícola
- 7 José de Oliveira Batista, lavrador
- 8 Maria Isabel Amaral da Silva, regente agrícola



- 1 João Lima, advogado
- 2 Alvaro Monteiro, advogado
- 3 Luís Almeida Henriques, médico
- 4 Florindo Adolfo Marques, funcionário da C. G. D.
- 5 Júlio Miranda Costa, operário metalúrgico
- 6 Armando Lopes, advogado
- 7 Fernanda Torres, prof. ensino secundário
- 8 Manuel João Leirão, estudante
- 9 Rui Santos, prof. ensino secundário
- 10 Barroco de Melo, eng.º técnico

- 9 António Teixeira de Aguiar, lavrador
- 10 José Tavares Moraes da Cunha, funcionário público

PONTO ELEITORAL

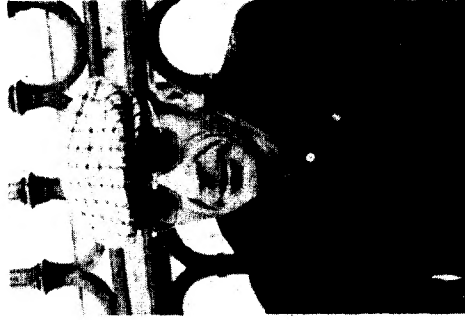
Lisboa, terça-feira, 22 de Abril de 1975



FERNANDO MONTEIRO. 21 anos, militar, residente em Almada.

1.ª Não percebo nada de política e nem quero mesmo perceber. Quanto ao que vamos eleger, estou completamente abstrato nesse campo.

2.ª Não sei o que é uma Constituinte.



FRANCISCO ALVES. 50 anos, trabalhador, residente em Torres Novas.

1.ª Realmente eu não sei o que vamos eleger.

2.ª Também não sei o que é uma Constituinte.



MANUEL GERMANO MARCELINO. 40 anos, motorista, residente em Parede.

1.ª Não sei nem me interessa. Não estou nada interessado nessas coisas de política. A mim só me ensinaram a trabalhar e mais nada.

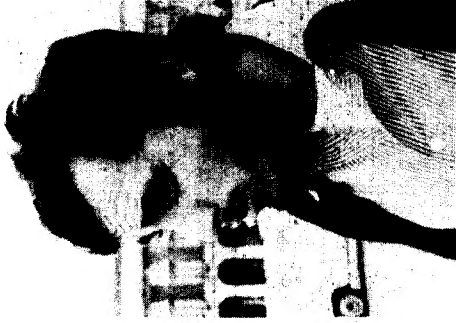
2.ª Não sei o que é uma Constituinte. Pouco tempo tenho para



JOAQUIM JOSÉ ROCHA. 20 anos, desenhador, residente em Setúbal.

1.ª O que vamos eleger é uma Assembleia Constituinte.

2.ª Realmente não sei, porque 48 anos de obscurantismo não me permitiram ter ideias claras sobre esse e outros assuntos políticos. Na verdade tudo o que fosse política nos estava vedado. Penso aliás que deve ha-



DOMINGOS PEDRO. 24 anos, militar, residente em Lisboa.

1.ª Sei mais ou menos o que vamos eleger. Dentro daquilo que sei e do esclarecimento que me deram compreendo o que se vai passar.

2.ª Para responder a essa pergunta julgo não estar ainda devidamente esclarecido. Na verdade não me tenho interessado muito pelo assunto.



AUGUSTO LUÍS. 24 anos, estudante, residente em Almada.

1.ª Estas eleições são para eleger uma Assembleia Constituinte.

2.ª Para lhe dizer a verdade, de concreto não sei o que é, contudo tenho uma ideia muito pessoal sobre isso. É uma ideia muito particular.

Que vamos nós eleger — um partido, um Governo, um chefe de Estado?

Sabe o que é uma Constituinte?

ver gente muito mais culta do que eu e que politicamente ainda não está esclarecida.

JOSÉ FERNANDES ESTEVES DE SOUSA. 17 anos, estudante, residente em Almada.

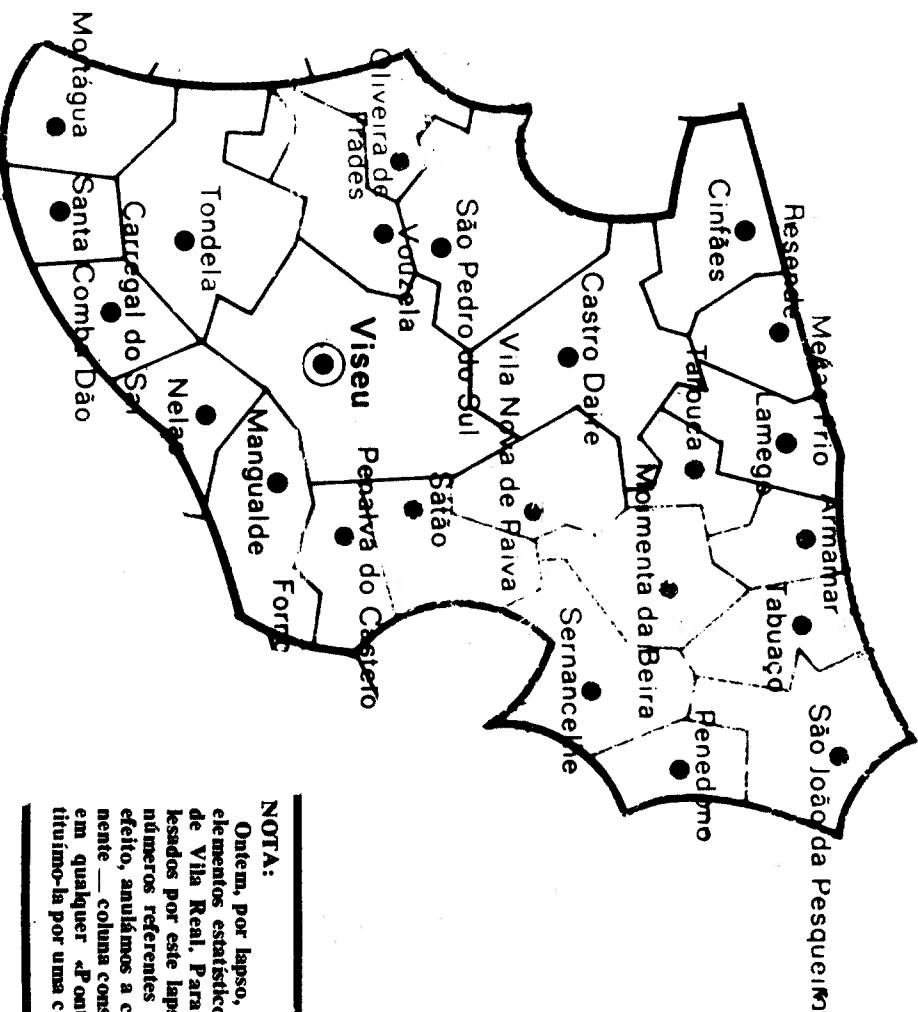
1.ª Bem por mim acho que vamos eleger um Governo que nos sirva a todos.

2.ª Quanto ao que é uma Constituinte não tenho na verdade de uma ideia certa.



ra essas coisas e não faço uma ligeira ideia do que irá sair daqui.

PORTUGAL 75



UISEU

ELEMENTOS ESTATÍSTICOS



População

Nível:		
População residente no meio do ano de 1973 (em milhares)	VILA REAL	UISEU
Homens	249,6	391,7
Mulheres	120,2	183,6
Total	129,4	208,1
População activa em 1970 (em milhares)	80,9	134,4
Porcentagem da população residente	30,3%	32,6%
Evolução:		
Evolução entre 1960 e 1970	Diminuiu em 13	Diminuiu em 23
Densidade:		
N.º médio de habitantes por km²	60	80
Emigração:		
N.º de habitantes que emigraram oficialmente entre 1960 e 1970	35.096	46.784
Mortalidade:		
N.º médio de óbitos por mil habitantes (1973)	12,6	12,4
Mortalidade infantil, por mil nascidos-vivos (1973)	86,5	55,9
Porcentagem de óbitos de crianças com menos de um ano de idade	9,8%	8,2%
N.º total de óbitos	3.155	4.872
Óbitos tendo por causa tuberculose do aparelho respiratório e pneumonias (1973)		

NOTA:
 Ontem, por lapso, saíram alguns números errados nos elementos estatísticos que publicámos sobre o distrito de Vila Real. Para que os nossos leitores não sejam lesados por este lapso, publicamos hoje, novamente, os números referentes ao distrito de Vila Real. Para este efeito, anulámos a coluna relativa aos valores do cont-nente — coluna constante e, por isso mesmo, consultável em qualquer «Ponto Eleitoral», anterior — e substituímo-la por uma corrigida respeitante a Vila Real.

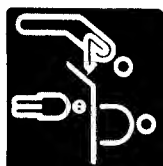
Número	239	283
Porcentagem do total dos óbitos	7,6%	5,8%
Óbitos tendo por causa enterites e outras doenças diarreicas (1973)	229	199
Porcentagem do total dos óbitos	7,3%	41,1% p

Natalidade:		
N.º médio de nascimentos por mil habitantes (1973)	21,2	20,9
N.º total de partos (1973)	5.410	8.284
Partos em estabelecimentos de saúde com internamento (1973):		
Número	1.182	2.203
Porcentagem do total de partos	21,8%	26,6%
Partos sem qualquer assistência	3.638	4.446
Porcentagem do número total	67,2%	53,7%



Saúde

N.º total de estabelecimentos de saúde incluindo farmácias e postos (1973)	169	249
N.º de estabelecimentos de saúde com internamento (1973)	14	29
N.º de camas existentes	629	2.224
N.º de médicos	54	115
N.º de maternidades	0	0
N.º de habitantes por estabelecimento	17.829	13.507



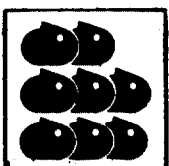
Educação

Estabelecimentos de ensino:		
De ensino infantil	4	6
De ensino primário	1.028	1.356
De ensino preparatório	26	36
De ensino liceal	12	27
No ensino técnico	12	8
No ensino superior	1	2
Em outros tipos de ensino	3	8
Total	1.086	1.443

Alunos matriculados (1973):		
No ensino infantil	5	9
No ensino primário	162	1782
No ensino preparatório	332	646
No ensino liceal	193	347
Do ensino técnico	196	149
Do ensino superior	8	27
De outros tipos de ensino	40	43
Total	1.936	3.003

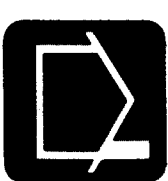
Pessoal docente (1973):		
Do ensino infantil	192	290
Do ensino primário	36.636	52.580
Do ensino preparatório	5.346	8.282
Do ensino liceal	3.749	6.885
Do ensino técnico	2.230	2.279
Do ensino superior	12	75
De outros tipos de ensino	528	562
Total	48.695	70.953

Centinas escolares (1973):		
Total	72	273
N.º de alunos beneficiados	5.118	14.898



Actividades culturais

N.º de bibliotecas existentes (1973)	2	2
Museus existentes	3	5
N.º de receptores existentes	7.274	12.447



Construção de habitações

N.º de fogos construídos para habitação (1973)	524	918
--	-----	-----



Energia eléctrica

N.º de consumidores (1973)	42.169	81.011
Consumo total de energia eléctrica em 1000 kwh (1973)	52.066	296.563
Consumo total por habitante em kwh (1973)	209	757

Comércio

Estabelecimentos comerciais		
por grosso e a retalho (1968):		
Total	3.580	6.591
Com de uma a três pessoas ao serviço	3.262	6.183

% Impostos

Imposto profissional:		
N.º de contribuintes (1973)	4.357	6.841
Rendimentos tributados (em milhares de contos - 1973)	281,8	348,2
Imposto complementar:		
N.º de contribuintes (1973)	1.172	2.735
Rendimentos colectáveis (em milhares de contos - 1973)	187,3	466,3

Divisão de propriedades

Explorações agrícolas:		
(com menos de 0,5 ha)	10.914	27.378
Entre 0,5 e 5 ha	25.249	47.676
Entre 5 e 20 ha	3.915	2.434
Entre 20 e 50 ha	234	157
Entre 50 e 200 ha	36	31
Entre 200 e 1000 ha	2	0
Entre 1000 e 2500 ha	0	0
(com mais de 2500 ha)	0	0
Total	40.350	77.676
Porcentagem das explorações por conta própria	75,8%	88,2%



Produção, poupança e remessas de emigrantes

Produto interno bruto do distrito em percentagem do valor total do continente (1970)	1,6%	1%
Produto interno bruto por habitante em contos (1970)	9,3	15,8
Poupança total por habitante em contos	2,8	4,5
Poupança dos particulares por habitante em contos (1970)	1,3	2,1
Remessas de emigrantes recebidas no distrito, em milhões de contos	09	1,1

O DISTRITO DE UISEU PERANTE AS CONSTITUINTES

Previsão da população com 18 ou mais anos em 31 de dezembro	258.400
Número definitivo	261.218
Número de deputados	10
Número de assembleias e secções de voto	580